



**CRÔNICAS DE UMA
DR^a BORBOLETA**

(Re) Inventando a Saúde pelo Afeto

Cléo Lima

editora



redeunida

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Alcindo Antônio Ferla

Coordenação Editorial

Alcindo Antônio Ferla

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
Alcindo Antônio Ferla - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Ángel Martínez-Hernández - Universitat Rovira i Virgili, Espanha
Angelo Steffani - Universidade de Bolonha, Itália
Ardigó Martino - Universidade de Bolonha, Itália
Berta Paz Lorigo - Universitat de les Illes Balears, Espanha
Celia Beatriz Iriart - Universidade do Novo México, Estados Unidos da América
Dora Lucia Leidens Correa de Oliveira - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Emerson Elias Merhy - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Izabella Barison Matos - Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
João Henrique Lara do Amaral - Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Julio César Schweickardt - Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil
Laura Camargo Macruz Feuerwerker - Universidade de São Paulo, Brasil
Laura Serrant-Green - University of Wolverhampton, Inglaterra
Leonardo Federico - Universidade de Lanus, Argentina
Lisiane Böer Possa - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Liliana Santos - Universidade Federal da Bahia, Brasil
Mara Lisiane dos Santos - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
Márcia Regina Cardoso Torres - Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil
Marco Akerman - Universidade de São Paulo, Brasil
Maria Luiza Jaeger - Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil
Maria Rocineide Ferreira da Silva - Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Ricardo Burg Ceccim - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Rossana Staeve Baduy - Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Sueli Goi Barrios - Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Túlio Batista Franco - Universidade Federal Fluminense, Brasil
Vanderléia Laodete Pulga - Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
Vera Lucia Kodjaoglanian - Fundação Oswaldo Cruz/Pantanal, Brasil
Vera Rocha - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Comissão Executiva Editorial

Janaina Matheus Collar

João Beccon de Almeida Neto

Fotografia e grafismo - Capa

Felipe Eugênio

Edição do texto

Felipe Eugênio

Designer Gráfico - Capa

Ingryd Calazans Affons

Projeto gráfico e diagramação

Luciane de Almeida Collar

Bibliotecária Responsável

Jacira Gil Bernardes

Série Arte Popular, Cultura e Poesia

Cléo Lima

CRÔNICAS DE UMA DR^a BORBOLETA

(Re)Inventando a Saúde pelo Afeto

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

L732c Lima, Cléo

Crônicas de uma dra. borboleta : (re)inventando a Saúde pelo afeto

[recurso eletrônico] / Cléo Lima ; prefácio de Emerson Elias Merhy.

– Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015.

p. 209 : il. – (Série Arte Popular, Cultura e Poesia)

ISBN: 978-85-66659-01-6

1. Saúde da criança - Afeto. 2. Brinquedoteca - Hospitais. 3. Criança hospitalizada - Recreação. 4. Crônicas. I. Merhy, Emerson Elias. II. Título. III. Série.

CDU: 371.695:61

NLM: WS105.5

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.
Copyright © 2015 by Cleo Lima

1ª Edição
Porto Alegre, 2015
Rede UNIDA

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br



À minha família; Bruna, Thaís, Kaio, Lucas e Mallu. A todos que me propiciaram fazer parte de suas vidas, ainda que por minutos, dias...

A cada paciente (eu prefiro amigos), acompanhantes, mães e pais. A toda equipe que borboletaram comigo nesta trajetória; e que dividiram comigo seus saberes; contudo, não ousou citar nomes para evitar injustiças com os amigos médicos (a), técnicas (o) de enfermagem, seguranças, recepcionistas, equipe de limpeza, nutrição, todos os gestores; enfim, a cada um de todos os departamentos do Pronto Socorro.

Ao César M. Araújo e Felipe Eugenio, um especial muito obrigado pela empolgação, mobilização e contribuição rumo ao norte desta escrita. Grata!

A Aline, que gentilmente abriu a porta de sua casa em Santa Tereza onde compartilhamos as primeiras leituras; á Lica e Jefferson, Nina, César, Cláudio, Gustavo e todos que ali estiveram conosco.

Crônicas de uma Dr^a Borboleta



Ao Emerson Merhy e Alcindo Ferla, por me impulsionarem a lançar este livro.

Aos amigos que fizeram possível um voo ao desconhecido e que acreditam que o imaginável produz vida... Meu muito abrigado!



Prefácio para Borboleta,

o que muito me honra

Em um longo cine-documentário, Utopia e Barbárie, Silvio Tendler vai nos apresentando muitas das mais dramáticas experiências humanas vividas no século XX. Narra os enormes genocídios que várias apostas de muitos coletivos produziram.

A morte dos mais de 60 milhões de pessoas na Segunda Grande Guerra, os milhões de Cambojanos eliminados pelo Kmer Vermelho, os milhões de vítimas das práticas colonialistas de várias nações europeias, consideradas civilizadas, as práticas de genocídios das ditaduras latino americanas.

Os efeitos mais perversos das práticas civilizatórias da democracia americana e da construção socialista soviética. A matança terrorista do Estado de Israel.

Por aí, vai e vai e vai.

Temos a impressão que por trás de grandes apostas de construção de certos campos identitários de muitos grupos sociais, sempre há um rastro de barbárie em relação a um outro que aí não se enquadra.





Os negros nos EUA, no Brasil. Os palestinos. Os muçulmanos que não pertencem aos jihadistas. Os judeus no nazismo. Os camponeses na Rússia.

Os vietnamitas. Os marroquinos. Os Argelinos.

E por aí, vai e vai.

Vai nos revelando como tem sido frustrante a aventura humana nesses últimos tempos. Como o capitalismo tem gerado modos de viver incompatíveis com a produção da vida, se alimentando da morte diária do trabalhador, do que não se enquadra, do que se considera uma ameaça.

Vamos ficando encurralados se tentarmos pensar onde tudo isso vai dar.

Mas, ...

Outras imagens vão aparecendo a cada narrativa dessa imensa barbárie.

Ali, onde é gerada, aparece não se sabe muito de onde, nem como, humanos que se portam e se arriscam exatamente ao contrário da barbárie.

Há solidariedade com o outro no front de uma das mais duras guerras entre ingleses e alemães. Judeus que se unem a palestinos e procuram construir uma outra convivência.

Pessoas que morrem para tentar salvar um outro do qual nem o nome sabem.

Em uma cena, um Palhaço está atuando com crianças e adultos em plena Faixa de Gaza. Ao ser entrevistado revela ser um judeu que como vários outros está ali se expondo ao risco de morte em uma aposta de que só a paz faz sentido.



Só a vida do outro plenamente reconhecida é o que interessa.

Que conectar com o momento do sofrimento do outro e poder abrir com uma chave para desmontá-lo é tudo que vale a pena ser vivido.

Que sua vida só vale a pena porque a do outro vale a pena.

Temos a sensação que no meio das grandes barbáries, nascem por si amores novos, amores pelo outro, sem pieguice, sem ingenuidade.

Ouvir um relato dessas vivências, sem saber que elas são de fato vidas vividas que estão ali em risco permanente, até parece ser uma historinha meio boba. Mas, ao ver a força daquilo que efetivamente está acontecendo, aquele momento do encontro com o outro na mais lamentável vulnerabilidade e como uma nova força se produz nesse ato amoroso incondicional, nosso corpo sofre efeitos de que nada daquilo que está sendo contado é um ato piegas.

Compreendemos, talvez, o que é de fato um ato político dos mais radicais.

Quantos desses milhões de opositores da barbárie, ali no cotidiano do seu acontecer, já foram eliminados, e eles continuam a aparecer e a nascer no mais fértil dos encontros com o sofrimento com o outro, seja por que razão for, como se cuidar de si passasse pelo cuidar do outro.

Cuidar do outro é cuidar de si.

Fica em nós, na aproximação com essas histórias de vidas, com essas “ingênuas” narrativas dessas vivências corajosas, do recolhimento das experiências que elas possam





conter, a noção da força da fraqueza. A potência do amor pelo outro.

Esse outro que nos cria, como um divino.

E, isso, permite pensarmos: de onde vem essas pessoas, do que são feitas, porque fazem isso.

Ficamos sem respostas e essas não importam. Não importam as explicações para além delas como verdadeiros acontecimentos na vida dos outros e dos outros nelas. Não importam as análises.

Importa que existem. Que nascem sem explicações, mas que estão aí nascendo aos milhões no mesmo instante que milhões são eliminados.

Estão aí aparecendo, se expondo, correndo riscos, desafiando poderes constituídos de várias ordens. Sejam os policiais dos órgãos de repressão do Estado, sejam os militantes de grupos violentos, sejam instituições que praticam a submissão do outro, como a medicina.

Essas pessoas nascem ali na Faixa de Gaza, em um campo de concentração, em uma favela, no corredor de um hospital, na sala de espera de um Pronto-Socorro.

Em todos os lugares, nos mais inusitados.

Dessa matéria bruta esse livro de contação de causos é feito.

Dessa matéria de vida esses causos tratam.

Borboleta é uma, é cem, é mil, é milhões.

Quase todos nós somos Borboleta.



Querida amiga, obrigado por ter me permitido essa escrita.

Tudo de mim em você.

Te amo.

Obrigado por existirem, me esperanças.

Emerson Elias Merhy

Janeiro, 2015





Sumário

<i>Brincar, uma experiência que não termina.....</i>	<i>15</i>
<i>A mãe.....</i>	<i>23</i>
<i>Os Três Mosqueteiros.....</i>	<i>37</i>
<i>O bebê que dormia.....</i>	<i>47</i>
<i>Uma linda boneca.....</i>	<i>55</i>
<i>Cinderela.....</i>	<i>69</i>
<i>O Segredo das borboletas.....</i>	<i>77</i>
<i>Jardim Secreto.....</i>	<i>89</i>
<i>Pinaldo e a menina que queria ter asas.....</i>	<i>113</i>
<i>Cadê o bebê.....</i>	<i>125</i>
<i>A Flora comeu pão lá na casa do João?.....</i>	<i>137</i>

Crônicas de uma Dr^a Borboleta



Mãe que brincava de casinha.....	151
As xícaras.....	165
O guarda-roupa.....	173
Um peixe fora d'água.....	183
Seguindo em frente.....	201
Referências.....	205
Sobre a Autora.....	207



Brincar, uma experiência
que não termina

27 de novembro de 1995

Diante daquele corredor imenso e branco o médico se aproxima de mim, com a mesma amabilidade e envolvimento que um professor de cursos televisivos se aproxima e é amável com seus alunos sentados a quilômetros de distância, e me explica:

“Seu filho tem uma BCP e derrame pleural”.

“Tem o que?”

“BCP e derrame pleural” - dessa vez, com o tom de voz brando e presunçoso que usamos quando já estamos cansados de explicar algo a alguém que, enquanto falamos, procura distraído um último amendoim no pacote.





E, julgando que dessa vez tivesse sido claro, concluiu “vai ter que puncionar”.

“Puncionar ?!”

“Puncionar”, repete, certo de que finalmente eu tivesse entendido.

“BCP?” Perguntei a mim mesmo tentando buscar na memória alguma familiaridade com a sigla.

Enquanto fazia isso, ele tranquilamente se afastou e reuniu-se a outros médicos para participar a eles informações no mesmo dialeto, como se precisasse me mostrar que deveria tê-lo entendido quando pude e que não aproveitei a minha chance e que ele irá mostrar agora, junto aos seus amigos, como não é difícil entender suas palavras assim como não é impossível decodificar suas receitas. A mim, cabia saber apenas que, se eu quisesse conhecer melhor a doença do meu filho, daquele momento em diante, precisaria arrumar urgente um dicionário médico.

Ouvir as informações dos médicos era como ouvir um russo bocejando javanês numa tela sem “sape”. É desesperador ouvir que seu filho precisará ser “puncionado” porque teve um “derrame pleural” enquanto o falante te olha com uma cara inanimada, engessada. Palavras que pareciam tão comuns a ele, me assustavam. E saber o que lhe capacitava a dar uma informação dessas só aumenta o desespero.



Logo apareceram ainda outros médicos que, enquanto conversavam entre eles sobre meu filho, esqueciam pouco a pouco de mim e claro, depois de pouco tempo agiam como se eu não mais estivesse ali, como se eu não existisse, ser mãe naquele momento não tinha muita importância para eles. Enquanto esperava que me chamassem para a roda ou que se dirigissem a mim com alguma conclusão prévia, qualquer que fosse, ou com algum olhar de “oh! Sim, você ainda está aí!”, eu sentia minhas pernas como geleia e minhas lágrimas atingindo os olhos.

Parada e em pé, olhando-os com atenção, tentava imaginar se os pequenos gestos que faziam conseguiam ser mais claros que seus discursos.

Ter alguém próximo adoentado é desgastante. Quando Frederico III, Imperador da Alemanha, morreu em abril de 1888, sua doença havia arregimentado vinte médicos, oficializado as intenções malignas de um chanceler e desvelado a incompetência de vinte médicos. Sua morte deixou uma esposa inconformada, os jornais alemães em convulsão por notícias e uma nação inteira a chorar .

Qualquer doença provoca fragilidade ao doente e aos familiares. Portanto, se você é daqueles que se descabelam nos corredores dos hospitais gritando e exigindo boletins médicos satisfatórios das enfermeiras, descobri que ainda que a informação chegue, por vezes estamos longe da compreensão das mesmas, e aí é necessário ir se apropriando aos poucos dos jargões clínicos e solicitar ao informante a tradução do vocabulário. Ou incorporar uma cara de paisagem com uma interrogação no meio da testa. O doente, além da enfermidade vai conviver com aparelhos que não se parecem em nada com o familiar criado-mudo, nebulizadores,





oxímetros, bombas de infusões. E, claro, o acompanhante sofrerá as dores do paciente.

Foi assim que me senti por quarenta e dois dias. Era como se o relógio estivesse parado. Não havia o que fazer apenas assistir a uma programação pedante na televisão nos horários liberados. E eu assistia.

Ficava horas pensando sobre aquele cenário frio e quieto, onde as conversas eram sempre em um tom baixinho. As recomendações e avisos pareciam fofocas e os médicos uma facção secreta de fofoqueiros. Era como se não pudéssemos sentir outro tipo de sentimento que não o de dor. Quando olhava para as outras mães eu era capaz de imaginar o tamanho do chicote que traziam escondidas nas bolsas para o autoflagelo recomendado pelo natural humor dos médicos. Slapt!..

Observava as paredes e era como se sinalizassem o estado emocional dos pacientes e acompanhantes. Ficava imaginando se, ao invés daquelas paredes brancas houvesse uma amarela, um desenho, um buraco, ou até mesmo um simples lagarto verde quebrando aquela monotonia.

Uma tarde fui para uma pequena praça no hospital e me sentei com um grupo de crianças internadas e começamos a cantar cantigas de roda.

Olé mulher rendeira
Olé mulher rendá
Tu me ensina a fazer renda
Que eu te ensino a namorar



Lampião deu uma festa
Lá em Cajazeiras
Boto moça donzela
Para cantar mulher rendeira(...)

A canoa virou
Pois deixaram ela virar
Foi por causa do Pedrinho
Que não soube remar
Se eu fosse um peixinho
E soubesse nadar
Eu tirava o Pedrinho
Lá do fundo do mar (...)

Alecrim, Alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado
Foi meu amor
Quem me disse assim
Que a flor do campo
É o Alecrim (...)

Dentre outras.





Elas me pediram para que eu contasse estórias então contei. Narrei a história do País das Borboletas Brancas, das Borboletas Coloridas, da Branca de Neve, do Gato de Botas, a história de Lampião e Maria Bonita e tantas outras que eu sabia. Elas não se cansavam, então eu contei mais, até que elas passaram a me procurar todos os dias para brincar e ouvir estórias. Às vezes era preciso a enfermeira ralhar com elas, pois se deixassem, os pequenos se amontoavam na porta da enfermaria onde ficavam com “olhinhos pidões”.

Passamos a nos reunir todos os dias à tarde na praça, onde cantávamos, brincávamos e ríamos. Alguns idosos se achegavam acanhados na roda e adoravam ouvir as estórias, eu até podia ouvir por vezes um “fala mais alto!” que vinha das grávidas que se ajeitavam nas janelas no andar de cima querendo me ouvir. Eu fiquei surpresa em descobrir que eu podia encontrar boa diversão e muita graça dentro de um hospital. Um paciente mal humorado, por exemplo, pode te fazer rir por horas. O sotaque de um funcionário, uma enfermeira rechonchuda, um doutor narigudo, uma paciente com o rostinho da sua avó, todos podem ser material farto para um show espetacular de humor. Eu sentada na plateia; assistia com as crianças àquele teatro de personalidades anônimas, oportunidade de nos propiciar momentos que provocassem sensações inusitadas de bem estar. Eu procurava aproveitar ao máximo porque notava que com a ajuda daqueles “atores”, a recuperação do meu filho, assim como a dos outros, acelerava.

Estávamos no mês de dezembro e eu já havia passado quinze dias dentro daquele hospital que mais parecia um cubo de gelo esperando que algum sol o derretesse. Eu não aceitava o fato do meu filho e aquela criança ficarem sem



uma festa de Natal com uma bela árvore e presentes apenas porque estavam internadas.

Então comecei a pensar no que poderia fazer. Procurei o serviço social do hospital para estudar as possibilidades e saber se já haviam programado algo. Fui informada da falta de verba. Procurei o comércio local e pedi a eles a doação de materiais natalícios para a decoração do ambiente, e, olhem só, todos eles ajudaram. Doaram materiais, alimentos, brinquedos e até uma roupa de Papai Noel, que a cozinheira vestiu a contragosto e depois de muita insistência.

A comunidade pode ser sempre uma aliada.

Pedi a ajuda das mães e da assistente social que se prontificaram a colaborar para a realização da comemoração. Preparamos tudo: árvore de natal e presentes. Colorimos todo o refeitório e as escadas. A Mamãe Noel que não se imaginava fazer sucesso fora da cozinha foi um acontecimento - e se mostrou muito satisfeita depois. É engraçado como a maioria das pessoas se envergonham no início, mas depois se recusam a sair da fantasia. A comemoração encontrou ainda uma peça de teatro apresentada no pátio, o que aumentou a munção da festa.

Fabriqueei uma guirlanda enorme de balas que descia do teto e pairava a altura das mãos dos adultos. Aos olhos das crianças não passava de flores artificiais, afinal, aquilo não poderia chegar até elas.

Recordando hoje, não acho que tenha faltado algo àquele dia. E por uma semana médicos, enfermeiras e outros funcionários cutucaram com os dedos a guirlanda a fim de adoçar a língua. Eu olhava para as paredes do hospital e por vezes as via realmente coloridas. Mesmo depois da





festa terminada alguma coisa ainda acontecia naquele lugar. Parecia que havia restado sacos vazios de bocas pra cima esperando para serem cheios novamente mesmo com a mamãe Noel já de volta à cozinha. Era como se um filete fininho de sol despontasse fraco das nuvens escuras e, com muito esforço, numa temperatura baixa de tardezinha, chegasse cambaleante naquele hospital precipitando calor nas vidraças. As pessoas pareciam um pouco mais doces. O meu filho se recuperava. E aquele enorme cubo de gel enfim parecia derreter.

Depois dessa experiência procurei o serviço social do hospital para ser voluntária. Passei a fazer algumas visitas onde contava estórias e, principalmente, os ouvia: pois notara o quanto fazia bem a eles aquela escuta. Continuei a trabalhar na área administrativa empresarial e a ser voluntária. Surgiu, nessa convivência, ao visitá-los, ouvi-los, cuidá-los, uma vontade de escrever para eles. Aí eu resolvi obedecer as ideias que faziam festa no meu cérebro implorando por uma estória e passei a escrever pequenos contos infantis para contá-los no hospital. Foi um mergulho no universo dos pequeninos internados e eu aprendi que conhecê-los é, provocadoramente, uma busca. Surgia ali uma nova perspectiva de trabalho pra mim. Troquei a carreira administrativa por uma brinquedoteca, onde estabeleci um vínculo maior com o universo infantil, larguei meu taier e mergulhei no brincar com um tênis colorido e uma fantasia na cara. A imaginação é inesgotável e eu cada vez mais me aprofundava naquele universo.

Brincar é uma experiência que não termina!



Sendo o amor materno o motivo de inúmeras devoções, as aflições e as preocupações que as mães assumem vão ligá-las de maneira ainda mais sólida a seus filhos; compreende-se então que as crianças enfermas, ou desfavorecidas de alguma outra maneira, que exigem a maior abnegação da mãe, costumam ser amadas por ela com a maior paixão. (Georg Simmel)

O trecho acima discorre sobre as reflexões do filósofo francês Georg Simmel, que em “Filosofia do Amor” suscita questões essenciais, provocando de certo, em todas elas, discussões profundas. Devo usá-lo apenas como elemento de comparação com o que encontrei corriqueiramente diante da vida passando num afluxo de um quarto de coleta de exames. E como essa vida pode ser aterrorizadora e poética, desvencilhando-se de pensamentos claros e desejáveis e como isso pode ser não só passível, mas também ordinário.

Quando o pequeno urso Bubo foi trazido à urgência e emergência do Pronto Socorro pela primeira vez - e aos



cuidados da avó materna com quem morava -, ele estava apenas com uma virose, vomitando muito e com uma forte diarreia. O médico achou melhor interná-lo.

A primeira vez que o vi estava passando pelo corredor que começava na entrada da emergência, ele já passara pelas duas salas de coleta, pelas salas de atendimento e pelas duas enfermarias. Entrei na sala onde era feita coleta de exames e onde muitas crianças permaneciam em observação. Posso descrevê-lo com a maior convicção assim: um menino de sete anos, olhos enormes e verdes, um cabelo alourado e de uma estrutura corporal muito forte. Quanto à avó limite-me a descrevê-la como uma senhora de voz cansada; por mais que isso limite sua imagem para o leitor. Aparentava uns 70 anos e trajava no dia uma saia comprida e blusa bem fechada.

“Qual é mesmo o seu nome? Eu não me lembro...” perguntei a ele enquanto, como sempre faço, tentava encontrar seu nome anotado na bureta (recipiente de medicação).

“Meu nome é Bubo” disse-me, rindo.

“Você gosta de brincar, Bubo?”

“Sim, gosto!”

Então perguntei: “Quer ir à brinquedoteca?”

“Quero!”



E logo depois do almoço levei-o à brinquedoteca onde cercado de carrinhos e jogos de armar, desarmar, somar, montar, brincou a tarde inteira.

Enquanto observava Bubo brincando naquele espaço, notei que era uma criança muito sadia, que exigia atenção e demonstrava excessivo medo de ficar sozinho. Carente. Sempre que eu me levantava para brincar com outra criança a alguns passos dele, ele me perguntava com uma expressão ora de medo ora de tristeza “você vai me deixar sozinho? Aonde você vai?”. Já havia reparado naquele tipo de comportamento no quarto uma tarde quando, depois de uma brincadeira animada, eu levantara voo por necessidade de levar brinquedo à outra criança, e ele se entristecera demasiadamente. Inclusive, se recusando ficar apenas com a avó. Também observei, enquanto ele brincava à minha frente, que por vezes passava a mão rápida e assustada pelo braço e pelas pernas como alguém que precisa tirar um objeto grudento e inoportuno da própria pele.

Quando ursinho Bubo, distraído na brincadeira sequer notava a nossa presença, assim como sequer lembrava-se do acesso venoso embarçando-lhe um pouco os movimentos da mão esquerda, me sentei com a vó para conversar como se me equilibrasse nas palavras uma pilha de taças de cristais numa bandeja inadequada. E assim demonstrei interesse em saber um pouco mais sobre o menino.

A avó me disse sem melindres e sem ares de culpa que a filha não sabia cuidar do menino e, em suas palavras, me dissera “aquela mulher é uma megera, não sabe o que é ser mãe”. Disse-me mais: que o pai, seu genro, antes de ser assassinado já havia trocado a mulher, sua filha, por outra namorada, mas que a obrigava sempre a cuidar muito bem de





Bubo. Repetidas vezes, ao que pude observar, ele ameaçava a ex-esposa com ordens de se mostrar excelente mãe.

Quando ele morreu, segundo a avó, a “megera” passou a ser violenta com o menino. Disse-me que ele via “coisas”, “bichos” que se amontoavam em cima dele. Perguntei se Bubo passava por algum tipo de tratamento e ela me respondeu que sim, estava sob cuidados de um psiquiatra infantil e que tomava remédios controlados. Isso foi tudo e poucas horas depois saíram ambos de mãos dadas do Pronto Socorro. Eu, na ocasião, entrei em contato com o psiquiatra e soube um pouco mais sobre o estado do ursinho.

Depois de 15 dias, aproximadamente, Bubo voltou acompanhado pela avó e não pela mãe que durante aquela internação não veio visitá-lo. Estava mais frágil. Passou pela emergência, e o motivo apresentado pela avó foi de que ele não conseguia mais andar e que sentia fortes dores nas pernas.

Além de vários exames, o neurologista do Pronto Socorro também entrou em contato com o psiquiatra que o tratava assistindo-o assim com maior ciência do caso. Pedi-me então que estimulasse Bubo a andar. De fato ele foi levado no colo até a brinquedoteca cuja o nome era: Lugar de Brincar. Lá observei que não brincava mais como da primeira vez. Eu, de propósito não levava os brinquedos até ele e deixava que ficasse olhando-os até ter vontade de ao menos tentar ir buscá-los. Enquanto isso, dedicava tempo e principalmente atenção e carinho a ele.



“Pega pra mim?” dizia-me determinadas vezes querendo algum brinquedo distante de suas mãos.

“Sim”.

“Pega agora” recusando-se a mexer o menor músculo que fosse.

“Claro” respondia a ele enquanto distraía-o com outra estória.

Em certo momento, ele estava já de pé. Eu estava pronta a atendê-lo, quando ele se levantou com muita dificuldade e caminhou lento até o brinquedo na prateleira, como um bebê iniciando passos, e o pegou. Eu o vi de pé andando e me dei conta então de que sua coordenação motora estava seriamente comprometida. Ele não conseguia mais pegar o brinquedo, não conseguia mais sequer andar reto, pendia para ambos os lados com grande probabilidade de bater a cabeça na parede se deixássemos. Enquanto ele brincava sentado no tapete chamei doutor Pinaldo para vê-lo.

É preciso dizer que no meio de uma consulta eu nunca desenvolvia qualquer tipo de atividade lúdica, mesmo que essa consulta fosse feita na brinquedoteca, afinal, ainda que não fossem prática comum, alguns médicos, em meio aos brinquedos, ali tinham a melhor maneira e lugar de realizar a anamnese do paciente. Quando isto acontecia, ambos, médico e paciente, sentavam-se no tapete colorido ou nas





cadeirinhas lá colocadas e lá ficavam até que a consulta fosse finalizada. Eu só intervinha se fosse requisitada pelo médico; afinal, a consulta é um momento de concentração, é com o diagnóstico que definirá as medidas que deverão ser tomadas para o cuidado do paciente. A consulta é o primeiro vínculo de confiança entre a criança e o hospital, primeiro vínculo de confiança entre médico-paciente-acompanhante. É nesse momento que são retiradas do paciente informações preciosas pelo médico e que eu usava ao meu favor. Quanto mais eu conhecia o prognóstico da criança mais eu o respeitava. É esse prognóstico que me possibilita saber o que eu posso e o que não posso fazer. Que brinquedo utilizar e qual brinquedo guardar. Logo, enquanto doutor Pinaldo examinava Bubo, eu apenas os observava.

A primeira vez que presenciei uma de suas alucinações foi terrível. Vinha da emergência, entrei no quarto e bac! Nunca tinha assistido a uma cena como aquela.

“Ahhhhhhhhhhhhhh!”

O pequeno urso estava sobre a cama e gritava de medo e pavor. A avó sentada parecia tentar engrenar uma oração enquanto o menino chorando tentava desesperadamente tirar “cobras” que se amontoavam em cima dele.

“Arrrgggghhh!”

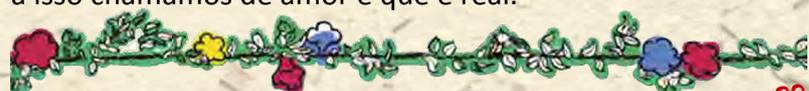
O susto, seus gestos frenéticos sem direção, seu olhar de pavor eram dilacerantes. Compunha uma imagem do caos se expandindo de um frágil corpo de sete anos. Segurei com a rapidez que pude sua mão, não para prendê-la com força ao resto do corpo, mas para acariciá-las enquanto repetia num tom manso que não havia cobras ali e que ele olhasse nos meus olhos. Com muito cuidado comecei a acariciar-lhe



a cabeça enquanto pedia à avó que se mantivesse calma, pois ele precisaria muito dela. Senti aos poucos que minha mão acariciando sua cabeça era um conforto porque nas duas tentativas que tive de tirá-las ele recomeçou a agitação. Quando me dei conta disso, pedi para que ela, a avó, acariciasse a cabeça dele, transferindo-o assim para os seus cuidados.

Naquele dia passei a maior parte do tempo naquele quarto. Soube também que Bubo não conseguia mais controlar suas necessidades fisiológicas e que há tempo tinha a necessidade de usar fraldas. O pequeno urso era a imagem da carência de afeto, amor, atenção e degradação. De fato, neurologicamente acontecia algo muito grave a ele. O surto da doença que se manifestara há pouco tempo tomava conta de seu corpo e eu via uma alma cansada e enferma sem coragem para lutar com o que poderia lhe tirar daquele estado. Bubo se entregava.

É preciso afirmar também que era visível o vínculo estabelecido entre avó e neto e nítido a preferência pela presença dela em plena ausência da mãe, mas apesar disso, jamais deixei que a avó em seus discursos de indignação expusesse o caráter da mãe em sua presença. A brincadeira e o carinho eram seu refúgio nessas horas e era para lá que eu o levava. Mesmo quando ele estava tendo alucinações, “vendo coisas”, a brincadeira era seu escape e eu utilizava essa chave sempre que necessário. Oferecia todos os brinquedos disponíveis e a mim mesmo como material humano de ligação com o mundo “real”, onde não poderiam existir centenas de cobras num quarto de hospital, mas ao contrário disso, poderia existir através do cuidado, do toque, da compaixão, uma ligação extrema e sincera entre os seres humanos e que a isso chamamos de amor e que é real.





Lembro-me que em uma de suas alucinações, já cansada de utilizar todos os mecanismos que o fizera se acalmar antes, vi seu rosto rir enquanto as cobras desapareciam aos poucos me vendo pular toda desengonçada pisando nas cobras enquanto dançava. Matei-as com super poderes de uma Super Borboleta com o apoio, claro, do Super ursinho Bubo, que entrou na dança para matá-las e dançar comigo balançando o corpo desengonçado e pisando nos tenebrosos répteis.

Vi Bubo depois de dois meses quando retornou novamente com a avó.

Apresentava agora dificuldade na sonorização da linguagem. Suas palavras não eram mais nítidas, saíam meias palavras. Suas alucinações eram bem mais freqüentes e como se estivesse preso num casulo de tristeza dava sinais de que não queria sair.

A avó se apresentou novamente inconformada culpando a filha pelo estado do neto e dizia-se impotente: “eu não sei o que fazer, não sei o que fazer” eram suas palavras. O problema neurológico de Bubo era tratado em outro ambulatório onde só se tratavam pacientes com distúrbio mental e eu via como a sua falta de equilíbrio emocional comprometia sua lucidez cada vez mais. A doença tirara-lhe a personalidade individual, os ataques psicomotores integrados a bruscos arrebatamentos de violência se agravavam e a produção da fala diminuía. O neurologista chegou a caracterizá-lo como provável autista, mas não confirmou a doença o que me fazia questionar. O que está acontecendo com essa criança? Onde mora esse ser? Como chegou a esse estado? Como tirá-lo dai?



Ele parecia não mais querer voltar à tona e respirar, parecia que se entregava pouco a pouco como forma de escape, como alguém que se afunda na água apenas para que diga com o desespero que a situação lhe pede “hei estou afundando! Preciso de um salva-vidas!”, mas que enquanto grita acaba por amar o balanço das águas e seu movimento acalentador, materno e sufocante.

Olhando para o Bubo de algum tempo passado, um menino forte, bonito, saudável e ativo e olhando-o em seu estado mais sofrível era como se duas crianças diferentes tivessem passado pela brinquedoteca, duas personalidades singulares e igualmente intensas; como se aquela criança, aquele ser, tivesse que conviver agora simultaneamente com suas duas memórias, quem fora e no que se transformara. O problema era que aquelas duas individualidades distintas e conflitantes entre si anulavam a identidade daquela criança, aquela convivência confundia-o, extraordinariamente tentavam uma se sobrepor a outra destruindo Bubo, ou como mais parecia, a primeira sucumbia sem alarde e luta à força da segunda e o menino afundava.

Três meses depois o pequeno urso apareceu. Não andava. Não falava mais e se mostrava muito irritado. Passou a gritar na tentativa de se comunicar. Veio à urgência e emergência com uma virose que foi tratada. Eu conversava com ele, chamava-o para brincadeiras e ele me reconhecia apenas algumas vezes. A única coisa que o acalmava era as pontas de meus dedos deslizando entre seus cabelos e eu passava muito tempo acariciando-os shuit, shuit, e ele gritava sempre que eu parava. Havia clara comunicação entre nós.





Hoje foi a primeira vez que vi a sua mãe. Uma mulher aparentando seus 30 anos e morena. Trajava uma blusa de moletom e calça jeans. Ninguém, nem mesmo eu, cobramos dela qualquer coisa, mas ela, em tom arrogante, se justificou para a equipe médica e para as enfermeiras algumas vezes “Eu não posso cuidar dele!”. Mãe e filha ainda nessa ocasião discutiram na frente de Bubo não poupando o menino.

Ela não toca no filho.

Irritou-se quando ele gritou “olha! ele está gritando, façam alguma coisa!”. “Façam” foi o tempo verbal que utilizara como se ela mesma não pudesse imediatamente acariciá-lo ou demonstrar alguma espécie de atenção com a intenção de acalmá-lo. Ao contrário disso, demonstrou claramente e a todo o momento que era impossível qualquer tipo de vínculo.

Entre o primeiro e o último dia que o vi foram aproximadamente oito meses. Sempre que ele aparece, eu ofereço carinho e a resposta é recíproca e imediata. Bubo fora claramente privado de amor e a perda do pai, segundo a avó, fez com que a mãe abandonasse o filho. O sentimento mais forte que me encerra é que Bubo precisava ser amado e a resposta por não ter sido foi aceitar a doença como se ela tivesse existido pra ele.

Hoje o ursinho se alimenta por sonda. Não anda. Não fala e não sai da cama. Vegeta.

Numa pequena poça congelada, na pequena parte do cume de uma pequenina montanha. Lá, o inverno rigoroso se mantinha quase o ano inteiro. Numa tarde gelada onde os ventos cortantes como faca rasgavam o ar e uma bruma branca não deixava a visão achar quem se encontrava a um passo de distância, duas formigas irmãs tentavam voltar para



casa. Uma delas era grande e forte e por ser mais velha tinha o tórax volumoso e empinado, seu par de antenas grande e comprido em direção ao norte indicava o lugar do abrigo e do descanso. Ao seu lado, uma formiguinha, com perninhas magricelas e antenas minguadas tentava acompanhá-la, mas com pressa de chegar em casa a grande formiga não perdia tempo nem para olhar para o lado.

O problema era que, uma pequena faísca de sol havia soltado uma lança de fogo que amolecera uma pequena parte do gelo daquele pequeno lago e o deixara fino como a espessura da unha de formiga recém nascida.

A formiguinha com a cabeça erguida tentando acompanhar os passos da maior, não viu quando suas pequenas garras pisaram no vidro sensível como um cristal que se partiu em vários pedaços. Seu grito foi ensurdecido pela bruma e o buraco engoliu suas pequeninas pernas. No início tentara se desvencilhar sozinha, mas como não conseguira gritara o nome da irmã mais velha. Era tarde demais e o vento cortante levava para o lado oposto os gritos desesperados que saltavam de sua pequena boca. Com rapidez as águas geladas puxavam suas perninhas para baixo e como seus braços eram frágeis a água não teve muito trabalho em afundá-la até o pescoço. Viu lá longe a imagem acinzentada da irmã, mas de repente suas anteninhas já estavam inteiras debaixo d'água. A torrente de água fria também a levava para o norte, como um furacão empurrava seu corpo pequeno e frágil ao encontro de sua irmã, mas do lado oposto, era como uma moeda, a irmã era a cara e ela a coroa. A irmã, em cima, caminhado apressada para casa e ela, pequenina lá embaixo enxergando-a como através de um vidro límpido e cristalino. Gritou, bateu com as garras no vidro a fim de





chamar a atenção da irmã “Ei estou aqui me ajude!”, mas a irmã com uma vontade cega de chegar logo em casa não se apercebia da ausência da irmã. Além do mais o vento e a bruma que rodopiava por suas antenas grandes e compridas dificultava sua sintonização e perceber que a pequena irmã não se encontrava mais do seu lado.

Uma leve esperança tomou conta da formiguinha quando viu sua irmã olhar para o lado e sentir sua falta “Ei, agora sim” pensou “ela irá me salvar”. E tentou mais uma vez quebrar com as garras o vidro compacto, gritou, esperneou, fechou os olhinhos com força, endureceu o quanto pode suas anteninhas a fim de sintonizar a irmã, mas era como se a irmã estivesse numa outra sintonia que não era a das formigas, mais uma vez o redemoinho de gelo que a cercava impedia de enxergá-la lá em baixo. Tentou, tentou até que não tinha mais forças e suas garras se soltaram levemente do vidro liso e escorregadio.

A formiga mais velha parou, olhou para os lados, esboçou desespero “Onde estaria a irmã?” pensou “Onde se enfiara!” Ainda se perguntou irritada “O que direi quando chegar em casa sem aquela pulga imbecil?” mas mais preocupada com o aconchego da casa e com o tamanho da comida virou-se e seguiu sua marcha sozinha certa de que ninguém a enxergava. Lá debaixo a formiguinha vira a irmã mais velha parar, viu suas anteninhas estressadas e seu corpo enorme enrijecer-se todo de agonia “Ei estou aqui!” mas calou-se quando a sua irmã virou-se e seguiu viagem para casa sozinha com as patas pesadas e determinadas enquanto ela seguia para o fundo da pequena poça ouvindo cada vez mais os passos da irmã sendo substituídos por sons de água. Muita água.



Certo dia, no quarto, a mãe de Bubo me encontrou conversando com ele e me disse - seca - com o dorso voltado para o lado oposto da cabeça que pousava destemida em cima de um dos seus ombros “ele não reconhece mais nada, não.”

Nesse momento senti a mão de Bubo apertar forte a minha e me olhar paralisado. A única resposta que pude dar à mãe foi

“Entende sim mãezinha. Eu e o pequeno urso Bubo somos amigos”.

Volto-me para o trecho de Georg Simmel e me dou conta de como a vida é surpreendente. Dou-me conta de que apenas uma única frase da mãe dirigida a mim fora capaz de contrariar sua sensata observação sobre o amor. Talvez o caminho natural de Bubo fosse mesmo tornar-se um “vegetal” e a doença incurável mesmo sob todos os aspectos de calor, afeto e atenção fosse mais forte, mas o fato é que não sabemos. Talvez tudo fosse diferente e não podemos voltar atrás. Ele poderia ser qualquer coisa, poderia ter lutado, retardado os efeitos da síndrome recebendo amor e carinho, mas havia se tornado “aquilo”.

Passará uma vida vã e infecunda como tantas outras pessoas ignoradas, mal amadas como uma mera lembrança e produto da tão perene, real e humana filosofia do descaso.





Os Três Mosqueteiros

É enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos externos. (VYGOTSKY, 1991, p. 109-110)

“Tem uma surpresinha pra você hoje de amargar”.

Foi o que eu ouvi assim que entrei pela porta da pediatria.

“Borboleta do céu, tão derrubando a pediatria”.

Apesar do horror e provocação que acompanhava os gestos das enfermeiras ao me dizerem aquilo só fui me preocupar com suas palavras quando me direcionei para o Lugar de Brincar e vi três criaturas elétricas espiando pela fresta da porta do lugar. Além disso, o pessoal da enfermagem, além das broncas, já os tinha avisado sobre a chegada da tal



borboleta. Isso com certeza os tornaram ainda mais ansiosos de modo que a totalidade da situação me trouxe à cachola uma frase pequena, mas perturbadora, “é hoje”. Espiavam, bisbilhotavam, riam alto, corriam pelo corredor, atrapalhavam, com os gritos, as consultas que aconteciam à distância pequena de uma parede de compensado e, completamente alvoroçados, esperavam para entrar.

“Aqui é um Pron-to-So-cor-ro!” Ralhou uma médica em vão que trazia junto da reprimenda, as duas mãos na cintura como se posasse para uma revista de fofoca.

Enquanto espiavam sem dar confiança a quem quer que fosse, os miúdos, amontoados como se formassem a base de uma pirâmide humana, comentavam com a mãe o que conseguiam enxergar entre as frestas. Ela, enquanto os ouvia, segurava nos braços o menor que inquieto tomava inalação.

Eles eram em quatro. O mais velho vestia um uniforme de escola azul muito surrado e mais tarde pude comprovar que o odor não era nada bom, assim como em todos eles. Esses casos não são raros, mas simplesmente não deixo que qualquer sensação desagradável incomode mais do que possa incomodar à primeira vista. Estava suado da correria e trazia como duas enormes jabuticabas acima do nariz, os olhos estatelados, graúdos que olhavam pela fresta da porta, com certeza, com a mesma curiosidade que Alice quando olhara pela primeira vez o Chapeleiro Maluco.

A menina era negra e muito magra, seu pescoço saia chupado como uma minhoca da gola esgarçada da camiseta. Seu cabelo esvoaçado preso num elástico velho, as canelas sujas e os pés cheios de poeira presos a uma sandália surrada davam a ela a impressão de uma personagem recém desembarcada de “Vidas Secas”. O outro que aparentava ser



mais novo que a menina, vestia uma bermuda azul e uma camiseta com uma estampa gastada e o rosto igualmente curioso e, juntos, corriam desesperados. Por fim, o caçula, que chorava no colo da mãe querendo brincar.

Quando eles me viram não foi preciso falar nada, eles logo reconheceram a Dra. Borboleta - sua roupa colorida, suas pantufas de cachorro, e Juba e Juju pintadas em seu rosto. Respirei fundo, abri um sorriso para os três que contentes se empurravam na porta da brinquedoteca cuja entrada era como a de uma casinha de madeira redondinha como a casinha dos sete anões.

Antes de abrir a porta aproximei-me da mãe, uma versão maior e mais pesada das crianças e a cumprimentei, cumprimentei também o irmãozinho que tomava inalação e me voltei para a brinquedoteca. Nesse instante, quando me virei, notei que três ou quatro enfermeiras, algumas sem a menor discrição num misto de curiosidade e sarcasmo indagavam-me com os olhos “o que será que você irá fazer para conter essas crianças?”. Eu também me fazia a mesma pergunta e já procurava em segredo alguma atividade interessante na memória. Era certo que aquelas crianças iriam colocar a brinquedoteca de pernas pro ar então. Cheguei perto do furacão, ainda atropelavam-se na porta, pedi para que tirassem os sapatinhos e entrassem.

A porta abriu-se vuaaaaap!

E se fez um silêncio profundo.

Foi estranho, mas os três ficaram parados na porta olhando extasiados para o mundo que se abria diante de seus olhinhos e não faziam nada. Não se mexiam. O mundo como se tivesse parado de girar tinha trazido aquela imobilidade e





eles parados apenas olhavam. Aproximavam das prateleiras, olhavam os brinquedos, mas não tocavam em nada. O que de certa forma me incomodou.

“Vocês podem pegar os brinquedos. São pra vocês brincarem”.

“Borboleta, vai quebrar” respondeu-me a menina.

“Pode pegá-los, não quebram com tanta facilidade”.

E como se eu fizesse parte daquele universo paralisado que havia acabado de se descortinar, me perguntou os olhos graúdos de jabuticaba “Porque você ta colorida? Porque você se chama borboleta? Você é uma borboleta?”

“Eu sou uma borboleta” respondi viajando na fantasia. E seus olhares espantados conjecturaram a possibilidade.

Pouco a pouco, mesmo sem tocarem em nada, foram se aproximando dos livros e dos brinquedos.

“Cuidado, eu não tenho dim dim pra comprar outro” resmungou a mãe lá de fora com uma voz áspera como se tivesse uma lixa na garganta.

“Podem brincar”. Disse eu, desinibindo-os.

Então pouco a pouco começaram a tocar, como se tocassem em peças muito preciosas, colocando alguns brinquedos nas mãos, ensaiando uma corrida com um carrinho, imitando um barulho aqui, um choro de criança acolá de modo que foram vagarosamente adquirindo autonomia e retirando os brinquedos das prateleiras, mas com muito cuidado. Pegavam, olhavam espantados, mostravam para a mãe, voltavam pegavam outro e repetiam a performance como se ela precisasse conhecer os objetos valiosos.



A equipe de enfermagem passava pela porta e, uma a uma, exibia pra dentro da brinquedoteca a sua cara de boba preferida. Pois ao contrário do que imaginavam, as crianças não estavam quebrando nada, sequer falavam alto e os passos que davam pareciam dar sobre um campo minado. Tudo o que pegavam devolviam no lugar. Abriam os livros, folheavam e ficavam maravilhados.

“Pode levar pra casa?” Perguntou o menor.

“Claro que não, como é que as outras crianças vão brincar?” disse a mais velha sem deixar de exibir na resposta um raciocínio lógico. E arrematou sabiamente um “aproveita agora”.

Acho que era a frase que esperavam para que se debruçassem sobre os brinquedos com mais vontade, e apesar de ser o que exatamente eu queria, era gostoso vê-los brincando com o cuidado com que brincavam.

“É um lugar muito legal, a gente pode voltar sempre?” perguntou a menina tentando usar a seu favor a sabedoria que exibira há pouco.

“É melhor não ficar doente” respondi. “Mas sempre que vierem aqui podem vir me ver. Além do mais, vocês podem inventar inúmeras histórias em casa”.

“Como?” Perguntou-me curioso o menor enquanto tentava estacionar um carrinho numa garagem construída com placas coloridas. Então tratei de ensiná-los a criar brincadeiras. Sentamos em círculo, garimpei material suficiente e fabricamos brinquedos. Fizemos corrupio com tampinha de garrafa de suco e barbante, ensinei-os a fabricar “pé de lata” para que fabricassem em casa, inventamos





estórias, construímos espadas com bexigas e lutamos contra inimigos perigosos e malfeitores gigantes.

Chamei-os de “Os Três Mosqueteiros” porque assim me pareciam Athos, Pothos e Aramis: eram igualmente espertos imaginativos e inseparáveis. Sem a importante companhia de D’Artagnan, o paciente jovem da Gasconha que inalava soro fisiológico através duma máscara de borracha transparente no colo da mãe, os mosqueteiros, dentro daquela casinha dos sete anões, enfrentavam comigo inúmeras aventuras a serviço da fantasia. Seus inimigos não incluíam os ingleses opositores número um da coroa francesa, mas sim robôs futurísticos com poderes de destruir a terra com uma simples rajada de fogo mortal e bump! Além de enormes monstros marítimos que pareciam brotar das águas de Camões.

“Se vocês fizerem bagunça eu vou deixar vocês em casa” às vezes resmungava a mãe enquanto balançava D’Artagnan no colo que só não chorava mais porque recebera a promessa de que após a inalação também poderia brincar.

Veza por outra, no meio da fantasia, eles me cutucavam e comentavam entre si se eu era mesmo uma borboleta ou uma pessoa de verdade. Eu aproveitava a chance e, claro, não respondia, ou respondia com outra pergunta o que os deixava ainda mais curiosos.

Queriam saber onde estavam minhas asas, do que eram feitas e como eu havia chegado até ali. Por vezes, na hora de sair e visitar os leitos levando brincadeiras às crianças que não podiam sair da cama, ficava preocupada em deixá-los sozinhos na brinquedoteca, o que provou ser um grande engano da minha parte porque enquanto visitava os leitos eles continuavam lá simplesmente brincando e cuidando de tudo sob os olhares da mãe.



Em um dado momento, logo após D’Artagnan entrar correndo pela porta adentro, desvairado, querendo brincar, avistei a figura sofrida - mas de algum modo bonita - da mãe parada na porta. Vestida com uma saia comprida, uma camiseta que há tempos fora branca e um tênis simples; parecia mais cansada que desajeitada. Deu alguns passos tímidos, mas ao contrário dos filhos entrou sem muita cerimônia, apropriou-se de uma boneca negra que, segundo ela, passou a ser a sua filha, e iniciou com a filha *verdadeira* uma brincadeira que as duas pareciam conhecer muito bem.

Quando o carrinho com os lanches passou pelo corredor D’Artagnan e os três mosqueteiros me olharam como se quisessem saber da rainha da Áustria se podiam se sentar à mesa e participar de um banquete após lutarem contra o maior exército francês de todos os tempos: “a gente pode comer?”. Perguntei à enfermeira se era possível solicitar uma dieta pra aquelas crianças e ela me respondeu com um sim e uma careta, o que me pareceu curiosamente dois gestos contrários pra uma mesma resposta, principalmente uma que fosse positiva. Ela não sabia se seguia à risca uma regra ou se matava a fome de quatro crianças.

Atendido ao pedido, chegado a dieta, comeram em minutos - e eu não sabia se por fome ou por vontade de voltar à brincadeira. Enquanto comiam, eu observava sem interromper a mãe que, sozinha e em silêncio com a boneca nos braços, brincava despercebida feito uma criança.

Por volta das 16h o médico dispensou D’Artagnan o que automaticamente era uma dispensa coletiva e os mosqueteiros reais também haveriam de partir. Eu imaginei logo, ainda que um pouco descrente, que haveria uma choradeira pra levar algum brinquedo pra casa - o que também não é raro





de acontecer - mas não, eles me surpreenderam mais uma vez. Colocaram em ordem todos os brinquedos, arrumaram o campo de batalha, deram tchau para os joguinhos, acenaram pra as bonecas, para os fantoches, mandaram beijos e assim, de costas para a porta, não querendo partir, partiram.

Era mais um dia se encerrando.

“Brigado, isso foi muito importante pro meus filhos”. Com seu jeito simples, disse-me a mãe com a voz grave e áspera de ralador, e eu sabia que ela tinha razão.

O que eu sinto por aquelas crianças é um enorme carinho do qual elas também compartilham. Também sinto compaixão por serem crianças tolhidas do acesso a simples brinquedos.

A mãe me perguntara se quando criança eu tivera muitos brinquedos. “Não” foi minha resposta, mas lembro-me o quanto era bom fazer pés de lata, ou ver minha avó confeccionar bonecas de pano, ou fazer panelinhas de latas ou barro. Tive uma boneca que tinha cabelo de milho e era um sucesso, não se encontra brinquedos divertidos apenas em lojas e minha avó sabia disto, e esperta, me ensinou desde criança que dentro de nossa cabeça há um *senhor* dispositivo chamado criatividade, e que esse troço não tem preço, está acessível a todos que desejam usar.

Naquela tarde quando aquelas crianças foram embora andando de costas querendo não deixar aquele tesouro de pirata recém encontrado, me beijaram e me abraçaram muito, num gesto de agradecimento. Talvez agradecessem por terem sido recebidas com festa, sem qualquer tipo de resistência ou porque tinha se aberto um mundo de possibilidades e brincadeiras que elas até então não conheciam.



Para a maioria das pessoas, o brinquedo está para a criança assim como o amor está para o romântico e qualquer conexão contrária soaria absurdo até mesmo para um cético. Então para mim foi uma surpresa conhecer crianças que, brincavam, claro, mas que não tinham contato com brinquedos, mesmo os mais simples, como soube através da mãe.

Meses depois soube por ela, numa visita passageira que me fez, que havia feito uma boneca com retalho para a menina e que ficara linda. Disse-me também que fabricaram pé de lata e que se divertiram muito, só não conseguiram criar o telefone sem fio utilizando caixinhas de fósforos. Sempre que eles aparecem no pronto socorro a primeira pergunta é: “A Borboleta taí?”

Um ambiente construído para uma criança seja no hospital, como foi para D’Artagnan e os Três Mosqueteiros, ou em qualquer outro lugar que propicie uma relação de interação, de troca de saberes, produzirá liberdade, prazer e partilhas.

O que aprendemos dentro da casa dos sete anões foi muito significativo. A interação, a comunicação, o acolhimento, tudo o que eles queriam eram brincar, ser desafiados e adquirir instrumentos para inventar e eu dei a eles.

Ainda vale a pena registrar que da segunda vez que chegaram ao Pronto Socorro, notei que a mãe, que ficara genuinamente sem graça pelo estado em que as crianças se encontravam na última “estadia” arrumou-os, e além de limpos estavam penteados.

Um dia, não me lembro a data, apesar de saber que era verão e que o calor forte deixava desconfortável uma noite





bonita e limpa, ao passar por uma favela, constituída por casas de alvenaria e barracos de tábuas, quase que invadindo o asfalto, o que deixava as janelas dos casebres quase sem distancia dos automóveis que circulavam na estreita rua, vi algumas crianças brincando com montes de papelão. Era o sustento de todas as famílias que ali se amontoam. Pulando, gritando e jogando-os para cima, esperando alvoroçadas que o material caísse sobre elas.

O carro passava devagar porque a rua era bem esburacada e a chuva havia fabricado pequenas poças d'águas, então eu pude observá-las por um bom tempo brincando até que o carro rebolando suavemente para desviar dos buracos que saltavam na pista encontrou um trajeto firme e se foi. "É a brincadeira que os faz sobreviver" pensei comigo "São verdadeiros malabaristas, mágicos" e me lembrei de D'Artagnan, Athos, Pothos e Aramis, reais guerreiros que diariamente enfrentam monstros, gigantes, famílias inteiras de assustadoras criaturas e saltam para a vida com uma leveza deslumbrante que nos ensina e nos adverte.

Crianças guardam um tipo de perspicácia sobre a interação com o mundo que, ao passo que são pequenos seres culturais de tantos territórios do planeta, e daí podem ser mais sisudas, mais adultizadas, mais erotizadas, mais sacralizadas, mais maltratadas, mais mimadas, mais estimuladas a serem felizes, mais resignadas, as crianças, ao passo de como a cultura dos adultos lhes adestra, guardam uma inteligência que é de explorar as experiências vividas com fome da mágica e do mistério que as coisas têm. Uns chamarão isso de curiosidade e encantamento. Eu chamaria de força-criança que faz pólen no mundo.



O bebê que dormia

Era uma tarde ensolarada e fazia muito calor. O sol entrava em pequenos fachos luminosos no saguão através da claridade das telhas transparentes. Um discreto pó levantado do chão pelo vento dançava como pontos luminosos entre a luz, como se fossem corpos celestes soltos no espaço; distantes e cintilantes.

Enquanto isso, dispersas de alguma forma ao redor dos pais, as crianças mostravam certa indiferença por aquela espera ou, pensativas, apesar da tentativa de esconder, sentiam medo de que talvez a medicação se limitasse a uma dolorida injeção. Poucos pais discutem a alternativa de outras medicações por acharem que na injeção encontrarão a mais rápida forma de cura e não se preocupam muito com a exposição ao medo a que seus filhos estão sendo submetidos. Sendo assim, numa minuciosa observada, era possível ver cabisbaixos, inquietos ou paralisados (como múmias no pátio), pequenas cabecinhas com um sinal de interrogação no topo da cabeça e o temor dentro dos olhos. Um ou outro mastigava os beiços scaf, scaf, outros comiam as unhas tuc, tuc, outros, pela insistência do pai, tentavam demonstrar



coragem como “homenzinhos corajosos” que pretendiam ser, e outros brincavam.

Nesse dia havia grande atraso no atendimento e devido ao calor o clima esquentara ainda mais.

Eu estava bastante atarefada, a emergência não parara um segundo de atender crianças e eu já havia falado com pelo menos trezentas delas. Por vezes acalmando, por vezes interagido, coordenando atividades na brinquedoteca, nos leitos ou tentando transformar uma refeição em uma agradável surpresa mágica para alguma criança desinteressada pela dieta. Ao meio dessa agitação, participava aos médicos possíveis mudanças na evolução dos pacientes.

Por volta das 16h eu voltava do refeitório onde tinha ido tomar um rápido café e onde não havia demorado mais do que quinze minutos. Quando passei pela porta da pediatria um dos seguranças me chamou:

“Borboleta!”

Olhei, seguindo a inteligência dos meus ouvidos, e ele estava parado ao lado da porta à direita. Mudei o rumo, já dava meus primeiros passos em direção ao corredor, e fui atendê-lo.

Quando cheguei perto, ele, com as duas mãos grudadas nas costas curvou o pescoço e um pouco do tronco para frente e para baixo, como alguém que ensaia um cochicho ou como se eu fosse uma criança, e disse-me em tom de segredo.

“Tem uma mãe com uma criança toda enrolada no xale. Logo ali” e arrematou um pouco preocupado “está estranha”.

É certo que, fosse quem fosse a pessoa a me dizer algo daquela forma preocupada eu atenderia, mas nesse caso a



atitude soara mais como uma obrigação porque não se trata de um segurança comum preocupado apenas com estranhos suspeitos, algazarra ou com o relógio do ponto, mas sim de um elegante senhor de longas costeletas, cujas calças verdes do uniforme sempre curtas devido o tamanho alongado das suas pernas, fazia com que eu sempre o tratasse amigavelmente como “o caçador de rãs.” O caçador era um homem muito observador e centrado, dono de um olhar inteligente e, além de ser atencioso com mães e pais, me acompanhava nas cantigas de roda com seu afinado violão.

Dei uma olhada sobre meus ombros e em meio àquela multidão de cabeças, lá estava ela quase escondida no comportado vestido estampado com flores como uma sonâmbula numa das cadeiras pretas de plástico. Mas como ela trazia a criança bem abaixo dos ombros sobre o colo envolvida no xale, não pude vê-la. Acenei para o caçador, alertei-lhe que a temporada de caça às rãs ainda não tinha sido aberta - mas que ele se daria muito bem assim que a primeira praga do Egito chegasse ao Pronto Socorro - e dirigi-me rindo para o saguão.

Aproximei-me dela observando, a cada passo, como o movimento do meu corpo espalhava a poeira solta no ar e fazia dançar os infinitos corpos celestes envoltos naquele clarão. Era aquela dança como um microcosmo do universo, seus infinitos planetas, estrelas e constelações e eu sentia, enquanto caminhava naquela bruma transparente, uma experiência única de como somos pequenos e grandes ao mesmo tempo tendo diante de nós a imensidão e as probabilidades do mesmo universo.

Deixei de lado a brincadeira e parei quase sem ser notada diante da mãe. Seu cabelo preto e esvoaçado, preso





um pouco acima da nuca, deixava seu rosto inteiro descoberto como uma clareira e o seu olhar, perdido como se olhasse atentamente para uma televisão desligada. Intensamente disperso.

“Mãezinha”. Interrompi o que parecia um momento de reflexão, “não está muito calor para seu filho estar todo enrolado nesse xale?”. Ela olhou-me, como se uma vidraça grande e embaçada a separasse de mim e respondeu com uma voz doce e tranqüila “acho que sim, mas ele não está muito bem”.

“Não quer...” propus pronunciando letra por letra “tirar o xale?”. Ela olhou-me como se o vidro que nos separava fosse, na verdade, um espelho. Ficou parada por alguns segundos como se não soubesse ou não pudesse responder imediatamente a si mesma. Mas como eu não fazia movimento nenhum que caracterizasse uma retirada pareceu-me que ela, açanhada, sentiu-se impelida a desembulhar o filho daquele “pacote” quente e apertado.

“Vai ficar tudo bem meu filho, não tenha medo” disse à criança enquanto retirava muito devagar o chalé que o cobria “a doutora vai só te olhar um pouquinho”.

Quando ela, pacientemente, tirou lã suficiente para que eu visse a criança, ou pelo menos seu rosto e parte do seu dorso descoberto senti minhas pernas e meus joelhos fraquejarem como se faltasse o resto das pernas.

“Como! Pelo amor de Deus a senhora está louca!” Gritei assustada, mas não o suficiente para que a minha boca pronunciasse qualquer palavra.

Tive vontade de gritar socorro, mas um grito causaria pânico, alvoroço então apesar do grito doer na minha garganta



querendo sair, resolvi, assim como o atinado caçador, não fazer alarde. Mantive uma espécie de calma e pedi para que ela me acompanhasse até a emergência.

“Meu bebê esta quietinho, dá para aguardar a chamada” ela me respondeu e eu tive vontade de arrancar o bebê do seu colo e correr, mas pedi novamente:

“Mãezinha, ele não está bem, confie em mim”. Só então ela se levantou e me seguiu.

Era uma criança grande pra sua idade. Tinha um ano e sete meses, mas passaria por uma de dois com aquelas mãos e pés enormes. Tinha uma pele branca, as bochechas gordas como um bichinho de plástico e os cabelos castanhos, ralos e sedosos como se tivesse acabado de sair de um banho.

“Que loucura é essa?” Perguntou-me o caçador como se uma naja dançasse na sua frente quando passei por ele acompanhada da mãe e seu filho agora descoberto no colo, o que fez com que a sua pergunta parecesse uma resposta. Ele abriu a porta da emergência e com passos de avestruz foi chamar a enfermeira. Enquanto isso, pedi para que a mãe colocasse o bebê na maca e em poucos segundos médica e enfermeiras adentraram pela porta da emergência.

O que acontecera pouco antes de tudo aquilo fora que seu filho telefonara para o seu trabalho assustado dizendo que o irmão não parecia bem e estava esquisito, com uma cor estranha. Não tinha conseguido mamar e nem acordar e já fazia tempo que estava dormindo. Ela imediatamente deixara o serviço achando melhor levá-lo ao médico porque havia ficado preocupada ao encontrá-lo naquele estado “estranho”. Contou-me que viera de ônibus até o Pronto Socorro e que ele dormira quieto no seu colo até eu chamá-la há instantes atrás.





Médica e enfermeiras já tomavam rápidas as primeiras providências enquanto a mãe sentada na cadeira ao lado da porta não mais aparentava a tranquilidade de minutos atrás, tensa, esfregava as mãos uma à outra e suave.

Assustado meu coração acordara todo o corpo e o sangue, veloz nas veias, expressava força e disposição para uma maratona. Aquilo parecia algo muito dramático e feroz para mim e caberia muito melhor num roteiro de cinema e não na vida real, muito menos na minha vida real. Acalmava a mãe oferecendo meu abraço e minha companhia enquanto os médicos com esforço tentavam trazer aquele menino de volta.

A mãe me perguntava minuto a minuto o que estava acontecendo lá dentro, algumas vezes eu abria a porta de modo imperceptível e lançava uma discreta pergunta com as sobrancelhas arqueadas a alguém da equipe “e aí?”, a resposta com lábios cerrados ou discreto balanço de cabeça sinalizavam que as coisas não iam bem. Lembro-me de buscar ar para os pulmões como se enchesse uma bexiga furada, me entristecera o fato de perceber que todo aquele esforço não mais adiantaria. Um parafuso milimetricamente acomodado na traquéia impedindo a respiração da criança confirmaria minha intuição minutos mais tarde. A criança estava fria, parada, morta à pelo menos meia hora no colo da mãe no saguão.

“Ele estava dormindo quase agora! O que vocês fizeram? Eu quero meu filho de volta!” e era aos gritos que ela destilava essa certeza mais para si mesma que para os médicos. A mim não coube questioná-la e sim abraçá-la e acolhe-la. “Dormindo! Ele estava dormindo!”, e tremia sem controle. Eu por um instante coloquei-a sentada ao meu lado e lhe dei



um copo d’água para beber. Apesar da dificuldade ela bebeu um pouco, mas exceto pela sua boca úmida estranhamente distorcida pela dor, não posso dizer que a água tenha surtido algum efeito. Ademais, seu corpo não pedia água, pedia socorro e eu não poderia socorrê-la. Ninguém poderia.

A primeira vez que os vi no saguão do Pronto Socorro enquanto me aproximava passo a passo sobre eles lembro-me de não ter visto medo no rosto daquela mulher ou sequer preocupação. O bebê estava com a cabeça reclinada em seu peito e apesar de coberto por completo, era possível olhar a sua imagem aninhada no colo da mãe, e não largado simplesmente em seu colo. Era possível ver naquele gesto, e mais tarde na própria fisionomia do menino, carinho e muito cuidado. Frágeis raios de sol os alcançava no lado direito oferecendo uma certa beleza aos dois juntos, sentados ao pé de um pilar grosso, com um desses cartazes contendo informações sobre doença ou alguma dica de alimentação e saúde; e, devido ao calor da imagem eu via um certo encanto pairando naquele ato de tranquilidade entre mãe e filho. Tentando não recheiar esses espaços com a minha memória imaginativa, tenho certeza de que é assim que quero me lembrar deles. Como aquela mãe não percebeu por um minuto que seu filho estava morto? Foi a pergunta que por muitos outros dias eu fiquei me fazendo, e outros colegas também, mas o fato é que ninguém sabe o que se passou com aquela mãe, como se comportara dentro do ônibus enquanto carregava seu filho, o que dizia a ele, a si mesma e o que ocultava. Porque não gritou naquele saguão assim que chegou ao Pronto Socorro e ao invés disso sentou-se tranquila à espera da chamada que, sabidamente, demoraria ou porque não se convencera de sua morte em momento algum.





“Eu estava trabalhando e não sabia que ele tinha engolido nada, ele estava dormindo” justificava-se abraçada a mim desesperada e sem consolo. Eu apenas a ouvia sem reservas, sem julgamentos, sem tentar discorrer com ela qualquer raciocínio que apontasse possibilidades, ações adotadas ou não adotadas, ou rememorar o caminho e descobrir a falha ou reafirmar o quanto aquela morte havia sido estúpida, ridícula e como aquele parafuso fora feito, na exata medida, para impedir a respiração da criança. Eu me calara.

Tive poucos minutos de descanso até ir ao encontro das outras crianças que me esperavam para brincar nos quartos e na brinquedoteca. Eu havia lavado as mãos e preparava-me para ir ao encontro delas quando, na volta, passei pela porta da emergência e avistei o menino tranqüilo com parte do corpo debaixo de um lençol branco e limpo a sós com a sua mãe que, com o cabelo um pouco mais esvoaçado deixava claro a desordem que pairava sobre o resto do corpo.

Confesso que enquanto a via ao lado da cama, com seu filho, tentando agarrá-lo aos gritos enquanto ele escapava por entre seus dedos como um ventríloquo sem manipulador, os braços largados ao redor da mãe que, desesperada, tentava mais se aninhar a ele que oferecer seu corpo como abrigo, participando a nós a sua dor com desespero de um animal machucado, se distanciando do bando; lembro-me de ter pensado, questionado e remoído, não sem profunda tristeza, que aqueles gritos, envoltos no desespero do ato de intensa desesperança, haviam chegado, apesar de muito sinceros, um pouco tardios.

Era a orfandade que ali se dava de modo invertido.



Uma linda boneca

Tinha doze anos. Meiga. Magra. Morena. Cabelos crespos. E mocinha, a quem vou chamar de Flor. Passou o primeiro dia queixando-se de uma dor na barriga e foi avaliada, medicada e dispensada.

Um dia depois ela retornou com a mesma queixa. Sentia muita dor de barriga. Os médicos, desta vez resolveram interná-la para novos exames. Um dia depois os exames indicaram uma apendicite. Junto com o resultado do exame começou uma intensa procura de Hospitais que oferecessem uma vaga para removê-la. É uma doença relativamente de pouco risco, portanto não havia muito com o que nos preocuparmos. O pequeno órgão cuja função até hoje é desconhecida, não é capaz, quando inflamado, de levar ninguém a correr algum risco de morte se o tratamento adequado estiver a caminho.

“Posso saber o que essa menina está fazendo aqui no médico?” Perguntei assim que a vi.

“Apendicite” me disse como quem desconhecia a palavra.



“Apen-decide o que?” e ela resolveu acompanhar o meu sorriso, que embora um pouco espalhafatoso, continha mais franqueza que teatralidade, embora a teatralidade o deixasse mais engraçado, e menos sincero.

Naquele dia não pude levá-la à brinquedoteca, ela estava proibida de qualquer esforço, então, como faço todos os dias, “arranjei outro modo”. Desenhamos, pintamos. Peguei dentre os jogos disponíveis na brinquedoteca um brinquedo simples e fácil de jogar e que as crianças adoram. A facilidade de manipulá-lo em cima da cama e o interesse que o jogo desperta, mesmo em adultos, fez com que esquecêssemos do tempo e jogássemos até que seus olhos, pesados e sonolentos, pedissem um pouco de sono.

A plantonista falou-me que não estavam conseguindo vaga para ela porque os hospitais estavam todos lotados. O serviço social continuava insistindo, mas até aquele momento não tinham resposta favorável.

Mais tarde voltamos a brincar. Li pra ela histórias que ela escolheu, conversamos, rimos, mas ela não parecia mais alegre como pela manhã. Não irradiava mais o entusiasmo que me encantara e se a olhássemos de perto perceberíamos certa tristeza rondando-a como urubus acercam uma carniça.

Ela estava de fato triste. Além da dor abdominal, Flor ainda estava sob efeito de remédios para conter a febre e a náusea, mas a tristeza que deixava transparecer parecia mesmo muito profunda e ela fazia questão de demonstrá-la.

“Borboleta”, me chamou quando eu já havia me despedido de sua mãe e estava indo embora “Eu estou com medo”.



Minhas mãos largaram o batente, me afastei da porta e voltei até o seu leito. Ela estava sentada com as pernas esticadas debaixo da colcha, parte da claridade vinha de fora, mas o céu não estava tão claro de modo que pouca luz natural nos alcançava. Seu rosto um pouco inerte, mas bonito e penteado dava-me a sensação de olhar uma boneca dentro da caixa envolta no seu plástico intocada e linda no alto de uma prateleira fora do alcance de todos.

“Eu vou morrer”

Sua mãe olhou-me irritada “Pára menina! De novo isso?” e se ajeitou na cadeira como quem diz “não quero ouvir mais, ouviu?!”

Eu estava animada, abri os braços como quem não acredita no que está ouvindo, fiz um gesto tragicômico de desesperança como se interpretasse Shakespeare e parei do outro lado da cama “que nada” disse como se fosse a atriz mais calorosa “você vai pro hospital. Tem um monte de gente que faz essa operação. Ela é simples e rápida” e parei, olhando nos seus olhos como quem espera um momento de súbita compreensão. Seu rostinho, ao contrário do que eu aguardava, não mostrou mudança considerável, suas mãos quase não mexiam e seu rosto continuava sério. Seus olhos estavam estranhos como se seus pés estivessem dentro de uma bacia cheia de água mais quente do que ela poderia suportar e me disse séria como um adulto:

“Eu não acho que vou viver mais. To sentindo uma coisa estranha” e, demonstrando receio, redundou-se “estou com medo”.

Conversamos bastante, sua mãe ajudou-me convencê-la de que estava errada, mas após muito esforço o seu sorriso





pareceu-me apenas o de uma criança obediente que resolveu atender ao pedido carinhoso dos pais. E foi assim que eu deixei aquele quarto naquele fim de tarde, dando, na saída, mais um passo torto e uma dança qualquer prá não perder o rebolado. E parti.

A minha sensação era de frustração e era nítida. Aquela conversa me afetara mais que a minha alegria a ela; e pensei: e eu não a havia alcançado.

À noite, liguei prá saber se a remoção já havia sido feita e me tranquilizaram informando que pela manhã ela seria removida. Aquilo não me tranquilizava. Disseram-me também que ela estava em jejum reclamando. Ora, quem não reclamaria por passar horas sendo alimentado apenas por soro e matando a sede num algodão embebido de água passado nos lábios ressecados? Confesso que meus pensamentos naquela noite não me deixaram como pretendi deixá-los e mesmo o travesseiro abraçando minha cabeça cansada do longo dia eu não encontrava brecha para descartar aquelas palavras e esquecê-las como um jogador faz com uma carta ruim “eu estou com medo, Borboleta”.

Na manhã seguinte, quando cheguei ao Pronto Socorro, fui ao seu encontro o mais rápido que pude.

“Ah Flor! Você ainda está aí!”, mas apesar da alegria eu lamentava aquela espera.

“Estou”

Ela continuava triste. Parecia que havia passado uma manhã inteira caminhando numa alameda seca e sem fim e eu só podia passar o algodão molhado em seus lábios, o que para uma criança é oferecer cama quando ela pretende lutar por um playground.



A mãe estava muito irritada porque a menina não podia comer nada e estava numa enfermaria onde as crianças faziam suas refeições cotidianamente. Quando o carrinho das refeições despontava no corredor, Flor salivava sentindo o cheiro da comida.

O dia na pediatria havia começado tranquilo, mas logo se transformara e estava lotada com muitas internações. Lembro-me de ter chamado a mãe de Flor para uma das salas vazias próximas ao corredor e deixado lá um prato de sopa quente à sua espera.

“Sua filha precisa muito de você” lhe disse na ocasião “entendo sua solidariedade, mas você vai ficar fraca e não terá forças para enfrentar esses dias em que Flor ficará internada. Vamos” lembro-me de ter Implorado “me ajude a te ajudar, eu fico com ela enquanto você come”. Ela comeu contrariada, é provável que a culpa também alimentava sua atitude, aumentava sua fome, mas aumentava também sua força.

“Olá!” disparei assim que voltei mais tarde.

Flor sinalizou com o dedo indicador que queria mais aproximação, sentou-se na cama, se descobriu- e me disse coisas que eu nunca tinha ouvido uma criança falar.

“Eu estou sentindo a morte”. E me disse mais, disse-me que sabia que iria morrer e pediu ajuda “eu não quero morrer agora, Borboleta”.

A mãe ouvindo disparou um “não começa” e como já estava em pé achou naquela conversa mais um motivo para confirmar o desejo de sair e fechou a porta antes mesmo que eu lhe pedisse para não fazê-lo.





Como trouxera um livro; o abri para ler mas ela esticando o corpo para frente, procurando ainda mais intimidade, disse-me como se estivesse com a boca cheia de palavras escuras.

“Estou sentindo a morte” repetiu e segurou a minha mão bem firme.

“Tudo vai ficar bem” e acariciei suas mãos pequenas como as minhas a fim de lhe dizer mais que palavras. Comecei a ficar inquieta para saber de algum médico o verdadeiro estado dela, cheguei a pedir à mãe que fizesse o mesmo, mas pouco tempo depois para meu alívio, e de todos, surgiu a vaga para um hospital da região para onde ela seria transferida imediatamente.

Levei-a até a ambulância. Suas sacolas balançavam nos braços contentes da mãe, a enfermeira levava o soro e eu empurrava sua cadeira de rodas para lhe poupar o esforço.

“Vê se manda notícia!”

“Eu venho depois, posso”?

“Claro”, respondi. “Claro que pode vir”

Ela então entrou na ambulância, nos despedimos contentes, e ela se foi. Um alívio, claro, havia demorado, mas graças a Deus a vaga no hospital havia sido encontrada.

Tudo aquilo que ela havia me falado havia de algum jeito me machucado, mas agora estava tudo resolvido e em poucos dias estaria recuperada.



Assim que ela chegou ao Hospital foi para o centro cirúrgico e lá operada foi naquela mesma tarde. Continuei levando brinquedos, contando estórias, acalentando bebês e brincando. Antes de ir embora liguei para o hospital e ela estava se recuperando, o seu estado geral era bom.

Naquela noite eu não consegui dormir, meu corpo se afundava na cama como numa areia movediça, e como os sonhos às vezes me perturbam, aquela sensação parecia se agarrar também à minha noite para continuar no caminho do meu sono, deteriorando como uma bactéria o meu descanso. Era como se um inseto distante zumbisse “me ajuda”, “eu não quero morrer agora, borboleta”. A voz da mãe me vinha à cabeça agora bem mais forte “não quero ouvir mais isso ouviu?!” e parecia também pedir socorro, um tom que eu não notara na hora, mas que agora era quase inquestionável. Talvez elas conversassem muito mais do que pude notar, talvez eu houvesse participado apenas de suas conclusões. “Eu vou morrer” fora talvez uma conclusão. Talvez aquela mãe também sentisse verdade nas palavras da filha e por isso saíra do quarto correndo deixando-me só quando deveria ter ficado e me ajudado a acalmá-la. Talvez fora chorar, era possível, muitas mães, com o intuito de se mostrarem fortes choram longe dos nossos olhos, longe dos olhares espertos das crianças. Talvez as duas fossem silenciosamente cúmplices, “estou sentindo algo estranho” me dissera. Seu apêndice havia supurado? Não. Os médicos saberiam. Mas ela estava bem se recuperando. Será? Aqueles olhinhos profundos sentiram algo estranho acontecendo em seu corpo, algo motivara aquela sensação de morte ou era pilhéria? Não. A perfuração do órgão estava matando-a realmente? Ela sinceramente sabia o que se passava com o seu corpo e estava em perigo?





Todas aquelas perguntas e as palavras de Flor me castigavam a cabeça como uma martelada cuja propagação da dor não se cansava em repetir.

Eram sete e quarenta da manhã do outro dia quando eu entrei na minha sala, coloquei minha bolsa em cima da mesa e bocejei, ainda cansada. Segurava a minha cabeça e enxugava os olhos com medo de que alguém me visse em estado tão sofrível.

Alguém bateu na porta então tentei me recuperar a tempo, mas por influência do hábito uma enfermeira entrou sem mesmo pedir licença prá me avisar que alguém na entrada da emergência me procurava. Lavei o rosto rapidamente “deve ser algum paciente que quer me ver” pensei. Atravessei rapidamente o corredor que me levava até a entrada da emergência, abri a porta a tempo de cumprimentar meu adorável caçador de rãs e me deparei, pra minha surpresa, com a mãe de Flor me esperando com as mãos ao longo do corpo, os ombros pendidos e os olhos vermelhos. Eu, apesar do convite, tentando não envenenar mais a água do meu poço, encenei uma coragem e lhe disse:

“Eu já soube mãezinha, eu já soube”

“Eu vim avisar porque você pediu notícias”

E me disse: “Infelizmente não deu certo;

Ela está no velório municipal”

Voltei corredor adentro como uma turista desavisada adentra um deserto, o calor insuportável do dia me jogava no caldeirão do Saara, me entupia de pó a garganta e sem qualquer nuvem que oferecesse alento, subi de volta à minha



sala, troquei de roupa e desci para me encontrar com Flor mesmo o sol a pino e o cansaço me oferecendo, na vertigem dolorida, a imagem de um oásis seco.

“Ela só tinha doze anos, bonita, primeiros passos na vida” Pensava sentada perto da mãe fazendo-lhe companhia em silêncio pouco tempo depois.

“Talvez seja preciso mais urgência em salvar” pensei “tenham urgência em salvar”.

Eu queria dizer isso, é preciso socorrer as pessoas como socorremos alguém que amamos, importando-nos uns com os outros. Retirar do peito o número invisível que parece estampar o peito de cada ser humano e chamarmos pelo nome aquele que nos estende o braço confiando a nós a sua vida. Eu queria dizer isto àquela mãe que com as pernas esticadas até o chão, um braço sobre o colo e o outro ora segurando o peso da testa ora enxugando as lágrimas parecia lamentar.

Sabemos que a instituição hospitalar, se assim podemos chamá-la, o pronto socorro, ou pronto atendimento, agrega como material humano, aquilo que, como aquela mãe sentada ao meu lado, associamos ingenuamente como o mais divino dos mortais: o médico. E que este, em contraponto ao paciente que parece perder, assim que entra em um consultório suas características mais pessoais antropomorfizando-se em “O Doente”, ainda parece trazer para si, para deleite próprio ou não, a magia intrínseca aos deuses, o de deter em mãos o poder de preservar ou tirar uma vida. Uma espécie de semideus dotado de inteligência, conhecimento, um jaleco branco e muitas drogas. Enquanto o doente é um ser anônimo, sem identidade, história, infância, capacidade, talento ou vontade própria o médico surge como





a antítese cabal do erro, possuindo numa das mãos a síndrome do Criador em dar vida e na outra a pretensão do Diabo em manipulá-la. Quando esses dois seres, médico e paciente, coexistem nos corredores de um hospital então, se tentarmos decifrar mesmo os pequenos encontros, poderemos detectar em alguns, essa mágica áurea que parece transformar alguns pacientes em apenas um mecanismo que convém dar ao médico, sentido na vida, carreira, dinheiro e realização. Isso pode parecer mais diabólico que divino, mas como não admitimos em nenhuma circunstância que o médico erre, sobretudo no exercício da função, o sublime parece sempre se adequar mais facilmente, principalmente quando a sala de espera não está lotada, o calor não está tão forte e a espera não é superior a uma hora. Os médicos das campanhas militares gregas pagavam com a vida o insucesso no tratamento de um general. No código de Hamurabi, há 2400 a.C. o médico que matasse alguém livre durante um tratamento ou que cegasse um cidadão livre tinha suas mãos cortadas. No caso de Flor, não podemos culpar o médico por falta de vaga num hospital, ou por esse, o hospital, negar vaga a um paciente, até porque seja o motivo da ausência de vaga de fundo mercantilista ou de pura conveniência, não saberemos ao certo. Apenas ainda se levanta sobre nossas cabeças o fato de coexistirmos com “A vaga”.

A falta de vaga é tão dissimulada que sequer parece erro. A visão da falta de vaga é validada por tantos interesses corporativos, administrativos e até pessoais que parecem por si só motivos legítimos ou indenizatórios. “A Vaga” é quase uma pessoa que por motivos pessoais não pode comparecer, demorou-se por demais atrás da papelada, não está bem de saúde ou foi levar o filho ao parque. Ela não busca, mas acaba por ser um problema dissimulado, é



feito de um serviço social a outro e a falta de uma face, de um rosto acaba por descaracterizar-se ou despersonalizar-se. Isso, claro, despersonaliza também a instituição onde “A Vaga” não aparece. Nesse caso a falha humana é substituída por algo praticamente invisível denominado “normas”, o que acaba sendo apenas uma máscara de doutor Parnassus para justificar um erro, convertendo-se, portanto em um erro sem culpa. O serviço social fez a sua parte, o médico fez a sua parte, ambas as instituições fizeram sua parte, mesmo assim a criança morreu. Todos, portanto, fizeram de tudo e a medicina travestida de felicidade com uma máscara carnavalesca sobre a cara, sai intacta.

Incomoda o atraso, o dano, a perda e, sobretudo a impotência. A vítima da falta de vaga parece não ser dicionarizada porque ela parece “não existir”. Para a mãe que acalenta seu filho no leito, incapaz de conhecer o real estado da criança, protestar contra a falta de vaga é como protestar contra um poderoso indivíduo que não existe. Ela pode retirar seu filho do hospital aos berros, pode chorar, mas “A Vaga” mesmo assim não será atingida, não estará lá para consolar a mãe e sequer irá ouvi-la.

Sentada ao lado da mãe de Flor que por vezes olhava em volta e respirava como se por um segundo não lembrasse porque estava ali, eu pensava “É preciso urgência em salvar”. A filha fora internada, estava se recuperando, “ora” parecia dizer a si mesma aquela mãe “porque estou aqui e não cuidando de minha filha no quarto?”. Eu olhava em volta acompanhando o olhar dela e queria dizer às pessoas “é preciso urgência em salvar” queria dizer isto àqueles pais e tios. Alguns em pé com as mãos nos bolsos fumando, alguns conversando, outros em silêncio, o olhar perdido no chão, o olhar aturdido em direção ao caixão, as sobrançelhas





arqueadas como quando não acreditamos em algo, alguns com os cabelos desalinhados como quando saímos às pressas de casa, um ou outro imprimindo sua insatisfação chutando levemente a parede com o calcanhar, outros simplesmente aceitando a tarefa de consolar pareciam precisar saber também que é preciso urgência em salvar.

Eu queria correr no corredor daquele Pronto Socorro com um alto-falante potente e uma sirene ligada gritando

“É preciso urgência em salvar!”

E abrir as portas, as janelas, tirar a cera dos ouvidos e gritar “É preciso urgência em salvar!”

Correr até os pacientes inertes na frente de uma televisão e acordá-los com uma trombeta, com uma fanfarra inteira, pratos, clarinete e bumbo cantando “é preciso ter urgência em salvar!” a fim de que me escutassem.

As mulheres, algumas em roda conversando sobre assuntos diversos, algumas sorrindo ao som de uma ou outra novidade dividida entre a roda, outras chorando, outras equilibrando a tristeza como se estivessem pela primeira vez subindo numa perna de pau pareciam precisar saber que é preciso mais urgência em salvar.

“Ora” pensei comigo mesma: se um jardineiro vê uma flor em meio às outras flores do seu jardim esperando por água e ao invés de água-la ele pede a ela que espere por chuva porque no regador não há água suficiente para todas, então este será um bom jardineiro? Então na Bósnia, enquanto duas crianças choram de dor à espera por morfina o enfermeiro, com apenas uma dose na seringa dará a um e não dará a outro? Então, olhando algumas daquelas pessoas



que sentadas ali ou acolá, que sequer tinham vindo para velar Flor, mas que despreocupadas pelo distanciamento emocional com a vítima se sentiam no direito de não acolher quem ali padecia de dor e sofria, essas pessoas também pareciam precisar saber que é preciso urgência em salvar. Elas me lembravam que quando detectamos a insensibilidade de um médico diante dos queixumes de um paciente, quando enxergamos sua arrogância ou absoluta falta de humildade devemos nos lembrar então que deuses não usam jalecos brancos. Que vivemos, no dia a dia, colocando sobre nós mesmos uma placa de “não há Vagas” dissimulando nossa falta de compromisso com o próximo, desfigurando a falta de humanidade que possuímos e mesmo assim nos tornando, como a Vaga, incólumes. “Não somos culpados por isso” é o que dizemos a nós mesmos.

Mais tarde soube que o apêndice de Flor havia realmente supurado. Um pequenino órgão do formato de um dedo indicador havia explodido dentro dela. Uma mesa de cirurgia não era uma das opções para aquela menina, mas a única opção. Olhava em volta como se procurasse a mim entre aquelas pessoas, como se procurasse o burocrata da platéia engasgado com a noz para que eu pudesse gritar “hei! Tem um médico na platéia?” e pensava como não é difícil lembrarmos que trazemos também a arrogância do desprezo, a fácil capacidade rasa de se emocionar, mas a profunda inabilidade de fazer o que tem que ser feito.

É certo que os médicos não erram mais do que erram outros profissionais do âmbito da saúde ou fora dela, talvez errem menos, mas parece que, assim como os médicos, procuramos trazer moralmente sempre uma conduta proibida, quase que formalmente, de errar. Como o médico esconde o erro por tratar-se de um ser que pretende consertar





o erro, restaurar a condição do homem e até melhorá-la, trazemos quase que conscientemente o mecanismo estúpido de rejeitar que erramos como se tudo fosse uma tabela de erros e acertos que podemos mentir, rasurar, driblar e não prestar conta a ninguém. Enganamos a nós mesmos com o único objetivo de mostrarmos a tabela a um amigo, à esposa ou aos filhos a fim de que eles se orgulhem de nós. Então, às vezes, quando somos confrontados e nos sentimos culpados, quando somos impelidos a fazer algo por alguém, fechamos as portas da casa, as janelas, olhamos a tabela escondidos de todos num canto solitário da sala, sorrimos aliviados e não saímos do lugar.

O ambiente parecia rodar um pouco, minhas mãos suavavam quando a mãe de Flor segurou minhas mãos e me levou até o caixão.

“Eu queria muito ter te ajudado” lhe disse.

Lembrei-me do seu olhar agudo e de seu ar procurando me dizer algo, seu sorriso pouco e suas mãos sempre sobre as pernas, então me despedi e fui embora certa de que havia deixado ali a mesma boneca intocada no lugar mais alto da prateleira. De certo que jamais a alcançaria.

Ao chegar de volta ao Pronto Socorro me avisaram que a Lalá havia chegado e não estava bem, tinha sido novamente internada com diabetes descompensada em 350 mg/dl. Alta. Maquiei-me, recoloquei meu sapato de coração, lavei o rosto, prendi os cabelos e os enchi de minúsculas borboletas coloridas, pintei Juba e a Juju nas faces e abri a porta da pediatria cheia de esperança pronta pra atender a dona Lalá, que chorava querendo a Borboleta.



Lara era uma linda princesinha que aparentemente parecia ser dotada de toda saúde do mundo, mas como em todo conto de fadas, como uma anátema, ela também fora ferida por uma maldição. Diabetes, como já sabemos, é uma fada má que ninguém quer por perto, afinal, sua principal maldição é muito terrível: qualquer um que é aprisionado por ela precisa ser picado várias vezes por dia por uma “roca”. Essa picada minimizará os efeitos da maldição, mas a princesa amaldiçoada terá restrições alimentares e cuidados específicos eternamente e não existe nenhuma poção mágica que desfaça o castigo.

A rainha teve que aprender rápido a cuidar da princesinha que por vezes passava mal e tinha que ser levada às presas ao Pronto Socorro Real, onde os médicos da Corte cuidavam dela. Por vezes, a rainha me dizia que se estranhava com os médicos reais pois, alguns deles se faziam de surdos, o que provocava a ira do rei. Aqueles pais passavam tanto tempo com a princesa, sabiam com tamanha intimidade sobre os segredos da maldição, suas características e conseqüências destacadas no dia a dia da filha, que os médicos jamais suspeitariam e segundo a realeza, desconsideravam.



O problema era que o cuidado dos pais da princesa era tanto que mal deixavam que ela se levantasse da cama, sua vida era ficar dentro do quarto como que aprisionada, seus pais tinham medo que algo externo pudesse complicar ainda mais a praga da fada má. A princesinha sentia uma enorme tristeza, ficava naquela cama, onde dormia, acordava, acordava e dormia, seu mundo era uma baita tristeza sem novidade. Mas as coisas estavam para mudar.

Avisei que o pequeno castelo de brincar estava aberto e a reação foi em cadeia, um vuco-vuco, todos querendo ir brincar. Pulam do leito, prendem e penteiam os cabelos, escovam os dentes, trocam de roupa, e saem pela porta a fora.

Lara foi uma das primeiras a entrar no castelo e correu para o pufe, se atracou a uma boneca e ali se estabeleceu um triálogo: “Sabe doutora, já não sei o que fazer com essa menina. Não posso descuidar que ela dá uma beliscada em doce!” e pegando a boneca no colo explicou “filhinha você tem diabetes não pode ficar comendo na hora errada, nem aceitar um pedacinho dos lanchinhos que te oferecem na escolinha” e olhando pra mim inteiramente dentro da estória me encurralou “fala pra ela doutora Borboleta. Quem sabe essa criatura enfia na cabeça que não pode”.



A mãe de Lara vendo a cena da filha sentada num dos puffes, parou balançando a cabeça rindo e piscou pra mim.

“Sua mãe tem razão. Não pode fazer isso, se não vai ficar internada”. Expliquei pra boneca que ria da minha recomendação.

“Mãe, convida ela agora!”

Lara sorria como a boneca, mas o rosto de sua mãe avermelhara-se todo.

“Filha, vai ser algo muito simples” e voltou-se para o livro a fim de fugir dos seus olhos. Lara olhou pra mim

Um pouco receosa, mas não resistiu.

“Borboleta, você vai ao meu aniversário?”

“Vai ser muito simples, é um bolinho” interveio a mãe.

“Claro que eu vou” disse. “Convite aceito” E olhando pra mãe continuei “Estou me sentindo muito honrada”. Eu estava.





Lara brincava bastante, estava agitada. Em momentos alternados eu pedia à mãe que fizesse um exame de glicose, Lara tinha seu próprio aparelho de glicosímetro, ou pedia para equipe de enfermagem realizar o exame. O cuidado era determinante para que decidíssemos o tom da brincadeira.

Na hora do almoço, Lara foi para o leito.

Almoçou e acabou pegando no sono, momento que aproveitei para acertar os detalhes da festa.

Sábado. A festa era sábado. Myla, mãe de um querido paciente e amiga, também havia sido convidada. Elas se conheciam das idas e vindas ao Pronto Socorro e das trocas de experiências.

Sábado, portanto, estávamos nós a caminho do castelo de Cinderela. Havia chovido. Não havia sol suficiente para secar as poças de água que se formaram nas ruas. Parecia um pouco deserta, a terra vermelha sob os nossos pés era como um grande tapete de brácteas pisadas e encharcadas produzindo um vermelhão escarlate, denso e forte. Senti falta de alguma bicicleta rodando o espaço, alguma pipa no céu. No final da rua, à frente de um terreno abandonado, uma placa grande informava que uma obra estava sendo feita no local, mas o mato já ultrapassava a estrutura em bloco e cimento de onde, segundo a placa, seria uma biblioteca. As casas que se juntavam umas às outras sem rebocos também deixavam à mostra o vermelho do barro. O céu cinza distinguia-se ao fundo e saía solitário por detrás da paisagem como um cromáqui mal elaborado.

Com os presentes nas mãos andávamos como se pisássemos em ovos a fim de não afundar os pés no barro mole slaft, slaft.



Quando chegamos ao portão do castelo senti de imediato que um alvoroço iniciara. A construção do lado de fora parecia igual ao resto das casas do bairro, o tijolo vermelho parecia a extensão do vermelhão que nascia do chão e juntos ensopados pareciam uma coisa só, uma grande abóboda com porta e janelas e uma vela acesa em seu interior.

“Mãe, ela chegou, vem logo!”

E correu para o portão, pulando.

“Mãe vem! Ela chegou e trouxe presente”

E as crianças se agitaram juntamente com ela e o irmão.

A rainha, mãe de Lara, que veio me receber no portão me levou para dentro. Não era um castelo de cristal com portas de carvalho e ferrolhos de ouro, nem possuía grandes salões com lustres enormes descendo do teto como o topo de uma montanha de ponta cabeça, não tinha grandes torres nem escadarias infinitas. Os móveis antigos e descascados pelo tempo nos recebiam lustrosos e pareciam todos, ocuparem um lugar feito exatamente para receber ilustres convidados e causar a sensação de conforto.

Logo que entrei, descobri o porquê da rua estar tão deserta, tinha criança por todo o canto. Driblei os enfeites que nos abiscoitavam nos ares e fui até um quarto para me trocar. Assim que entrei, notei que as paredes úmidas pela chuva deixaram o lado de dentro bem parecido com a atmosfera que havia no lado de fora do castelo, tinha poucos móveis e me parecia um pouco mais escuro sem o cromáqui azul. Eu parecia ter entrado por um buraco na brinquedoteca e saído direto no quarto da gata borralheira. Abri minha mala, retirei de dentro dele meu vestido azul de Cinderela e vesti-o, vesti também a tiara, os brincos e os sapatos feitos sob medida,





afinal não poderiam caber noutros pés, certo? Imaginei como ela ficaria vestida daquele jeito. O vestido azul de cetim, os sapatos, imaginava seu rosto brilhando abaixo da tiara, seus pés flutuando em frente ao espelho. Concebia com detalhes minha fantasia porque aquilo era justamente o que Lara estava fazendo no quarto ao lado dentro do presente que eu tinha lhe dado. Estávamos nós duas dentro daquela grande abóboda nos preparando para uma grande festa como duas princesas.

Quando eu e Lara, as Cinderelas, saímos para a sala vestidas iguais foi engraçado. Ela fitou os olhos em mim e em seguida olhou espantada a si mesma confirmando os detalhes da roupa, como se gritasse “não acredito!”. Suas mãos excitadas queriam pular e afoitas balançavam quase por vontade própria. Os olhares da criançada estavam vidrados em nós. Lara olhava cada detalhe, o brilho da roupa, a tiara, minhas borboletas pintadas no rosto e apertou minha mão como se descesse freneticamente uma montanha russa.

Contei estórias, fiz palhaçadas e toda a brincadeira, todos os contos fantásticos, toda a improvisação que eu faço na brinquedoteca e nos leitões, surtiu ali também o mesmo efeito. Os olhos e ouvidos atentos da criançada entraram no mundo mágico do faz de conta e mergulharam no mundo da imaginação. Cinderela havia conhecido a fada Borboleta.

Era uma fada diferente, ora ela tinha um nariz de bolota vermelho, cabelos cheios de pequenas borboletinhas, ora deixava suas asas à mostra, ora escondia-as, às vezes usava sapatos coloridos ou simplesmente dois cachorros nos pés, uma fada esquisita, parecia uma mistura de fada com palhaça, uma espécie de palhafada que trazia sempre no apontar da varinha, um monte de brincadeiras, estórias, brinquedos, desenhos e muito carinho.



Palhafada trouxe ao rei e à rainha uma nova disposição. Cuidar da princesinha não era fácil e com o medo eles lhe podavam espaço e isso poderia mudar, afinal, quem agüenta dormir, acordar, acordar e dormir dentro de uma abóboda? Eles tinham tanto medo que a princesinha brincasse, estudasse, fosse criança, que a protegiam demasiadamente, tirando-lhe a liberdade e o prazer. Palhafada introduziu aqueles pais nas trocas de experiências que fazíamos na brinquedoteca, mas o que discutíamos lá, eu conto depois.

Chegou a hora de cantar parabéns, um lindo bolo, e algumas guloseimas enfeitavam a mesa. Várias bexigas amarradas num barbante cruzavam a sala enfeitando o teto inteiro.

Ao fim da festa já com a voz me falhando, fui me trocar prá ir embora. Ao me despedir, os pais de Cinderela, agradecidos me disseram:

“Foi muito bom ter você e sua família conosco”. Mas éramos eu e minha família que estávamos agradecidas pela oportunidade de compartilhar com tão distinta nobreza uma festa tão maravilhosa no tão pequeno e singelo castelo de abóboda.

Cinderela com uma boneca recém tirada da caixa me mostrou empolgada antes que eu saísse

“Olha a boneca que eu ganhei do meu pai!”

“Que linda Cinderela” disse sem deixar de notar a semelhança comigo. “Como ela se chama?”

“Borboleta!” Disseram num coro e rimos





O Segredo das borboletas

Abri a porta lentamente e disse um contente “oi!”

Ela me olhou surpresa de cima a baixo e abriu um sorriso rrrrrr... Seus olhos grandes sorriram também e seus cabelos compridos e trançados a deixaram ainda mais linda.

“Você é enfermeira?” Me perguntou franca enquanto seus olhos descrentes adivinhavam a resposta.

“Não”.

“Médica?” girando a roleta.

“Sou uma borboleta!” e abri minhas asas enormes e coloridas e seus olhos brilharam.

De pé ao lado da sua cama eu me volvei para sua mãe que, vestida numa calça cumprida se acomodava no canto da sala um pouco distante e lhe perguntei:

“O que aconteceu?”

“Já contei ao outro médico” respondeu-me seca tentando evitar o assunto.



Num tom baixo, quase num sussurro pedi a ela que contasse outra vez para mim enquanto alongava minhas antenas e tentava detectar alguma coisa que não viesse de seu discurso.

Demorou alguns minutos para que ela me contasse a mesma história que havia contado para o médico como se tivesse decorado um memorando ou engolido uma cigarra rouca rouc. Ao final da história olhou para a menina e pediu ratificação “não foi isso que aconteceu, Mel?” e, pechinchando cumplicidade, decretou: “conte para ela”. A menina, que olhava para a mãe com os olhos apreensivos, voltou-se para mim e disse “foi isso mesmo que aconteceu”.

Pedi a Mel para não se mexer e não se levantar porque o médico tinha me comunicado que ela estava com hemorragia e tinha que permanecer em repouso absoluto. Enquanto arrumava o lençol, observando tudo atentamente a procura de qualquer detalhe que pudesse evidenciar outra explicação ou ratificar a narrativa da mãe, notei que havia uma calça de moletom e uma calcinha branca de algodão dobrada aos pés da cama, e que a menina estava apenas com uma blusa rosa e coberta por dois lençóis.

“Ela estava com essa roupa na hora do acidente?” perguntei à mãe.

“Sim” respondeu-me.

Então voltei para os pés da cama, desdobrei e olhei atentamente aquelas peças, dobrei novamente a roupa e me voltei pela terceira vez à mãe que observava minhas ações calada:



“A senhora tem certeza de que é esta a roupa que ela usava na hora do acidente?”

“Sim. Por quê?” me perguntou nervosa.

“A perna da cadeira fez um estrago muito grande em sua filha” respondi calma. Não queria chegar a lugar algum. “É curioso que a calcinha que ela vestia não tenha nenhum rasgo” e olhei de soslaio para o seu rosto e confirmei “Nenhum rasgo sequer, como isso pode acontecer mãezinha?” Mas não era uma pergunta.

Seus olhos avermelharam-se como os olhos de uma criança quando encara o sol “ela caiu, estava empoleirada na mesa e caiu sobre uma das pernas da cadeira que estava jogada na lavanderia com as pernas pra cima” peguei um copo de água e pedi a ela que se acalmasse, se tratava de um momento delicado e sua filha precisaria muito dela.

Eu estava em pé ao lado da Mel, com os braços bem abertos, ou eram minhas asas novamente? E como se estivesse no caule de uma flor alta olhando lá de cima a vida acontecendo no reino das abelhas, eu a olhava. Ela aproveitou para ficar olhando as borboletas pintadas em minhas faces procurando mesmo com a proximidade, manter o menor contato físico possível. Ofereci minha mão de um jeito manso para que ela a pegasse como se tivesse entre meus dedos um doce de geléia e ela pegou, e como um peixe que acaba de morder a isca ela se mostrava assustada e estremecida. Voltou-se para mim e disse:





“Suas roupas coloridas são bonitas” e perguntou “é você mesmo quem pinta as borboletas no seu rosto?”

“Eu faço o contorto e pronto elas logo aparecem e pousam aqui” respondi “essa é Juba e essa é Juju” expliquei apresentando com o dedo indicador minhas amigas.

“E esse brilho?” disse intrigada e observadora.

“É pó mágico” disse “esse pó sara algumas dores” e continuei realmente querendo chegar a algum lugar “já assistiu Peter Pan?”.

“Já”

“Então, já viu a Sininho? Já viu como ela também usa pó mágico para fazer os meninos voarem?”

Um pouco suada, sua mão que segurava firme a minha, apertou ainda mais e eu notei naquele instante um pequeno vínculo de confiança entre nós. Disse a ela que iria sair um pouco, mas logo voltaria. Deixei suas mãos soltas sobre o lençol branco da cama e sai da sala procurando o médico que a examinara. Informei a ele a impossibilidade de estender uma conversa com a menina, propor alguma atividade ou ainda contar-lhe alguma estória, pois eu observava os olhares



sufríveis que ela trocava com a mãe que estava cada vez mais nervosa e impaciente. O médico me disse que pediria a alguém para acompanhá-la até a sala do serviço social para que conversasse com a assistente.

Quando retornei, junto com o médico, para a sala de coleta, vi o mesmo homem, vou limitar-me a chamá-lo de Sr. Gafanhoto, que tinha visto quando cheguei à pediatria, mas que desta vez estava parado em frente à porta da sala de coleta imóvel como um cão de guarda. Abri a porta que estava com um aviso de isolamento, o médico entrou junto comigo e pediu à mãe que se dirigisse à sala do serviço social e saíram.

Mal a porta se fechou atrás de mim e bac, eu levei um susto com o movimento brusco com que foi aberta e a rapidez com que aquele homem enfiara seu corpo inteiro para dentro do quarto. Seus olhos agora pareciam os olhos de um cão farejador e a sua cabeça inteira olhava para a menina com a mesma força com que abria a porta.

“Quem é o senhor?” Perguntei ocultando meu desamparo momentâneo.

“Sou o padrasto dela” com uma voz que parecia sair de dentro de um poço.

Reparei que os olhos da menina saltaram.

“O senhor tem que acompanhar sua mulher” respondi enquanto instintivamente procurava algum objeto pesado dentro da sala (ri disso mais tarde).

“Não, eu fico com ela” me disse com sua voz de poço enquanto abria mais a porta “mesmo porque ela gosta de inventar coisas” e apontou o indicador pra menina como se eu precisasse saber de quem ele estava falando.





“Não se preocupe porque eu não sairei do quarto enquanto vocês não voltarem. Ela não ficará sozinha” foi minha última palavra antes que ele obediente como um viralata se retirasse desconfiado do quarto e me deixasse fechar a porta atrás das minhas costas assustada e decidida, ufa, disse comigo mesmo soltando ar pelas narinas o suficiente prá encher um balão.

Era possível observar o alívio no rosto de Mel quando a porta se fechou e aposto que ela também pode ver o meu.

“Gostaria de ouvir alguma estória em especial?” perguntei a ela sem deixar que o meu susto fincasse estaca e me atrapalhasse. Ela talvez convencida de minha performance corajosa pediu para que eu me sentasse perto dela e deixasse que segurasse minha mão novamente. Puxei a cadeira para o lado de sua cama e ofereci minha mão a ela juntamente com meus ouvidos. Eram apenas eu, ela e as borboletas em silêncio. Assim permanecemos por alguns poucos minutos parecendo adultos na estação de trem. Como ela não tirava os olhos de Juba e Juju repousadas no meu rosto comecei a contar-lhe uma estória:

“Do Reino das Borboletas. Conhece?” Ela disse não com a cabeça. “Não? Ah! É uma pena” disse abanando as minhas asas “Certa vez” e enchi minha voz de um tom misterioso “uma borboleta branca queria muito saber como era ser colorida, mas ela era proibida de sair de seu reino, onde só moravam borboletas brancas”. Tentei virar o corpo o máximo que pude a fim de que ela visse através de minha encenação o reino de que falava. “Havia o portal de entrada em forma de duas asas gigantes e duas grandes borboletas brancas que vigiavam a entrada que levava até sua cidade de enormes casulos construídos por elas. Uma multidão de borboletas



brancas” e contei a ela que algumas ainda estavam reunindo forças nas asas para se desvencilhar do alvéolo e ensaiar seus primeiros vôos e outras adultas voavam deixando ao turista a impressão de estar assistindo a uma imensidão de borboletas feitas de origami. Outras voando nos montes ao redor da mata, branquinhas, batendo suas asas sobre as árvores, ramos, espreguiçadas nos caules, às margens dos rios, invadindo o céu e ganhando a imensidão, pareciam pedaços de lua caindo do firmamento sem direção certa”.

“Então certo dia” continuei como se tivesse lavado minha voz com amaciante de roupa “ela conseguiu sair pelo portal vigiado pelas duas borboletas grandes e voou muito alto e distante, e lá de cima, longe da sua casa e de suas amigas, ficou olhando como as borboletas coloridas voavam elegantes e bonitas sobre jardins, praças, ruas e árvores, e, ao ver uma flor azul pequena e distraída entre as outras ela se encantou, voou em direção ao imenso jardim colorido, e sem medir as conseqüências do que cada ato seu poderia provocar, pousou sobre a frágil pétala da pequena flor que num instante soltou seu pólen shuit, shuit, shuit colorindo-a imediatamente. Ela se tornou azul como o céu. Era agora uma borboleta de asas azuis”.

“Igual as asas da Juba?” me perguntou interessada.

“Sim” respondi “mas as de Juba são mágicas!” completei.

“Como assim?”.

“Bom, ontem, por exemplo, num de seus grandes e longos vôos, ela me disse que viu certa hora do dia uma criança chorando e com muito medo”.

“Ela é mágica mesmo. Ela te contou tudo?”.





“Não, elas contam algumas coisas, elas guardam segredo” discorddei.

Mel estava mais calma, olhava com interesse para as borboletas.

“Eu também tenho um segredo” me disse ainda com passos lentos “você pode virar o rosto para eu contar para ela?”

“Claro” respondi e me virei ficando com a face esquerda de lado deixando ela e Juba com suas asas azuis em protegida privacidade.

“Sabe borboleta” ela começou como se dissesse era uma vez “eu estava com medo ontem” pude sentir o sopro quente de sua voz entrando pelo meu ouvido, como se fosse vapor de sopa saindo de uma panela quente. Inclinou-se ainda mais um pouco para Juba e disse baixinho “era eu que estava chorando” e parecia realmente confiante em dizer o que guardara na presença da mãe.

“Me fizeram uma coisa feia e doeu sabe” sem virgula “foi um homem malvado. Ele às vezes fica querendo que eu faça umas coisas com ele” e continuou “e briga comigo se eu não faço”.

Eu procurava suas mãos um pouco perdidas e nervosas em cima da cama.

“Olha você não conta pra ninguém ta?” pediu à borboleta como se fossem íntimas enquanto meus olhos atravessavam a parede e a vista embaçava como vidro.

Aos poucos fui girando meu rosto pensando no que poderia dizer, mas era impossível achar alguma jogada que



desfizesse aquele cheque-mate, minha torre eram os muros de Jericó desfacelado no chão, meu cavalo não serviria para um filme de cowboy e o meu bispo caíra com a torre. Uma meiguice simples soprava graça no seu rosto, mas a fotografia de Mel deitada naquela maca, seus olhos demonstrando um profundo tumulto discreto era triste, de modo que ficamos nós duas em silêncio remoendo nosso segredo e tentando não parecermos mais assustadas do que estávamos.

A porta se abriu e era sua mãe um pouco mais calma.

“O que estavam fazendo?” perguntou imediatamente. Mel respondeu que havia escutado uma estória sobre borboletas e que depois contaria a ela. Eu não sabia o que se passava na cabeça daquela mãe, mas era um exercício muito difícil pra mim então me quietei e deixei que Mel não se sentisse menos desprotegida com a presença dela.

“O senhor não pode ficar aqui” disse ao homem que repetira o número anterior e abriu a porta com a mesma brutalidade que antes.

“Por quê?” segurando a porta aberta e tentando abrir passagem por mim parada na sua frente.

“Só pode ficar apenas um acompanhante” lhe informei. Ele hesitou, mas retrocedeu.

Deixei Mel com sua mãe e fui para a sala de enfermagem onde todos me olhavam com os olhos arregalados.

“E aí, ela contou alguma coisa Borboleta?” me perguntou uma enfermeira baixinha e falante. Respirei fundo como se tivesse acabado de sair do fundo d’água e fui tomar um gole de chá.





“Falou com ela? Teve algum êxito?” me perguntou o médico que estava atendendo a menina entrando sala adentro.

“Sim, doutor, mas preciso que você preserve o segredo estabelecido entre ela e o personagem. Desse trato eu nunca abro mão”.

Quando sua remoção saiu fiz questão de acompanhá-la até a ambulância

“Quem está na frente sai, que lá vou eu!” gritei buzinando bi, bi como de costume empurrando-a na maca enquanto desviava com um pouco de graça das pessoas que passavam por nós.

“Ela é uma borboleta ou uma palhaça?”

“Uma borboleta palhaça!” E riram.

Levei-a até a ambulância e me despedi, seus olhinhos me agradeceram, talvez agradecidos à Juba do mesmo modo como eu também era agradecida àquelas duas borboletas, e sem precisar de nenhuma palavra acenou-me um tchau. A porta se fechou e ela se foi.

Naquela tarde não voltei para a enfermaria, fui para a sala onde higienizava os brinquedos e com as mãos nervosas como quando não sabemos onde colocá-las, olhando alguns brinquedos recém lavados, meus pés um pouco cansados, fiquei pensando sobre o que havia ocorrido, na dor daquela menina, no seu estado, e principalmente no segredo que Juba agora dividia com aquela criança.

Usar estratégias lúdicas para provocar ou se colocar como um material humano de maior importância que o médico na busca da atenção ou respeito da criança é justamente perder



confiança, espaço e credibilidade, mas torná-lo vivo é uma arma poderosa para se relacionar. Um fantoche, um desenho, o personagem de algum livro, uma fantasia é um jogo no qual imaginação e realidade se interagem para produzir novas formas de construir relações e minha mente, depois de provar aquilo, apesar do gosto amargo, regozijava.

Passados alguns meses indo à brinquedoteca educacional da cidade por um simples acaso qual foi minha surpresa up! Sentada no banco, com um olhar perdido no horizonte tentando alcançar com a vista o que não agarraria com as duas mãos? Mel. Eu não estava fantasiada, mas mesmo assim me dirigi a ela e cumprimentei:

“Olá”

“Oi”

“Como vai?” perguntei. Seus olhos bailaram em dúvida.

“Você é irmã da borboleta?”

E eu pensei “opa, que bom que ela mesma tenha me indicado a saída”

“Sim, sou”

“Eu reconheci” me disse sabida.

“Como você está?”

“Eu estou melhorando, tive que fazer uma operação, mas estou quase boa.”





“Você está morando com sua mãe”? E ela foi direta.

“Sim, mas ela não me deixa mais sozinha com meu padrasto, eu nem falo com ele”

Mas preferindo não estender mais aquela conversa falamos sobre outras coisas e depois de um tempo eu me fui. (Em pensar que naquele dia eu iria pedir demissão). Andei pela calçada e me rasgava o rosto uma meia lua que se fazia sorriso. Andava serenamente e com vontade de gritar como um ponto de exclamação grita:

“ ! ”



Jardim Secreto

A boa saúde era muito mais profundamente relacionada com a estreita amizade, uma oportunidade de serviço e de um envolvimento amoroso. (Path Adams)

O carro cinza do vizinho parou em frente a sua casa. Linda arrastara junto com ela sua sogra e com Lipe, amarelo no colo choramingando, foram direto para o pronto socorro.

Antes de ser atendido o menino vomitou mais uma vez. Depois de examinado foi internado por excesso de desidratação e ficou internado mais dois meses sem ninguém informar à mãe o que a criança tinha.

Eram aqueles dias que, preocupados com nós mesmos, não nos importamos muito com o tempo do lado de fora das janelas “não sei se fazia sol ou se estava frio, lembro de Lipe desidratado e mole no meu colo” certifica a mãe “ele não se mexia”. Ela, sem saber o que a criança tinha, vivia com os olhos atentos, mesmo a criança não se mexendo na cama. Ele estava com um ano e três meses nessa época.





Lipe sentia muita sede e bebia quase um litro de água a cada 10 minutos, virava o tronco para o lado com um certo esforço e pedia como se quisesse ser jogado dentro de uma piscina.

“Mãe! Água!”

Ela pegava a ponta da fralda molhada e passava nos seus lábios. Em duas semanas Lipe havia perdido sete quilos. Numa quinta-feira igualmente comum, sem saber se chovia ou se estava calor, o menino recebeu alta, a mãe contente passou no mercado e encheu a sacola de guloseimas para o filho. A fruta raspada assim que chegou em casa ele vomitou, o iogurte ele vomitou, fez canjinha de arroz, mas Lipe também vomitou, sopa, e ele vomitou, tentou suco, refrigerante, fruta de novo, nada. Ele vomitou a noite inteira. “Comecei a chorar”, rememora sua mãe.

Na manhã de sábado, o seu filho no berço de madeira atrás do mosquiteiro era osso puro. Linda levou-o para o banheiro tirou sua camiseta, sua bermuda, colocou-o na banheira e desacreditada mostrou à sogra o corpo esquelético do filho “como está amarelo. Só osso, cor e osso”. O pai calado não emitia opinião, não falava nada.

O filho foi internado novamente e só bebia água, muita água. Era uma sexta-feira, os consultórios estavam lotados, a pediatria parecia uma caixinha de fósforos e as enfermeiras se acotovelavam tentando atender o maior número de pacientes possível como se trabalhassem numa trincheira e bombas pudessem cair do céu a qualquer momento bumpt, bumpt!

Linda estava sentada na cadeira preta de plástico com o braço enfiado pelos vãos do berço e a mão repousada sobre



as costelas de Lipe. Eram umas dez da noite, mas tempo era coisa que ela havia aprendido a não computar mais. A respiração da criança quase imperceptível, tudo um pouco fora do tempo, fora de órbita.

“Eu posso orar pro ele?”

Linda levantou os olhos e viu uma senhora parada à sua frente “ela era bem moreninha e magrinha, vestia uma saia longa até os pés e o cabelo preso em trança”. Ela relata.

“Eu posso orar por ele?”

“Claro”

A mulher abriu uma bolsa preta estendida ao lado do corpo, pegou um vidrinho, derramou azeite nas mãos, estendeu a mão untada e desceu-a até a cabeça do menino, disse algumas palavras bem baixinho com os olhos fechados e quando terminou aquele cochicho virou-se para a mãe e disse:

“Olha, você vai descobrir hoje o que esse menino tem”

Linda abaixou-se com os olhos vermelhos voltada pro filho, o olhar mudo não acreditando muito no que a mulher havia falado enquanto a senhora caminhava na direção de outras mães.

Onze horas da noite ele começou a choramingar por água, ela chamou a enfermeira, mas uma doutora veio vê-lo, “pegou um aparelho” segundo a mãe que desconhecia qualquer material hospitalar que fosse, “furou o dedinho dele e saiu”. Quinze minutos depois ela voltou, chegou perto do berço colocou as mãos sobre a grade de proteção e ficou olhando para ele, enquanto a mãe a olhava assustada. Ficou assim por algum tempo depois perguntou.





“Quem tem diabetes na sua família?”

“Minha mãe tem” respondeu.

Pelo tempo breve que ocorrera tudo aquilo desde a chegada da doutora não havia passado muito tempo “era umas onze e quarenta”, segundo a mãe, quando ela se debruçou para ouvir a resposta da doutora.

“Teu filho está com diabetes” honesta “vou te falar, ele pode morrer”.

“Fiquei em pé repetindo aquela frase “ele pode morrer”, relata Linda, ainda com um engasgo na voz.

“Vamos fazer todos os exames, trocar todos os remédios de agora até a amanhã cedo e ele será transferido prá outro hospital, direto pra UTI” disse-lhe.

“Eu chorava sem parar, desesperada” conta Linda, sem deixar de ter, mesmo depois de alguns anos, emoção na voz.

Pela manhã ela ligou para o marido e explicou-lhe a situação informando que o filho fora transferido para outro hospital onde veio a passar mais quatro semanas internado. Depois disto, após a alta, mãe e filho dispensados das difíceis acomodações que o Hospital oferecia, foram direto pra casa. “Eu estava um pouco assustada, não sabia nada sobre diabetes”, mas mesmo com o coração desassossegado, Linda sentia certo alívio: nem sequer imaginando os problemas que



a esperavam pela frente. Agora, ao menos, sabia o que seu filho tinha.

Sem imaginar que os encontraria nesta manhã, minhas atividades no Pronto Socorro continuavam, o dia estava ensolarado e eu cheguei aprontando com as enfermeiras no vestiário. Coloquei meu macacão azul, com os bolsos estampados, minha pantufa com borboletas e abelhas impressas e meu chapéu cheio de borboletinhas (uma vez roubaram meu armário e levaram tudo embora). Ao sair do vestiário, com os pés enfiados nas duas pantufas enormes, dei uma olhada minuciosa, detalhada para não encontrar com a pequena enfermeira de 1,90m do CCIH (Comissão de Controle de Infecção Hospitalar), porque as perseguições por conta das pantufas eram acirradas. Dei uma boa olhada e lá fui, escorreguei as costas pela parede, pisei leve no chão thic, thic e apertei o passo querendo desaparecer do corredor o mais rápido possível.

“Te peguei!”

“Ops!” Não é que ela surge do além e “Bac...!” me deu um susto danado. Saiu de trás de uma porta pescoçando, como se fosse uma girafa em desenho animado escondida atrás de um pequeno cacto. Não teve jeito, fui pega com os pés na pantufa.

Quando cheguei num dos leitos uma criança de dois anos e nove meses com um olhar desconfiado olhou-me de esguelha como se precisasse proteger seus brinquedos de um garoto briguento e ao mesmo tempo, estava curiosíssimo. Sua mãe dormia apoiando sua cabeça no leito, cabelo desgrenhado, calça comprida jeans, camiseta e tênis, parecia exausta, eu não a incomodei, porque sabia bem o que era passar dias sentada em uma cadeira. Naquela época não





havia sequer refeições e uma única sopa era servida às dez e meia da manhã, o que contribuía ainda mais para a irritação dos acompanhantes.

O menino despertou sua mãe para que ela lhe explicasse de onde havia saído aquela borboleta enorme no quarto, “mãe, mãe” enquanto eu o deixara ainda mais curioso com meu silêncio. Ela olhou-me, disse-me mais tarde “fiquei olhando quando acordei e fiquei curiosa também”.

“O que ele tem?”

“Diabetes”

“Hum”

Foi a nossa primeira conversa.

As vindas do Lipe ao Pronto Socorro estavam ficando cada vez mais freqüentes, o que não era normal e me chamava muita atenção. Numas dessas idas e vindas, tive uma conversa com Linda, ela estava muito angustiada e contou-me que estava há poucas semanas separada do marido, ele não estava vendo as crianças com freqüência e a diabetes de Lipe vinha descompensando diariamente por conta da ausência do pai, por isso, segundo ela, a freqüência no Pronto Socorro.

Eu fiquei preocupada, a situação era delicada: medicação, alimentação, faltava grana e ela não estava empregada, ninguém lhe oferecia trabalho por conta das internações da criança por medo de suas ausências “Eu não podia trabalhar porque todo mundo tinha medo de ficar com ele”. Ela compartilhava comigo um problema real e que muitas mães enfrentam “arrumava uma escola, mas quando eu falava que o Lipe era diabético e que deveriam aplicar a insulina e que cuidados seriam necessários a resposta era não” afirma ela “Tinha que ser uma escola especializada”.



Uma vez Linda me disse a seguinte frase “Vou arrastar a porta da minha casa até aqui pro Pronto Socorro”. Sua convivência era tanta que ela já conhecia todos os funcionários e todos eram seus amigos. Realmente uma comunidade se forma em volta de cada paciente e acompanhante, os relacionamentos se estendem a todos que se envolvem ou se deixam envolver: médicos, enfermeiras, faxineiras, doentes, seguranças, todos os que permitem aproximação e amizade acabam por dilatar essa ramificação de relacionamentos e contribuindo na construção do que denomino de uma comunidade dentro de um hospital. Além disso, como acontece com alguns acompanhantes, a convivência com a doença do outro acaba por lhe permitir maior conhecimento sobre ela o que não foi diferente com Linda que tinha sob a sua responsabilidade o próprio filho “Eu esfregava bala de mel boca dele quando a diabetes baixava muito” me explica “Fiquei ensinada, treinada pra poder lidar com tudo isso”.

Enquanto a sua relação com colegas aumentava, o relacionamento com o pai de Lipe piorava. Nessa mesma época foi obrigada a ceder a uma chantagem descabida por conta da saúde do menino “como o pai não vinha eu ligava pra ele. Uma das vezes” Conta ela “Consegui falar com ele e lhe disse: Vai ver o teu filho” a resposta foi um pedido, ele se mudaria para a casa da mãe, vizinha de Linda, com outra mulher, se ela aceitasse a condição em troca ele iria ver o filho. Barganha aceita, problema acrescido de raiva e decepção e Lipe feliz. Perfeito.

Eu acompanhava de perto tudo aquilo e foi impossível me distanciar do que presenciava, passou a ser importante pra mim também, já nos víamos como amigas “foi criando um vínculo”.





Minha ligação com Lipe também tinha evoluído, ele era uma criança extremamente carinhosa e a nossa amizade também foi se firmando em cada chegada dele ao Pronto Socorro, em cada ida à brinquedoteca, nas brincadeiras, nas visitas ao seu leito, na contação de estórias com o fantoche da Francisquinha. Às vezes quando entrava na brinquedoteca ele era possessivo e irritado, queria todo mundo pra fora e ficava emburrado com o desejo não realizado, voltava pro quarto e retornava prá brincar só mais tarde. Mas, por outro lado, sua imaginação fértil permitia-me estimulá-lo, tirá-lo do estado adoentado para o estado criativo e ele se enriquecia de informações e sentimentos novos, um Pronto Socorro também é um bom lugar para fazer novos amigos e o mundo por onde Lipe circulava preenchido até então de dores, injeções, leito, pelo que não podia comer ou beber e pela ansiedade começou a ser ampliado, assim como o meu mundo em contato com ele.

“O Lipe na casa da avó, dos tios, do pai ou em qualquer outro lugar era só borboleta e cabia a mim explicar quem era a tal borboleta”, dizia a mãe. Engraçado como ele gosta dessa borboleta, eu pensava. “À noite quando você fechava a brinquedoteca ele voltava pro quarto emburrado mesmo cansado de brincar o dia todo. Acordava de manhãzinha e voltava pra lá. Quando ele a via era diferente. Você dava uma alegria prá esse menino”, conta Linda.

“Toma”, ele me disse um dia com uma fotografia estendida pra mim. Olho a foto e ele está em pé com uma camiseta listrada, o olhar baixo por conta do sol forte e um semi-sorriso nos lábios. Atrás dele flores vermelhas e rasteiras e um campo de futebol. Atrás da foto, uma dedicatória.



Preocupada com a situação difícil da mãe comecei a procurar por emprego, nossa convivência e relação, como aconteceu com outros pacientes que tive, não estava mais no patamar onde a importância pelo estado sentimental e humano dos acompanhantes e pacientes é deixada de lado, eu ia onde o serviço social não alcançava, me preocupava e buscava soluções para problemas que ultrapassavam a brinquedoteca, mas que eram fundamentais para a recuperação de meus pacientes. Ia a casa deles.

Pensei que alguém da equipe médica, portanto, poderia empregá-la sem tantos pré-conceitos e foi numa conversa informal e despreziosa que encontramos.

“Fiquei radiante!” conta Linda.

Numa conversa com uma médica, surgiu um emprego que não esperávamos, mas que atendia perfeitamente as nossas necessidades. Ela iria cuidar dos afazeres domésticos em um sítio e poderia levar seus filhos. “Foi aí que conhecemos os filhos da Borboleta”. Relembra Linda. “Novidade”. O sítio era ótimo, grande e tinha muito verde, fruta prá pegar do pé. Dávamos nome pra tudo quanto é bicho, tartaruga, cavalo, cachorro, pato, porco. Foi bom”.

O sítio era realmente primoroso, logo na entrada após alguns pés de ipês, três arcos nos indicavam a porta da casa. Do lado esquerdo para quem olhasse veria os pés de jabuticaba fazendo sombra no lado esquerdo da casa e ao fundo, para quem continuasse em frente, veria a casa do caseiro escondida atrás dos pés de manga que pareciam estar sempre carregados.

Lipe já bem maior, com três anos e quatro meses, curioso e esperto. Me esperava no portão sentado com as





mãos cheias de flores enroladas entre os dedos, margaridas, violetas, rosas ou qualquer outra flor que ele encontrasse, fez isto desde o primeiro dia quando empolgado me levou para ver os formigueiros e os buracos que Belinha encontrara, a vaca que iria dar cria.

“Não tinha jeito” Linda diz “Ele ficava sentado no calçamento indo e vindo com a cachorrada”. Tiffany, uma cachorra de pelo amarronzado ralo, costelas à mostra e olhos como os de um ursinho de pelúcia. Harry, o vira-lata que punha ordem no sítio e Lála, uma cachorra preta de focinho redondo como o nariz de um palhaço. “Eu ralhava com ele, mas não adiantava, vou esperar a borboleta, era o que me dizia”.

A casa era imensa. Quando abríamos a porta um corredor se desenrolava à nossa frente. Bonequinhos de biscuits coloridos enfeitavam o parapeito da janela e no centro da sala de jantar uma mesa imensa. Uma cristaleira do lado esquerdo guardava a prataria da casa e ao lado direito abaixo das duas janelas um armário antigo de madeira. Sobre ele um cesto de vime trançado e um vaso talhado à mão trazido da Índia.

Quando chegávamos era uma festa, do fundo da casa dois caminhos de terra se iniciavam em sentidos quase opostos, em um passaríamos pelo pé de aroeira, percorreríamos o balanço e chegaríamos ao chiqueiro onde Frederico um porco barrão de mais de cem quilos era rei absoluto do pedaço. No outro, depois de algumas largas passadas, desceríamos uma pequena escada, atravessaríamos a piscina, que sempre estava tapada com uma lona na ausência de visita na casa, reiniciaríamos à direita outro caminho de terra, chegaríamos até um portão velho de madeira, passaríamos pelo canil, pela



casa de Belinha, Morena e Ludovico, o touro, e chegaríamos até o lago. Foi esse o caminho que eu e Lipe escolhemos fazer um dia. Era uma manhã quente e o sol parecia estar à altura de uma bexiga de gás hélio presa na mão de Lipe por meio de uma linha de nylon. Quando chegamos ao lago, o céu estava claro e as sombras de nossas cabeças no chão pareciam duas bolas de futebol que íamos chutando enquanto caminhávamos. Não era um grande lago, pouca grama verde sobressaía nas suas encostas de terra vermelha e barrenta, sua água aparecia sempre esverdeada nas fotografias e um cardume de carpas havia colonizado sua demarcação. Tiffany, que nos seguira o tempo todo, pulou na água e aos latidos nos convidava para um banho. Não aceitamos, Lipe guardava coisa melhor para o nosso passeio então sentamos os dois no pequeno píer, engendramos uma prosa feito dois pescadores experientes e lá ficamos. Falou-me do jardim, das tartarugas, de como gostava da piscina, tentou me convencer de que estava quase montando na égua Morena e disse-me ainda que lá no chiqueiro logo logo alguém daria cria.

Tiffany que acompanhava Lipe por todos os cantos saiu da água desapontada pela nossa recusa do outro lado do lago, enlameou os pés na encosta, deu a volta numa arrancada e parou no começo do píer com a língua balançando pra fora pedindo companhia na volta pra casa. Deu dois passos para frente, sacudiu o corpo e ameaçou nos molhar shit, shit. Como Lipe queria me mostrar algo do outro lado da cerca resolvemos nos levantar antes que a cadela se aproximasse mais, e iniciamos o caminho de volta. Passamos novamente em frente ao canil, irritamos os cachorros, pegamos carambola do pé, atravessamos outro lago menor e chegamos à horta. A horta estava uma beleza e tínhamos sido nós dois que numa manhã de sábado havíamos ido lá plantar tomates,





repolhos, couves, rabanetes, alfaces e outras verduras. Como ele gostava que andássemos a sós nessas ocasiões, tínhamos levado nosso baldinho, nossa pá e cavocado a terra, plantado as sementes, retirado o mato, arrumado os canteiros, seus limites, os caminhos e aumentado seu tamanho. Agora, de onde estávamos, a horta estava coberta de borboletas coloridas nos galhos, voando, repousadas sobre as flores e rodeando os caules das árvores próximas. Qualquer pessoa que estivesse ali conosco admiraria aquela paisagem, mas poucas as procurariam com tanto afinco como Lipe fizera. Ele conhecia o sítio como a palma da mão e tinha um olhar aguçado para aquilo.

“Borboleta” me disse.

Atrás de nós um galo cacarejava forte e fora de hora, mas não chegava a roubar a cena.

“Quando estou com saudades de você eu venho aqui” continuou “sempre suas irmãzinhas estão aqui, eu converso com elas, pergunto de você e elas sempre me falam o dia que você vem”. Eu coloquei minha mão no seu ombro, ou foi uma asa? E ele sorriu pra mim, mais sincero que feliz e prosseguiu “eu contei a elas que você tem que guardar suas asas, porque o médico do hospital não deixa você entrar lá de asas, só de vez enquanto, mas eu vejo as suas asas!”

“Você vê as minhas asas?” perguntei “como elas são?”

“Elas são grandes, brancas, azuis e amarelas, são claras e abrem e fecham quando você anda”

Claro deixei – literalmente - dar asas a sua imaginação, o uso da fantasia sempre fora minha principal lavoura, borboletas era um dos nossos assuntos preferidos e eu estava



feliz em ouvir aquilo. Caminhamos por entre os canteiros tentando tocar alguma borboleta, mas não conseguimos. De lá, onde estávamos, poderíamos correr para o pequeno lago atrás de nós, subir nos pés de mexerica e acerola à nossa frente ou poderíamos atravessar o caminho de terra e ir para o balanço, mas ficamos ali, os dentes sujos de carambola, as mãos sujas de terra, ele sem entender o que havia feito comigo e eu feliz como a Tiffany mergulhando no lago.

Aqueles dias no sítio foram milagrosos, ele estava se adaptando muito bem ao lugar, a diabetes estava controlada, os olhos e a pele sinalizavam bem estar e até o problema com o pai já não era mais um bicho papão “quando a borboleta estava lá a primeira coisa do dia que fazíamos era tirar a lona da piscina então assávamos milho, colhíamos fruta, fazíamos bolo, doces...” conta Linda. Quem olhava para Lipe pulando na piscina com o irmão mais velho e meus filhos, correndo para o lago, tentando subir nas árvores, balançando no balanço, montado na Tiffany pra fotografia, colocando minha bota azul, folgada no seu minúsculo pé para ir comigo ao jardim ou para ir com os amigos ao lago dos patos ou ainda quem o via sorrindo e andando pelos cômodos da casa descalço e feliz não lembraria do Lipe que vi a primeira vez que entrei naquele quarto e o encontrei sentado na cama, olhar curioso, extremamente vulnerável à doença, ocioso e os braços cheios de picada. Sabemos que é essencial para o ser humano a interação com outras pessoas e o meio que lhe favorecerá, mas aquele ambiente não era apenas estimulante e prazeroso para ele, sua interação com tudo que o rodeava, o clima, as brincadeiras tinha lhe diminuído a insulina, estabilizado a doença por conta de seu estado emocional e lhe tirado as freqüentes visitas ao Pronto Socorro. “Ele estava, pela primeira vez, vivendo” afirma Linda.





Nunca me esqueço do dia em que ele entrou esbaforido porta adentro com os olhos arregalados e as faces vermelhas dizendo “Seu Julio caiu!” “quem?” “Seu Julio caiu da jabuti”. Meu pai havia caído do pé de jabuticaba e se espatifado no chão. Lipe sabia porque vivia atrás do meu pai fazendo perguntas e andando pelo sítio “Seu Julio caiu da jabuti. Eu acho que ele morreu. Mas ainda ta vivo”. Não havia acontecido nada de grave mas antes de irmos ao encontro do meu pai para olhar a gravidade do tombo, caímos na risada. Eu via uma vitalidade nele que jamais imaginei encontrar.

“Foi num sábado que aconteceu”, Linda me conta. “Levantamos numa sexta-feira cedo, você iria pra lá então esperávamos empolgados, limpamos a casa, arrumamos tudo, mas à tarde você nos telefonou dizendo que não poderia vir. Naquela noite ele não quis falar com ninguém nem mesmo com a avó que telefonara depois do tio “quando dormiu, eu fiquei olhando pra ele e dizendo comigo mesma...Que benção ele dormir...” Eles estavam na sala, estava frio e ele havia caído no sono agarrado ao pescoço do irmão debaixo de um cobertor xadrez em cima do sofá. “Eu ajoelhei e orava”

Era umas onze horas, Linda ainda estava ajoelhada no chão com as mãos cerradas. As noites no sítio eram silenciosas, às vezes o vento assoviava uma canção, as folhas das árvores caindo imitavam uma garoa, mas a quietude da noite quando caía costumava silenciar o espaço e calar tudo aquilo. Parte da cobertura que os cobria roçava o chão, Lipe não largara a chupeta e dormia como um gato enrolado em si mesmo, o irmão, com a cabeça sobre o travesseiro, dormia com a ponta das orelhas vermelhas, silencioso e os cabelos como se tivesse acabado de pentear. Linda levantou-se, estendeu o braço a fim de alcançar a parte da cobertura caída, mas parou o movimento porque algum barulho alto chegara lá de fora,



de certo que parecia um uivo ou um latido o que ouvira, mas como aquilo nunca tinha acontecido antes ela chegou a cogitar que talvez não fosse. Talvez algum dos cachorros pudesse ter se machucado na cerca. Linda olhou os filhos como se quisesse confirmar que aquele barulho não vinha deles e que estavam seguros, ajeitou a cobertura para cobri-los melhor e se dirigiu até a janela, afastou com cuidado a cortina e avistou apenas um negrume lá fora. Os uivos pareciam mais fortes agora e mais cachorros engrossavam o coro. Linda voltou-se para os dois e aninhou-se entre eles, cobriu-se e esperou que os uivos cessassem o que não aconteceu. Pouco tempo depois do primeiro uivo solitário aquelas vozes lamentosas e tristes invadiram a casa vindo dos doze cachorros do sítio parecendo sons disformes de instrumentos desafinados e roucos entoando uma marcha fúnebre. Linda deitada com os olhos grudados no teto balbuciou baixinho algumas palavras, os uivos eram tão perto que os cachorros pareciam estar presos em algum cômodo próximo querendo sair ou ao redor da casa procurando frestas, arranhando as portas ou andando em cima do forro. Lipe encostou-se no corpo de sua mãe, virou-se para o seu colo e, com uma das mãos no seu rosto, não interrompeu o sono. A noite estava longe de se arrumar, mesmo depois dos uivos cessarem a casa parecia coberta de cinzas e desamparada. Linda cuidando para que os filhos não acordassem envolveu-os ainda mais em seus braços, o cabelo liso de Lipe cobrindo sua testa espalhado no peito da mãe, os olhos tranquilos e a respiração calma. A mãe repousou o braço sobre as suas costelas como se tivesse enfiado a mão pelo vão do berço hospitalar como era costume fazer quando Lipe era internado e passavam a noite juntos. O teto foi ficando cada vez mais distante e escuro e os dois dormiram a noite inteira abraçados. Na madrugada ainda uma chuva





grossa caiu escurecendo ainda mais lá fora. Ela não sabia, mas era a última noite que passavam juntos.

“Hoje nasceu 13 porquinhos!”

Os três estavam sentados à mesa e Linda estava animada ao dar a notícia “eu disse isso pensando que só eu que sabia sem adivinhar que Lipe e Ruan, o mais velho, já tinham ido lá e só não haviam me dito”.

À tarde, depois do almoço foram todos ver os porquinhos inclusive Harry e a Tiffany balançando o rabo. Um dos porquinhos havia nascido sem as pernas de traz, mas isso não entristeceu a festa que eles faziam em volta do chiqueiro. A porca estava deitada exausta num canto enlameado perto do portão da cerca, com a boca aberta e o focinho quase submerso numa poça enquanto seus filhotes a rodeavam famintos e sujos.

“Vou tomar banho, foi o que eu me lembro de dizer a eles”, conta Linda. “Vocês tomem cuidado” enquanto pegava o caminho de volta pra casa.

Linda tinha um par de chinelas cor-de-rosa e de certo foram com elas que ela desceu a trilha, passou pelo balanço e entrou pelos fundos da casa. Tinha passado perto do campo e avistado atrás dele a piscina coberta com a lona, a casa da piscina e os pés de jabuticaba carregados à sua direita. Pegou uma toalha e foi para o banheiro.

“Eu sai do banheiro umas quatro e meia da tarde”

O mais velho, entrou na cozinha com os pés descalços, mas mesmo assim deixou um fino rastro de lama no piso encerado, saiu do corredor e entrou na cozinha a fim de beber água.



“Onde está o seu irmão eu perguntei” ela que costumava sempre vê-los juntos.

“Tá no chiqueiro” respondeu com o copo d’água nas mãos se dirigindo para o sofá da sala. Linda se dirigiu à janela e gritou o nome do filho que não respondeu “eu sai na janela e gritei três vezes o nome dele, mas ele não respondeu então eu sai correndo”

Eu estava num parque perto da minha casa quando meu celular tocou, era a médica dona do sítio, ela estava nervosa e me contou que Linda tinha ligado pra ela pedindo ajuda por telefone porque Lipe havia ido brincar perto do chiqueiro “estava fascinado, não parava dentro de casa”, mas em uma dessas idas seu irmão havia entrado pra dentro de casa sozinho, Lipe não havia respondido à mãe, e ela estava desesperada.

“Eu sai correndo...” Linda diz.

Ela havia saído pelos fundos da casa na direção do chiqueiro, mas hesitou e ao invés de seguir pela trilha da aroeira pegou o atalho à direita e atravessou o campinho, as chinelas escorregando do pé, os pés molhados lhe tirando a firmeza do chão e as mãos perdidas. Saiu da grama e subiu os degraus que a levaria para a piscina “quando cheguei à subidinha vi Lipe na lona de braços sozinho então eu pulei lá dentro” tinha vinte centímetros de água da chuva sobre a lona e Lipe mergulhado nela “ele estava só de cuequinha... Eu pulei, mas não consegui tira-lo, não tinha firmeza, estava desesperada então Ruan o pegou e o retirou da piscina, coloquei-o nos braços e saímos de lá”.

A sirene da ambulância soava na rodovia propagando no ar, abrindo caminho entre os carros, engolindo o asfalto enquanto à sua frente, o sol começava a despencar atrás de





uma montanha como se fosse o cenário de uma peça infantil se desmontando. “A ambulância parou em frente ao Hospital e imediatamente descemos” a porta da emergência se abriu e levaram-no para dentro “eu estava cansada”, me disse. Não fora fácil chegar até ali. Logo quando tirou o filho da piscina e entrou com ele nos braços para dentro da casa levou-o para o quarto. Tentou falar comigo, mas não conseguiu então telefonara para a doutora, dona do sítio, que a fez repetir os primeiros socorros, ela já tinha feito e o menino já havia vomitado, depois esfregou mel nos seus lábios enquanto o filho mais velho vendo o irmão desacordado chorava. Meu pai que havia saído para comprar as salsichas que Lipe havia pedido chegou e tentava tranquilizá-la, numa tentativa de ajudar esfregou álcool sobre o corpo do menino antes de sair correndo a fim de achar alguém que os levasse para o médico.

Pouco tempo depois estavam dentro de um carro vermelho em busca de socorro, na estrada chegaram a topor com uma ambulância e pediram ajuda. A ambulância, segundo o motorista, era de outro distrito, portanto não podia ajudar o que os fez acelerar até um Posto Policial. Lá encontraram uma ambulância e Lipe recebera novos primeiros socorros antes de chegar ao Hospital.

Linda estava exausta agora enquanto segurava a troca de roupa que levava para o filho nas mãos. Um brilho vaporoso ainda tingia o céu enquanto do outro lado da paisagem a noite começava a soprar suas quinquilharias escuras para traz das nuvens e das estrelas assim como às vezes escorregamos decepção para trás de um vestido cintilante. Linda não percebia nada disso, estava em pé, com a roupa do filho e seus documentos sem saber o que esperar ou sentir. Ainda estava com a bermuda molhada e os pés sem firmeza nas chinelas. Lembrou-se dos uivos dos cachorros na noite anterior e de



como aquilo a assustara, um mau presságio abatera sobre a casa e a chuva da madrugada não fora suficiente para levá-lo embora, era o que ela pensava. Os dois rapazes da ambulância que ainda estavam por perto se despediram e desapareceram. Ninguém saía pela porta por onde Lipe entrara com alguma notícia e ela parecia que não tinha coragem de mover os pés. Sozinha naquele estacionamento, parada, ela olhou para cima procurando alguma lucidez, alguma claridade, mas o dia já tinha ido embora e a noite aos poucos caía leve como uma pena sobre a sua cabeça.

Eu cheguei muito rápido ao sítio, mas eles já haviam partido para o Hospital e Ruan estava sob os cuidados do meu pai. Quando cheguei, ele me contou ainda confuso e em choque o que acontecera, então me enveredei pela trilha de terra numa tentativa de entender o que tinha acontecido, os bichos estavam todos em silêncio, até os cachorros, que faziam festa quando chegávamos estavam emudecidos. Fui até o chiqueiro, passei pelo pomar e fui até a piscina pelo outro caminho, onde uma trilha gramada oferecia menos risco que o barro molhado. Assim que cheguei ao primeiro degrau da piscina encontrei a bermuda verde dele e seus chinelos, peguei-os e fiquei sentada no primeiro degrau olhando pra piscina que ainda estava com a lona azul. As poças que a chuva deixara na madrugada agora estavam acentuadas pelas pisadas de Linda e Ruan. O céu ainda oferecia luminosidade. Havia folhas caídas na lona de uma árvore próxima e duas cadeiras espreguiçadeiras montadas por conta das brincadeiras do dia anterior ainda davam vida àquela visão solitária. Um furacão havia passado por ali e tinha me atingido. Fui sozinha até a horta olhar os pés de tomate. O lugar estava deserto, as galinhas silenciosas e um pouco escuro. Era um lugar que costumava ficar à vontade,





não tínhamos nenhuma chave especial e nenhum cercado de trepadeiras mágicas delimitava o seu início e seu fim, mas ali era como se fosse nosso jardim secreto onde apenas eu e Lipe podíamos entrar.

Longe dali, no Hospital, duas médicas diante de Linda dirigiam-na para uma sala onde outra médica as esperavam e fecharam a porta para uma conversa.

Eu, no sítio, ajoelhei-me debaixo da árvore, coloquei meus joelhos na grama, o Harry e a Tiffany estavam por perto deitados com o focinho no chão, tristes. Segurei as mãos juntas à altura do peito e pedi a Deus um milagre ou que ele nos consolasse. Eu temia as sequelas.

Ouvi minha filha me chamando, me levantei rápido do chão tomei a trilha arremessando meu corpo pelo meio da grama, passei correndo pela piscina, entrei esbaforida pela porta da cozinha e cheguei até a sala.

“E aí?” perguntei confusa ao telefone”.

“Ele melhorou” me disse Linda do outro lado sorrindo “tá se recuperando, foi grave, mas ele vai sair dessa”.

Abri os olhos mais confiantes. Ainda estava no jardim secreto ajoelhada debaixo da árvore quando terminei meu pedido “Linda sorriria ao telefone” quando abri meus olhos, ainda com as mãos juntas e apertadas como se segurassem o meu milagre, procurando as borboletas por entre as árvores como se elas tivessem de brotar dali ao redor dos canteiros e me dar força, era esse o meu maior sentimento “ Linda sorriria ao telefone”.

“Mãe!”



Eu ainda estava ajoelhada quando ouvi minha filha agora realmente me chamando então me levantei rápido do chão, tomei a trilha de volta deixando pra traz nosso jardim secreto escuro e sozinho, corri pelo meio da grama com pressa, passei pela piscina, entrei pela porta da cozinha esbaforida e cheguei até a sala. Linda sorria ao telefone.

Eu não sabia, mas ela já havia estado com o filho “eu quero vê-lo” foi o seu primeiro pedido quando saiu da sala na companhia das médicas. Ele estava deitado, parecia descansado, seu cabelinho escorrido para o lado, os olhos fechados só lhe faltando a chupeta para melhorar seu sono. Como de costume ela havia escorregado seu braço por entre os lençóis e deixado sua mão repousar sobre as costelas do filho.

“E aí?” perguntei confusa ao telefone.

Ainda estava um pouco ofegante, minha filha que me passara o telefone não me dissera nada de modo que eu realmente não sabia o que esperar.

“Ele está bem?” me precipitei.

“Nosso menino foi embora, ele não resistiu” foram as palavras de Linda.

E eu lamentei como se tivesse perdido um filho. Dilacerou-me algo muito particular, fui descendo para o chão, as pernas moles soluçando, as lágrimas encobrendo minha fala; eu não era tão forte quanto me imaginava. Sentei no chão terminei de ouvi-la e ela me consolou dizendo “fica calma”.

“Oh, meu Deus que judiação, ele estava tão feliz hoje” me disse meu pai “parecia abobalhado ao ver os porquinhos, até me pediu para comprar salsichas, antes não tivesse ido”.





Quando cheguei ao hospital estava tão frágil que Linda foi ao meu encontro, me abraçou e me consolou. “Quero vê-lo” foi o meu primeiro pedido e me levaram até ele.

Entramos numa sala de emergência vazia, uma outra porta ao fundo à direita estava aberta, uma enfermeira me acompanhava e entrou comigo na sala menor e um pouco mais abafada. Circulei um biombo branco que nos separava e o encontrei deitado sobre uma maca. Um lençol também branco obedecia ao contorno do seu corpo e quando a enfermeira o retirou esperei encontrá-lo, mas ao invés disto um saco preto fechado com um zíper até o seu limite guardava-o. Instintivamente corri para abri-lo ou ele se asfíxiaria dentro daquele alvéolo. Puxei o zíper e o abri. Um número impresso numa etiqueta de plástico figurava sobre o seu peito e eu fiquei olhando para o rosto daquela criança. A enfermeira saiu e ficamos a sós. Olhar pra ele, a cor um pouco alterada como, algumas vezes entrou no Pronto Socorro passando mal, me fazia lembrar de uma mulher, viúva, moradora de Sarepta cujo único filho depois de estado doente por algum tempo também havia morrido. O fato é que estava hospedado em sua casa, Elias, um profeta. Elias olhando o sofrimento da mãe pediu o seu filho, pegou-o no colo e levou-o para cima para o quarto onde estava hospedado e deitou o menino sobre a sua cama. Depois disto assim como eu o fizera no jardim secreto, ajoelhada sob a árvore, Elias se ajoelhou e falou com Deus. Após fazer isto se levantou olhou para o filho da viúva morto sobre a cama e deitou-se sobre ele colocando seu peito sobre o peito imóvel do menino. Repetiu isso três vezes e o filho da viúva voltou à vida. Passei a mão no rosto de Lipe lhe fazendo carinho, arrumei o seu cabelinho enquanto pensava no filho da viúva e na fé daquele homem.



“Até aqui. Um dia a gente se encontra, um dia vamos lá pro reino das borboletas. Vai lá cuidando de tudo” disse-lhe e saí do cômodo abafado sem fechar o zíper de volta.

Uma vez, sentada na sala de aula, uma de minhas professoras, colocou diferentes objetos de distintas formas geométricas no chão da sala e esperando uma resposta dirigi à sala a seguinte pergunta “o que vocês vêem?” me lembro que, com a cabeça rodando como o tambor de um revólver pronto pra disparar bala, respondi “depende de que ângulo você vê essas formas. Se você é uma criança, verá esses objetos por um ângulo diferente do meu, que a olharei de cima”.

É certo que acreditamos muito mais naquilo que vemos do que naquilo que não vemos, mas devemos, ao menos, abrir nossas possibilidades, dar mais crédito às pessoas e a seus desejos e além de respeitá-los, enxergá-los. Não basta ouvir, é preciso levar em conta. Linda é hoje mais que uma amiga, ela é minha irmã.

Sempre está na minha casa com Ruan, o filho mais velho, quando chega sempre faz doces, sua especialidade. Claro, a ausência do filho é um assunto muito doloroso, mas a pouco tempo reiniciou a vida traçando metas, sacudindo a poeira e bolando projetos. Eu a apoio. É uma grande mulher. Quanto ao Lipe ainda morro de saudades e contar essa história é jogar álcool numa ferida.

Exposta.





Pinaldo e a menininha que queria ter asas

Dia ensolarado.

Não tinha muita criança internada. Parecia um daqueles raros dias em que a calma e a tranquilidade se internam juntas pra uma consulta conosco, até que de repente o telefone toca no balcão de atendimento.

Eu estava na sala de medicação próxima e atendi à chamada. Uma voz preocupada do outro lado me informava que estavam a caminho com uma criança de quatro anos que tinha caído do quinto andar de um prédio. Avisei a enfermeira de plantão, a médica, e zumpt: rapidamente a equipe estava pronta para receber a criança deixando, de sobre aviso, cirurgião, neurologista, ortopedista e mais quem precisasse. Prontos na sala de emergência checaram carrinho de parada e todas as parafernalias possíveis para garantir o atendimento à criança.

Estar em uma brinquedoteca de urgência e emergência é se deparar primeiro com o desconhecido. Com crianças



cujos ferimentos estão ainda expostos, cujas patologias sequer foram analisadas, cuja fragilidade está ainda em seu momento mais latente e meus pensamentos ruminavam “O que eu vou fazer para ajudar? Como será que essa criança está? Será que está muito machucada, ai, ai...”

Eu nunca sabia e ainda não sei como é ou quem será o meu paciente. Isso me expõe e me coloca em urgência, uma urgência emocional e criativa, onde o que eu encontro não pode me afetar mais que à família ou o próprio paciente.

No Hospital, enquanto meu filho estava internado, as brincadeiras, algazarras, fantasias e histórias, eu elaborava e apresentava para pacientes que estavam no quarto em suas camas com os devidos procedimentos encaminhados, na maioria das vezes, conhecedor de sua doença e suas possíveis conseqüências. Agora não, eu estava em alerta, retirando das mangas estórias, improvisações inusitadas que por vezes eram difíceis de sustentar, mas que eu, na condição de tirar o paciente do estado de sofrimento, dor ou desespero, não podia me dar ao direito de pensar duas vezes.

Confesso que estava com medo, os rumores sobre o estado da menina já tinham começado e alguns funcionários destilavam suposições que perturbavam a concentração da equipe médica e a minha. “E ai Dra. Borboleta a menina parece que está realmente mal” me dizia alguns, como se realmente soubessem de algo. Outros me perguntavam, mas com um tom afirmativo sinalizavam que não se importavam com a resposta.

“Quebrou as pernas?”

“Fiquei sabendo que quebrou o pescoço?”

“Urrrrr!”



Alguns poucos fotógrafos e jornalistas também já haviam chegado e não me perguntem leitores, como as criaturas descobriam essas informações. Por vezes eu achava que eles tinham um infiltrado dentro no pronto socorro. E com descuido se aglomeravam com os curiosos pelos corredores atrás de respostas e fotos.

O que faço nessas ocasiões? Converso com os funcionários informando-os delicadamente que essa atitude especulativa não é bem vinda, estratégias eram necessárias para garantir um socorro integral, outro aspecto era cuidar para que as informações infundadas não atrapalhassem nossa concentração.

Quanto aos fotógrafos e jornalistas, pedi ao Caçador de rãs que não deixasse mais ninguém entrar pela emergência além da equipe, enquanto aguardávamos a chegada da pequena Sininho.

Se o assunto é trauma neurológico, claro, o doutor Pinaldo é logo convocado. Ele é o neurologista da pediatria e antes que a menina chegue ao Pronto Socorro me ocuparei de falar um pouco deste profissional.

Imaginem uma figura alta. Não, não, não leitor. Imaginem uma figura muuuuuuito alta.

Melhorou.

Agora imaginem duas pernas longas como as de uma seriema e uma voz de taquara rachada como se falasse através de um papagaio rouco. Imaginem ainda um rosto comprido, duas bochechas salientes, óculos na frente de olhos inteligentes e no centro deste rosto, desafiando a gravidade, como se fosse mais um sonho de Niemeyer em concreto





armado, um belo e grande nariz apontando para frente como um dedo fura-bolo gigante.

No início ele era um pouco sério, lembro-me que quando o conheci, sem a menor cerimônia, me perguntou como se me apontasse uma flecha.

“Quem é essa palhaça? Que palhaçada é essa aqui na pediatria?”

Foi claro, o que eu precisava para me apresentar.

“Eu sou a Dra. Maluquinha ou Borboleta, me chame como achar melhor”

“Bom”, mas havia mais sarro e sarcasmo que veneno na ponta daquela flecha “você com essa roupa só pode ser palhaça!” e se riu “com essa cara então!” e doido para conhecer a brinquedoteca me pediu despachado “mas vamos deixar de falatório e me mostra logo a casinha que eu nunca entrei aí” e parou em frente à brinquedoteca.

“Falando nisso” me disse como se estivesse sendo dublado pelo tal papagaio “essa porta é ridícula, como eu vou entrar?” disse apontando o dedo enquanto eu ria por dentro já que o seu nariz havia me apontado o problema muito tempo antes.

“É só se abaixar” aconselhei.

E ele abaixou-se para tentar passar pela pequena porta.

“O que pode atrapalhar um pouquinho é o nariz” disse a ele sem esconder a risada “mas se ele passar o resto com certeza passará”.

Muito tempo se passou desde aquela risada e nos tornamos grande amigos e parceiros, mas foi por eu ter



soltado muitas risadas iguais àquela que um dia fui parar pendurada no suporte de soro. Isso mesmo, pendurada pela alça do macacão num suporte de soro com as pontinhas dos pés arrastando no chão. Nessas horas não tinha jeito.

“Me tira daqui! Mães me ajudem!”

“Nem se atrevam!” ele gritava de onde estivesse.

E era claro, motivo de risos e descontração por toda a pediatria, os pais adoravam, riam, as crianças vinham ao meu socorro enquanto eu levantava bandeira branca e me esvaia em juras de não mais provocá-lo, o que obviamente não cumpria.

“Não vou mais colocar cartazes colado nas suas costas, nem na porta da sua sala, nem vou mandar recados sobre seu nariz pelas crianças!” prometia.

Mas poucas vezes um pedido de desculpa me absolveu. Ele sempre queria mais, às vezes me fazia jurar perante todos que a torre de cartilagem que ostentava abaixo dos olhos era linda, uma obra prima. Duas enfermeiras, igualmente algozes, sempre o ajudavam nessas horas. Lelé, extremista, às vezes gritava.

“Mata ela só um pouquinho, Dr. Pinaldo”

“Da uma enforcadinha nela, bem de leve”

Às vezes ele corria pelo saguão ou pelos corredores atrás de mim e com certeza tinha suas razões.

“Vou te pegar, Palhaça!”

Eu me escondia atrás das mães e das crianças. Seríamos Tom e Jerry, se não estivéssemos mais para um tucano de bico largo voando atrás de uma borboleta colorida. Fazíamos uma





dupla popular, dessas brincadeiras e entrosamento surgia confiança e calma. As crianças esqueciam o medo, esqueciam mesmo que estavam num Pronto Socorro, desfigurávamos juntos a imagem do médico que, às vezes, se configura grande e séria. As crianças eram minhas amigas, ele era meu amigo, o que estreitava a confiança entre ele e as crianças. O resultado disso era bom.

Muitas vezes conversávamos sobre a patologia da criança, afinal ele sabia que eu tinha um trunfo nas mãos, podia observá-las onde ele não podia, enquanto elas brincavam. Elas passavam muito mais tempo comigo que com ele e ele sabendo disto aproveitava minhas informações ao máximo, afinal enquanto brincavam eu observava seus reflexos, coordenação motora, memória, evolução do quadro clínico e isso contribuía para um melhor diagnóstico e prognóstico dela.

Pinaldo é um grande amigo. Em uns de seus aniversários, eu me lembro de preparamos uma pequena festa surpresa para ele. Enchi uma sala com bexigas, compramos bolo e lanchinhos. Como queríamos fazer uma surpresa, só preciso dizer a vocês que o que contei a ele fez com que Pinaldo saltasse da cadeira como se saltasse de um pula-pula e corresse pelo corredor com passos de avestruz apressado. Quando ele entrou desenfreado.

“Surpresa!”

E me abraçou feliz. Os médicos trabalhavam felizes e os pacientes se recuperavam felizes. Bom é cuidar de quem cuida, afinal somos todos seres humanos e mesmo que às vezes nos confundamos com super-heróis, sabemos que até os heróis precisam de cuidados.



Ah! Sim. Voltando a Sininho, a menina que caíra do quinto andar.

Quando ela chegou imobilizada em uma prancha na ambulância a tranquilidade daquele dia já havia desaparecido. “Começamos bem” pensei, afinal ela estava consciente mesmo que em estado delicado.

Enquanto os médicos davam assistência à Sininho, eu assistia à sua mãe, que se culpava por não estar no apartamento no momento do acidente. Ela repetira várias vezes que saíra um pouco enquanto a filha dormia para buscar a cesta de alimentos que recebia uma vez por mês no Centro Comunitário, próximo ao prédio onde morava.

“Ela acordou... arrastou o sofá até a janela e caiu” disse.

Será que essa mãe tem alguma culpa? Será que ela empurrou a criança? Onde fica o Centro Comunitário? Será que a criança sofria violência intra-familiar? Estava realmente sozinha na hora do acidente? A tamanha veemência com que se desculpava demonstrava que algo estranho havia acontecido naquele apartamento? Fora cuidado? Irresponsabilidade? E era possível sentir pelo clima das pessoas em volta que essas perguntas pipocavam sobre suas cabeças enquanto olhavam o desespero da mãe.

Perguntei a ela se havia na hora do acidente mais alguém no apartamento e ela me respondera que “não” enquanto eu lhe oferecia meus braços e ela aceitava.

Era visível sua fragilidade e me pedia sem parar de chorar notícias da filha. Eu então entrava na sala de emergência de maneira delicada a fim de não chamar a atenção de Sininho para mim e trazia informações à mãe. A filha não tardou





a chamá-la já que ouvira lá de dentro o choro sofrido da acompanhante do lado de fora.

“Eu quero a minha mãezinha”, pedia sonolenta.

Uma das médicas me chamou

“Borboleta precisamos de você aqui”

“Ops! A bela não pode adormecer?” me referindo ao fato daquela menininha não poder dormir em meio àquele procedimento.

“Bingo” me respondeu.

Naquele momento desviar sua atenção dos procedimentos e trazê-la para mim, para uma brincadeira lúdica era minha urgência. Ela estalou os olhos quando me viu.

“Você é médica?”

“Sou uma médica diferente, sou a doutora Borboleta”

“Porque seu cabelo é colorido? Por que seu rosto tá pintado? Que roupa é essa?”

“Última moda no reino das borboletas coloridas!”

“Não perde nem pra uma caixa de lápis de cor” acrescentou uma enfermeira.

E mesmo em meio aquela tensão pudemos dar uma espécie de cochichos e risos. Toquei a ponta de seu nariz e aproveitei prá perguntar

“É você? Que estória é essa de querer voar mocinha?”

“Bom” com um sorrisinho de canto de boca “quem sabe ela te conta, não abriu a boca até agora” me informou uma das médicas.



Bom, primeiro Sininho abriu um bocão sem emitir qualquer som, apenas curtindo com a cara da doutora e em seguida desenfreado a falar com seus olhos estalados em mim como se estivesse na brinquedoteca ou na sala de sua casa. Disse que acordou não encontrou a mãe, empurrou o sofá até a janela e foi ver onde sua mãe estava, mas não deu certo e ela caiu.

“Sabe, borboleta” me disse “quando caí, Jesus me segurou até o chão”.

Todos os presentes se viraram e fizeram a mesma pergunta que apenas eu deixei sair da cachola:

“Como é que é?”

“Ele é muito branco parece uma luz. Todo de luz sabe?” disse assim naturalmente como se o visse todos os dias. Enquanto ela falava comigo despercebida do que acontecia com seu corpo, continuavam os procedimentos, procura de acesso venoso, raio-x, medicação e vários especialistas presentes olhando o estado da menina e cuidando para que suas respostas fossem respondidas. Naquele momento, Sininho não mais chorava e entretida comigo no assunto parecia não sentir a menor dor ou desconforto.

“Será que no impacto ela caiu deitada?” Perguntou uma especialista à outra.

“Não” ela respondeu a mim “eu cai de pé mesmo. O Jesus tava segurando em minhas mãos eu nem senti medo. Depois eu me sentei e deitei. Ai os homens da ambulância chegaram e me falavam assim: Não se mexe, vai dar tudo certo. Vai dar tudo certo”.





Um silêncio encheu a sala. Aquela criança havia caído de uma altura assustadoramente alta para seu tamanho e peso e chegara ao Pronto Socorro, lúcida e falando como uma tagarela. Todos os médicos e enfermeiras estavam visivelmente tocados e um ou outro retiravam as lágrimas empoçadas dos olhos. Eu não conseguia emitir uma só palavra, mas cantava em minha alma um cântico de agradecimento a Deus por Sininho. A sala se encheu de uma temperatura agradável, uma alegria, todos se olhavam cúmplices porque era claro que todos estavam felizes e emocionados como eu.

“Porque as outras médicas não estão coloridas” recomeçou e não parou mais “quero ver minha mãe” pediu de novo.

“Bom, se a mãe tinha alguma culpa aquele reencontro poderia responder algumas perguntas” pensei comigo. Claro, não estávamos ali para levantar provas, estabelecer um interrogatório e sim para socorrer sua filha, mas, era algo onde todos depositavam atenção. “Como a mãe sai e deixa uma criança deste tamanho sozinha?” Olhei pra médica pedindo sua aprovação para buscar a mãe de Sininho e aí sem responder sua pergunta.

“Prepara ela, Borboleta” me disse antes que eu fechasse a porta.

Pois bem, pedi à mãe que ao entrar não se desesperasse, ela estava com acesso na veia, continuava imobilizada e sua reação era imprescindível para manter o bem estar de Sininho “você não poderá tocá-la” fui direcionada a lhe informar.

Entramos juntas.



“Mãe” disse Sininho olhando para aquela mulher como um gato que havia aprontado alguma coisa “você vai brigar comigo?”

“Você é levada demais, porque não esperou a mãe chegar?” respondeu com lágrima nos olhos.

“Fui só dá uma olhadinha”.

A mãe, ainda tentando inutilmente segurar as lágrimas, tentando não parecer tão frágil e não passar para a criança a tensão que claramente trazia no peito disse à filha como quem pedia desculpas.

“Oh filha” quase levantou o braço para tocá-la, mas desistiu olhando para os lados e lembrando-se do meu pedido “a mãe foi buscar a cesta” e continuou “prá dar leitinho pra você. Já acabou o outro pacote sabia?”

Sininho fez um sinal afirmativo.

“Porque você não esperou a mãe chegar?”

“Eu queria você logo” e com um olhar dividido em se desculpar e se justificar disse “estava com fome”.

Em algumas horas saiu a remoção de Sininho e ela foi levada para um hospital de referência em trauma. Todos eram unânimes em reconhecer que tínhamos presenciado um milagre, afinal uma criança de quatro anos cair de aproximadamente quarenta e cinco metros de altura e chegar consciente ao Pronto Socorro, sem fratura exposta e serelepe como aquela menina chegou “nunca vi nos tantos anos de profissão”, disse uma médica.





Alguns meses se passaram e um dia tive uma grande surpresa. Sininho adentra no colo de sua mãe toda sorridente no Pronto Socorro. Realmente ela estava certa. Apesar da lesão na coluna, que segundo os especialistas a impediria de andar pelo resto da vida, ela, como dissera a mim, já andava depois de apenas quatro meses se segurando pelas paredes. A mãe dizia que não sabia mais o que fazer para segurá-la. Sininho, numa alegria contagiante, fora lá para conhecer a casa da borboleta. E enquanto eu a via brincar, me lembrava de suas palavras naquela tarde no quarto “eu vou voltar a andar Borboleta” me dizia. “O Jesus me disse que eu vou andar”.



Cadê o bebê

- Menina! Calce os chinelos, se aquiete um pouco, você não cansa de tantas traquinagens?

Esse tipo de frase era comum minha mãe dizer sempre que me via fazer bagunça. Eu me lembro com clareza da casa sem muro, o chão de terra, o encanecido poço que abastecia alguns vizinhos e a grande horta cuidada por minha mãe e minha avó. Horta que me era muito útil na hora de minhas brincadeiras, principalmente os pés de pimenta, que me chamavam a atenção pelas cores vivas e exacerbava-me a curiosidade. Como pode uma pimenteira tão bonita dar frutos, verdes, vermelhos, amarelos e tão ardidos? Aqueles frutos eram como a cinta de meu pai, de couro, marrom, afivelada, com rebite, passador, uma cinta linda, muito embora...

Claro que mesmo sendo incendiária eu degustava aquelas pimentas sabendo das conseqüências. Mas não havia uma só vez em que eu não ficasse indignada a respeito delas misturadas na boca, o nariz vermelho e as orelhas soltando vento como as chaminés dos ônibus.





O córrego que passava atrás de minha casa, com muitas espécies de flores à sua margem, mormente o jasmim, cujo cheiro sinto até hoje quando fecho os olhos, tinha sua água límpida. Gostava muito de ouvir o coaxar dos sapos, que por sinal sempre desvaneciam ao sentir a minha presença. Era como se tivessem um sexto sentido; se eu estivesse por perto, era claro, sinal de traquinagem à vista e eles pareciam compreender isto como um presságio. As noites eram embaladas pelas estórias que meu pai e meu tio contavam, dava medo, afinal qual criança não tem medo de lobisomem, alma penada, mula sem cabeça, saci pererê dentre outros personagens que eles costumavam depositar naquelas narrações noturnas? E eu ia dormir pensando nelas. No dia seguinte, acordava bem cedo já maquinando o que poderia criar, aprontar contando de certo com as ralhadas, afinal, minha mãe sempre oferecia na outra face o bônus da chinelada. Não impedia minha vontade de criança, mas transformava minha mãe numa daquelas assombrações narradas pelo meu pai dizendo ao meu ouvido “se aquiete um pouco!” onde quer que eu fosse.

Esse gosto de infância amassada na língua me acompanha certas manhãs anulando o cheiro de desinfetante que aquele Pronto Socorro costuma exalar principalmente nas primeiras horas do dia.

Quando entrei na emergência encontrei Nane deitada e inquieta com o nariz apontado para o teto como o pincel de Michelangelo. Sua mãe segurando suas mãos para ela não tirar com algum movimento brusco o oxímetro do dedo., Parecia exausta, então sugeri a ela que fosse comer e lavar o rosto a fim esparecer. A enfermeira concordou:



“Vai mãezinha, a Borboleta vai ficar com ela até você voltar”.

“Você não vai sair de perto dela, né?” me perguntou com o olhar um pouco incrédulo.

“Não”.

“Acharia bonito se todos os médicos andassem mais coloridos. Ia ser divertido prá s crianças, você não acha?”, e sem esperar a minha resposta saiu rindo.

Li o prontuário e fiquei sabendo que Nane era cardiopata e que se tratava no Instituto do Coração. Na verdade víamos um bebê apático, sua inquietação era incômoda e até aquele momento ainda não tínhamos idéia de como aqueles dias se estenderiam dolorosamente e como a mãe me surpreenderia ensinando-me mais uma vez o quanto podemos ser importantes na vida de cada criança que passa pelos nossos cuidados e, mesmo que a alegria repartida seja um hiato, a intensidade do laço com que embrulhamos a caixa de presentes pode dizer muito sobre o amigo. A médica entrou e confirmou a apatia da criança que, segundo a mãe, Nane há dias a degustava, como a borracha de uma chupeta velha.

Caminhei para a brinquedoteca feliz como se caminhasse para a lagoa dos sapos quando criança. Era véspera de comemoração dos aniversariantes do mês, uma





festa aconteceria no refeitório para aproximadamente cento e cinqüenta funcionários, mas os corredores àquela hora ainda estavam silenciosos. O silêncio me lembrava que haveria muito trabalho pela frente. O departamento de recursos humanos tirava as fotos, faziam convites que eram colocados nos contracheques de cada aniversariante. A nutrição ficava encarregada das guloseimas, e as meninas caprichavam. A mim, cabia a decoração e harmonização do refeitório. As fotos dos aniversariantes iam parar num painel na entrada, um arco de balões coloridos como um arco-íris receberia os convidados logo no primeiro degrau da escada, que também eram decoradas. Muitos balões espalhados e como toda festa que se preza, música ao vivo, tocadas pelo Amigo Zé, que gentilmente vinha com seu violão dar o toque da cereja no bolo. Ao conversar com alguns dos aniversariantes, por vezes descobria que se tratava da primeira festa. Alguns mantinham uma cara sisuda, mas na hora do parabéns, se derretiam feito manteiga em sol a pino.

Quando voltei da brinquedoteca para o quarto de Nane trouxe comigo um verdadeiro arsenal de brinquedos. Ela iniciou tímida, interagia com as cores, os papéis, as formas, os brinquedos, mas desanimada se expressava pouco, quase impassível. Então eu descobri algo. Cobria meu rosto com as mãos e saía procurando por ela como um ciclope cego e sem rumo procurando por Ulisses. A voz agigantada nas vogais, espalhafatosas, dava o tom quando a chamava:

“Cadê o bebê? Cadê o bebê? Cadê a Nane?”

Fazia ecoar o som da última sílaba como se minha voz subisse do fundo de um poço e ela ria. Afastava meu corpo do leito desenrolando-me como um barbante do sarilho dando corda. O mistério, o enigma, a charada no rosto coberto fazia



seus olhinhos desabotoar enfim curiosidade e, como uma fada do poço ou um monstro do poço, eu reaparecia grande à sua frente dizendo “Achô!” como se fosse dela as mãos que me puxavam pelo sarilho até a boca do poço.

Quando eu era criança o poço de casa matava a sede da vizinhança inteira apesar de alguns dentes de leite estarem pra sempre debaixo de suas águas frias, mas em pouco tempo parecia que Nane era quem se banhava naquela água, como se o seu coração fosse como aquelas casinhas nas montanhas frias e distantes cujos telhados altos e bem inclinados não deixam acumular neve por muito tempo, o seu rosto se abria, seu corpo espreguiçava-se na cama contente e seu olhar que a pouco pareciam olhos tristes refletidos no gelo agora brilhavam.

Na Grécia antiga os homens acreditavam que cada poço era protegido por um espírito e que jogar moedas para eles garantiria água suficiente para o ano inteiro. Não sei se daí saíram todas as estórias que conhecemos sobre jogar moedas no poço, mas o fato é que influenciada por estas estórias muitas crianças fazem do poço da casa o seu mais estimado cofre. Gostam de jogar a moeda ou uma pedra e ouvir o som que fazem quando tocam na água, e lá no fundo balançam os rostos refletidos. Spliumm!, e era essa a sensação que me causava aquela brincadeira, spliumm!

Eu sabia que jogar pedra ou qualquer outro objeto no poço da minha casa era pedir uma surra. O fundo do poço me fascinava, mas foi mesmo por brincadeira que um dia retirei corda suficiente do sarilho, amarrei-a nas pernas e pulei. Pelo som da minha voz parecia que eu gritava lá de dentro do poço para Nane assim que abria os olhos surpresos e ela pulava atrás de mim.





“Achou! Achou”.

E ria com o corpo todo.

Pouco tempo depois estávamos dispersas, e não percebemos quando a mãe entrou no quarto e nos viu, talvez tenha procurado saliva na boca, passado a língua pelos dentes procurando algum líquido e sem perceber que lacrimejava irritara-se com a sequidão na boca. Seu rosto iluminado ria e soluçava ao mesmo tempo. Então soltei:

“Nunca viu, cara de pavio?!”

“Você não imagina o que você fez, cara de percevejo!” me disse entrando na onda “ela não queria nada, nada, nada. Eu já tinha esgotado minhas brincadeiras e nada! As enfermeiras não tinham conseguido alimentá-la. Não quis o café, o almoço, nada, e olha agora!” apontando extasiada para a filha “A esperança que ela melhora voltou!” e soltou um suspiro longo.

Lá fora o dia deveria estar mais claro, a revoada de pássaros que escurecia a cidade deveria ter ido embora iluminando o dia e ardendo os olhos dos transeuntes com o brilho do sol

“Se quiser algum brinquedo vai lá, é no final do corredor”, e saí.

Segundo os médicos, ela estava reagindo muito bem e aguardava a remoção. Eu só não passava por lá quando ela estava dormindo. Indiquei à mãe um banquinho postado debaixo de uma mangueira atrás do prédio, fazia sombra, pouco vento e um gramado circulava seu caule do tamanho da sua sombra. De certo aquele lugar, pra onde eu levava meus pacientes às vezes, iria fazer bem a ela.



Na manhã seguinte cheguei cedo, me troquei e caprichei no visual, até um arco-íris perderia pra mim. Passei rapidamente pelo refeitório onde rolava a festa dos aniversariantes, ouvia-se Raul Seixas numa voz um pouco rouca e açucarada e um violão amplificado zunia. Uma mesa imensa de doces, tortas, pães e salgados perto da parede da sala, microfone no centro para os impolutos discursos e um retroprojeter enumerando fotos. Como os aniversariantes eram fotografados normalmente em seus respectivos escritórios ou salas, ocasionalmente nos corredores ou nas escadas, a má iluminação, por vezes a cara desconfortável do funcionário, o riso às vezes forçado e o tamanho da imagem refletida no painel branco resultava em fotos engraçadas, mas todos pareciam orgulhosos e felizes por ganharem uma festa.

Cumprimentei os aniversariantes, aproveitei para ver quem pelo efeito camaleônico dos dias eu não me lembrava de ter visto, filei um café rápido e fui direto pra emergência. Não fui direto porque, sempre com o cuidado de não passar por alguém e com a pressa deixar de cumprimentar um amigo ou conhecido, ia deixando atrás de mim sempre dois ou três com quem discorria meu estado mais aparente “estou bem, e você?”, e enquanto o passo não parava e a conversa teimava por não se acabar “eu? Bem, e você está bem também?”, o percurso se estendia. Fazemos muito isto. A conversa não se aprofunda, ambos sabem que o tempo não favorece um longo papo e deixamos aquele rastro nos corredores de gentes falantes e paredes apertadas, como uma novena dentro da uma vitrola. Aliás, novena era comigo mesma. Quando eu era criança fazia o enterro dos insetos e um respeitoso cortejo me seguia na rua a fim de honrá-los em hora tão esquecida. Esse vai-mas-não-vai pelos corredores parece muito com minhas





despedidas dos insetos que aconteciam fielmente às sextas-feiras, sendo por isso um dos dias mais esperados por mim. Esperando para não dizer apropriado e parecer exagerada. Eu o denominara como o dia do velório dos insetos.

Saí do corredor a custo, deixei o refeitório e fiz o resto do caminho rápido um pouco de cabeça baixa como se estivesse à procura de algum animalejo morto, tatuzinho bola, joaninha, barata ou formiga prá enterrar. Abro um parêntese para informar que quando criança no dia do velório eu os recolhia, limpava e encaixotava em caixinhas de fósforo ou de sapatos, dependendo do defunto. Meus amigos apareciam, colhiam flores à margem do córrego e preparavam o campinho perto de casa. Mesmo que o barro sobrepusesse à grama no centro do perímetro, tínhamos todos os cantos bem gramados para delimitar nosso cemitério afim de enterrar os pequenos insetos, tudo com muita reverência. Depois de tudo nos conformes, começávamos a citada novena e o cortejo fúnebre, eu na frente, vestida com um vestido branco da minha mãe em alta voz dizendo:

- A formiga morreeeu!

E todos atrás seguindo meu rastro respondendo:

- Amééém!

Inevitavelmente a vizinhança desabava a rir, principalmente porque imitava com certa semelhança o padre da cidade. O padre, aliás, sempre brigava ao saber da brincadeira, dizia aos pais que não devíamos brincar com os mortos. Acabava no meio da reprimenda, soltando um risinho ou balançando a cabeça. Nunca as duas coisas ao mesmo tempo para não ser explícito demais.



“E aí como passaram a noite?” chegando ao quarto de Nane e constatando que sua vaga ainda não havia saído. A mãe me informara que ela havia jantado, brincou um pouco e no resto do tempo desembestara a dizer sozinha “Achô!”

Eu sabia bem do que se tratava

“Cadê o bebê?! Cadê o bebê?! Achou!” e Nane ainda mais disposta dava gargalhadas. As enfermeiras riam dela. Seu estado clínico era bom, estável e eu via sua mãe muito otimista. Troquei os brinquedos, brincamos, veio o almoço e ela comeu bem, estava toda serelepe.

Voltei depois de uns quarenta minutos.

Do início do corredor vi uma das enfermeiras abraçada à mãe de Nane. Eu prossegui andando, mas uma sirene souou na minha cabeça, onooo! Continuei calma, o tempo dera uma brusca meia volta como se o corredor encompridasse ou como se eu caminhasse numa esteira e a paisagem não marchasse para traz de mim. Porque estão abraçadas? Porque se abraçariam? Nane já esta de alta. Mas eu já havia passado por aquilo antes. Continuei desejando parar para colher um ou outro jasmim ou baixar a cabeça para procurar insetos mortos novamente ou qualquer outra coisa, abaixar a cabeça para não olhar nos olhos da mãe de Nane ou para me tornar invisível como um louva-a-deus numa folha de acácia, mas simplesmente continuei na esteira.

Entrei e vi a pequena Nane coberta por um lençol branco.

Parei na porta.

A sirene aumentou o volume na minha cabeça ecoando como se eu estivesse dentro de uma caverna.





“O que aconteceu?”

“Foi muito rápido

Borboleta. Fulminante”

“É...Não deu tempo de nada”

E eu só queria sair dali.

“Você quer que eu tire os brinquedinhos?” me perguntou a enfermeira.

“Não” respondi sem deixar transparecer no rosto, a folha de papel pardo que estava por debaixo da face “pode deixar com ela” e sem coragem de tirar os brinquedos de perto de Nane levantei rapidamente o lençol, olhei-a por alguns instantes “Cadê o bebê?” Disse baixinho como quem não quer perturbar um bom sono e sai.

Eu realmente não queria admitir aquilo.

Sai dali desejando água, água fresca.

O velho poço da minha casa anda lacrado, o velho córrego putrefato e o velho rio também poluído, mas naquele dia refutei para longe qualquer constatação que fosse tão recente e degradante porque é no passado que às vezes nos refugiamos, no embalo da infância. Retroceder feliz para dentro do sonho, amarrar os pés no cordão do sarilho e pular para dentro do poço, enterrar os pés no chão, se plantar feito flor do campo, depois voar, ser uma flor, um louva-a-deus.

Depois de uma semana, aproximadamente, me chamaram à sala da ouvidoria e eu me assustei quando a mãe de Nane me recebeu à porta toda forte e desanuviada. Cumprimentei-a meio que sem saber o que dizer a ela afinal, o que poderia ser dito numa hora daquelas?



“Eu vim te agradecer” me disse. “Eu não me lembro um só minuto da minha filha triste. Só consigo me lembrar da minha filha dando aquelas gargalhadas e isso é um grande consolo. Obrigada. Eu não me lembro do semblante da minha filha abatida. Mesmo morta era diferente, Borboleta. Ela sorria, você viu? Isso é um alento pra minha alma” me disse.

Suas mãos escorregaram para as minhas, nos apertamos, depois ela virou-se e foi.

Naquele momento a única coisa que saiu da minha boca foi.

“Obrigada”.





A Flora comeu pão-lã na casa do João?

Alguns minutos depois da saída da mãe de Nane dava entrada uma paciente assídua do Pronto Socorro.

Flora.

Ela estava totalmente descompensada e sua diabetes em 600 mg/dl, claro, outra emergência.

A endocrinologista foi entrando, enquanto médicos e enfermeiras faziam seus procedimentos, eu fazia os meus.

Flora me viu passar e me chamou:

“Borboleta, eu voltei”.

“Tô vendo. Eu quero é saber o porquê?”

“Quem sabe você descobre o mistério dessa mocinha?” disse Dra. Lindinha, uma das médicas super poderosas, e eu percebi que



Flora me olhava com um olhar de embaraço. Não conseguia disfarçar que tinha aprontado alguma.

A endocrinologista Docinho parou na pequena porta da brinquedoteca e me chamou

“Borboleta! Vamos à minha sala. Quero falar com você”.

Saí e fomos.

“Tem alguma coisa errada acontecendo com Flora” e me mostrou indignada um pequeno caderno “olha isso”,

Nesse caderno tinha os horários das aplicações de insulina, das refeições, da rotina de uma diabética como Flora, mas o problema era que os horários estavam alternados aleatoriamente, indevidos e, obedecendo ao calendário daquele caderno, as aplicações de insulina era uma bagunça.

“Essa mãe tá louca”, sentenciou Docinho.

Pedi a ela que gostaria de conversar com a mãe e com Flora.

“Vê o que ta acontecendo” concordou “elas parecem Mulher-gato e o Coringa tramando contra o Batman, não falam nada



pra mim, hoje conseguiram me tirar do sério. Essa criatura vai morrer se continuar assim!”

“Ok” respondi. E saí.

Ao entrar pela primeira porta que dava acesso à emergência encontrei com a mãe de Flora. Muito jovem. Estava abatida.

Não é um pouco comum a equipe que acompanha o tratamento de determinada criança estabelecer alguns parâmetros de comparação como, o estado de higiene em que a criança chega ao Pronto Socorro e como chegava antes, com que frequência a criança apareceu nos últimos meses, como a mãe aparenta cuidar ou não do (a) filho (a), e a partir dessas observações acabam por julgar a (o) acompanhante. Não foi diferente com a mãe de Flora. A mim, aquela jovem não parecia relapsa, mas eu tinha que concordar que alguma coisa estranha estava acontecendo.

Eu a cumprimentei e perguntei se sabia o que tinha acontecido e se poderia me responder se Flora havia comido alguma coisa em exagero.

“Tem algum lugar onde possamos conversar?” foi o que ela me respondeu envergonhada “onde ninguém possa nos ouvir” pediu, embora parecesse mais uma condição.





“Vamos pra minha sala, é pequena e um pouco abafada, mas bem reservada” e saímos dali.

Quando entramos na sala ela começou a chorar. Pedi que se sentasse e que não havia pressa. Aquela mãe não se mostrou sequer receosa em abrir as comportas e deixar jorrar toda aquela água pra cima de mim. Disse que não aguentava mais, o esposo batia nela constantemente e que por ter já outra família não cuidava nem dela e nem dos filhos “você só me deu filhos doentes” é o que ele diz “meus outros filhos não são doentes como você!”. Então ela me disse que já havia tentado o suicídio. E, sem a menor cerimônia, tirou da bolsa caixas de calmantes e alguns comprimidos de vitaminas.

“Faz tempo que você toma essas medicações?” perguntei a ela analisando admirada a prescrição dos remédios.

“Uns dois meses”.

Eu sabia que era esse o período em que as frequentes vindas de Flora ao Pronto Socorro haviam se intensificado.

Depois de me mostrar aqueles comprimidos ela levantou a blusa e me mostrou várias marcas nas costas perto do peito de murros e socos e completou “Se eu tomo os remédios eu não aguento fazer nada e Flora é quem tem que cuidar de mim”.

“E se você não toma...”



“Se eu não tomo pareço que vou enlouquecer”, respondeu segurando minhas mãos aos prantos pedindo ajuda “eu estou só!”.

“Sua família sabe que você tem sido vítima de murros? Espancamento? Que seu esposo tem outra família? Sabe?” perguntei, mas olhando nos olhos daquela jovem, olhos tristes como olhos de elefantes no zô, atinei, “eles não vão te apoiar numa separação não é?”.

“Ahâ” ela respondeu afirmativamente. “Ruim com ele, pior sem ele é o que eles me dizem. Se eu denunciar, como vou fazer prá sustentar as meninas? Ele me mata, e mata mesmo” reforçou dizendo que queria morrer.

Depois de ouvir o desabafo dei água a ela, passei as mãos em sua cabeça que se limitava a olhar pro chão e perguntei sobre Flora e seu tratamento. A resposta não chegou a me surpreender já que ela havia participado a mim parte da intimidade assustadora daquela família.

“Não vou mentir” me disse com os olhos ainda grudados no chão: “é Flora quem se aplica a insulina, ela é quem controla tudo, sua alimentação, seu banho, seu dia”. Disse “eu deixo só o que ela pode comer na cozinha, aliás, em casa estão todos comendo o que ela come. Fico com dó de fazer comidas que ela não pode comer” e finalizou dizendo que apenas o marido é quem comia coisas





diferentes “mas todos os ingredientes eu deixo escondido no meu quarto”

“Bingo” disse comigo mesma “Flora deve ter encontrado”.

“Eu tenho outros filhos”, me disse.

“E onde estão?”.

“Com a avó”.

“Que bom. Família nessas horas é primordial”.

“Não se iluda, Borboleta” aos poucos levantando o rosto “às vezes funciona melhor no porta-retrato”.

“Mas te ajudam?”.

Ela apenas soltou um grunhido indecifrável.

E eu fiquei olhando aquela jovem, não tinha ainda 25 anos, com problemas familiares tão profundos, uma filha diabética que aos oito anos tinha que cuidar de si, da própria doença e da própria mãe quando dopada de remédios.

Pedi a ela que me acompanhasse. Fomos ao vestiário e lhe pedi que lavasse o rosto, arrumasse o cabelo e passasse um pouco de maquiagem que lhe emprestei.

“Não se deixe intimidar” lhe disse “vamos cuidar de sua filha”.



Algumas enfermeiras na sala estavam revoltadas com ela, afinal, não entendiam como uma mãe poderia deixar uma criança chegar ali naquele estado, sem cuidar da sua agenda de alimentação e medicação e pior, sem sequer saber o que ela havia comido para tamanha descompensação “o caderno está mais confuso que um ninho de passarinho pra mim” me disse a médica “esta mãe tá parecendo cego no meio do troteio”.

Enquanto isso Flora e eu tínhamos uma conversinha reta.

“O que você comeu?”

Ela deu uma risadinha.

“Eu sei que você comeu alguma coisa muito doce. Exagerou no pão?”

Como ela não respondia resolvi cantar.

“A Flora comeu pão lá na casa do João?”

Suas mãos se contorceram no colo e o rosto voltou-se para o lado distanciando seus olhos dos meus.

“Eu não” respondeu.

“A flora comeu doce lá na casa do João?”

“Eu sim” Ainda com os olhos voltados para a parede e um semi-sorriso nos lábios entrando na brincadeira.





“Que doce?”

“Leite condensado”

“Leite condensado? Você bebeu muito?”.

“Tudinho, tudinho”.

“A Flora bebeu uma lata de leite condensado inteira?”.

“Tudinho” me respondeu com uma careta preocupada.

“Como?”.

E ela me contou.

Pegou bolacha e leite condensado no quarto da mãe, dentro das coisas separadas do pai que deixava dentro do guarda-roupa atrás dos cobertores, levou para o seu quarto e guardou tudo dentro do próprio travesseiro por um buraco que fizera. À noite quando todos dormiam ela, através de uns furinhos que fizera com a faca da cozinha, havia tomado toda a lata de leite junto com bolacha.

Por mais gostoso que possa parecer isto era algo que ela não poderia fazer e antes que a mãe entrasse tentei passar para as mãos daquela criança um pouco de informação sobre a sua condição. É um exercício de reeducação que se deve fazer, afinal quanto mais cedo o paciente tiver consciência da importância de sua dieta, melhor. Mesmo sendo uma criança ela deve saber em que quantidade e o que pode e o que não pode levar à boca. Depois disto cuidei para que Docinho, a médica, soubesse de tudo o que se passava.



A notificação saiu de dentro do pronto socorro assinada por Docinho e por mim e encaminhada para a delegacia, essa foi uma das primeiras ações na tentativa de protegê-la. Eu e a médica levamos o caso para o serviço social. Fui à busca do telefone da avó de Flora e, assim que pude me sentar com ela, lhe informei sobre as condições da filha e como poderíamos ajudá-la. Ela compreendeu que poderia dar alguns passos a fim de se aproximar daqueles problemas, chorou muito “achei que ela era preguiçosa” me disse referindo-se à filha “por isso eu não me envolvia” mas concordamos que algo deveria ser feito.

A primeira vez que vi a mãe de Flora lembro-me de ter notando que se tratava de uma mulher jovem bonita e asseada, mas que trazia no rosto aqueles olhinhos tristes. Olhos que não vira na sua última visita.

A partir do momento em que suas idas ao Pronto Socorro aumentaram percebi o desgaste físico que se abatera sobre ela. Eu sempre a chamava para uma conversa, afinal, logo após a descoberta de uma doença e início de seu tratamento a família leva um tempo para se adequar à realidade necessitando, portanto, de auxílio.

Como prática costumava reunir as mães que enfrentam problemas semelhantes na Brinquedoteca para uma troca de experiências. Linda, mãe de Lipe, foi grande aliada nesse diálogo: transmitia suas experiências às mães que iniciavam o tratamento com seus filhos diabéticos. Essas trocas de experiências são extremamente enriquecedoras porque além de dar auxílio, oferece informação, companheirismo e alguma ou outra boa ideia ideal para ser compartilhada.





Eis alguns problemas que são discutidos, experiências que são trocadas entre algumas mães de filhos diabéticos:

Mesmo já iniciado o tratamento de um diabético é comum a criança desestabilizar com certa freqüência. Para mães, pais e cuidadores, cujo filho é portador da diabetes não há nenhuma garantia de cura, então todo o esforço e trabalho será repetido todos os dias. Há mães que choram a cada teste de glicemia “o coração parece que vai explodir” me dizem algumas. Existe uma tensão 24 horas com que terão de se acostumar. Irão para cama sem saber a que horas da madrugada terão que acordar para uma emergência, se cansarão de acordá-los antes do amanhecer para lhes aplicar insulina e de dormirem preocupadas em não ouvir o socorro dos filhos.

Terão papel um pouco mais castrador e elas sabem que isso pode ser um problema num mundo cada vez mais acessível à criança no que diz respeito também ao paladar e onde os pais tentam cada vez mais satisfazer os filhos e demonstrar carinho dando, cedendo e comprando. Logo ao receberem o diagnóstico da criança eles terão que aprender protegê-los, escondê-los, por vezes, de uma simples maria-mole açucarada. Nesses diálogos surgem questões que antes não seriam pauta entre elas como: “deixar ou não deixar meu filho ir à festinha de aniversário do amiguinho da escola?”. Decerto que o filho deseja ir, se ele for a mãe terá alguns problemas e se ele não for a classe inteira irá comentar na segunda-feira a diversidade de doces, o tamanho dos pirulitos, a quantidade de bolos e a qualidade dos quitutes servidos na festa. Esses pais terão que priorizar uma dieta mais definida, terão que retirar os potes lotadas de balas e chocolates que enfeitam a sala, tirar as bolachas das prateleiras baixas,



diminuir a quantidade de sorvete do freezer e se possível o tempo da criança exposto aos comerciais de guloseimas através da televisão.

Pelo menos no início, elas descobrirão que ir à casa de um parente como faziam antes não será mais tão prazeroso. Estar em uma família onde se come de tudo a qualquer hora ou onde servem depois do jantar aquela simples sobremesa a incomodará profundamente, pois tudo que ela negará ao filho negará também a si própria. Por outro lado, algumas mães estão justamente em processo de separação de seus cônjuges e essas reuniões servem também de estímulos para elas.

“Achei que minha filha fosse morrer nos meus braços. Quase morri de pavor” me dizem algumas com lágrimas nos olhos sobre a primeira crise da criança. Então ela terá que saber que aquela crise talvez se repetirá mesmo que a mãe zelosa alimente o filho corretamente, cuide e permaneça atenta “ninguém me disse que ela iria gritar, que teria espasmos, convulsão, que se agarraria a mim como alguém que não quer cair num precipício durante seis, nove minutos seguidos!” me dizem, “e enquanto eu preparava o kit de glucagem minhas mãos tremiam, não paravam de tremer. Achei que ela nunca mais voltaria”. Então essas mães terão vontade de estocar toneladas de saches de glicose e containeres de insulina no armário da casa.

“Que raio de mãe sou eu!?”, se questionarão.

Quando a filha, por brincadeira ou qualquer expressão de raiva, alegria ou desespero lembrar um espasmo a mãe surtará. Aprenderá que antes da tapa ou da bronca deverá verificar se a filha não está fazendo uma hipoglicemia.





Estarão atentas aos noticiários e às matérias científicas sobre a evolução do pâncreas artificial, da nova bomba de insulina e amarão a ideia. Desejarão saber sua operacionalidade, a data de sua comercialização ou se o governo a distribuirá gratuitamente. Se preocuparão com a falta de precisão dos aparelhos de medir a glicemia, com o valor do tratamento vitalício e com a dificuldade de adquiri-los gratuitamente. Entrarão em comunidades na internet de mães que têm filhos diabéticos, mães que sofrem com filhos por seus filhos terem diabetes e mães que são felizes com os filhos diabéticos(...). Lerão blogs sobre o assunto com nomes sugestivos de “Abaixo a Hipoglicemia!”, “Meu Filhinho é Um Doce”, “Água com Açúcar pro Diabético Nervoso” ou “Vida Diet”.

Quando o filho desejar dormir na casa de um amiguinho o desejo lhe será negado, quando o filho não estiver em casa um telefonema será motivo para o peito explodir. Terá problemas na hora das refeições.

“Minha filha não come verdura. O que eu faço?”.

“Meu filho não quer comer nada” .

“Meu moleque inventou que é vegetariano. Como procedo?”, me perguntam as mães. E, instintivamente, aprenderão a fazer trocas, chantagens e promessas com os filhos a fim de alimentá-los.

Palavras como transplante, insulina, doces, carboidratos, glicose, infecções indesejadas, convulsão, cuidados com os pés, estarão para seus vocabulários assim como a cura definitiva para a diabetes estará para os seus sonhos. Dirão a si mesma “você é forte!” e algumas serão e outras apenas se esconderão atrás de uma capa fingindo serem fortes, mas cansadas de parecerem fortes chorarão. Vão querer



acordar de um pesadelo, mas não acordarão, a liberdade que perdera com o filho jamais voltará e ela se cansará de dizer a ele que não pode brincar disso ou daquilo, que não poderá comer aquilo ou que deverá comer isto. Sentir-se-ão revoltadas, amaldiçoadas e culpadas. Algumas aplicarão insulina nos filhos e então liberará a eles toda a sorte de alimentos pensando que assim estarão fazendo com que sofram menos, buscarão com essas atitudes uma consciência mais tranquila, uma solução para o problema sem desejar saber que essas atitudes poderão ser fatais para as crianças. Algumas mães com cuidado de aplicar no filho uma dose a mais de insulina terão medo. Outras com cuidado de aplicar uma dose a menos de insulina terão medo. Muito medo. De dia, de noite essas mães terão medo. Medo de perder seus filhos, medo de serem responsabilizadas, medo de não dar conta do recado ou medo de ter medo na hora de uma hipo. Irão mais cedo para o trabalho para voltarem mais cedo, irão buscá-los na escola mais cedo, irão acordar mais cedo e por vezes se sentirão sozinhas, abandonadas, descuidadas.

“Eu não quero ser forte!” algumas gritarão, mas terão que se adaptar, estabelecer regras e aceitar que podarão os filhos. Cercarão seus limites. Às vezes negará a eles coisas tão simples sabendo que dessa forma estarão cuidando deles. Saberão que se a família abraçar a ideia o problema será substituído por responsabilidade e cooperação e que quanto mais cedo o paciente assumir e entender sua dieta melhor será. E se aceitarem, descobrirão uma nova vida tão agradável quanto a que tinham antes, serão mais sensíveis, mais otimistas e, ainda que na adversidade, inteiramente felizes.





Muitas outras coisas discutimos e nos enriquecemos nessas trocas de experiências, afinal nada melhor do que compartilhar um problema com quem sofre do mesmo problema, e ver isso acontecer dentro de uma brinquedoteca, que é uma fonte inesgotável de possibilidades, enriquece e dá uma sincronia ao tom do diálogo, dá cor ao acolhimento e ao afeto.

Procurei desde o início introduzir nessas discussões entre muitas mães a mãe de Flora. De modo que ela se relacionasse com outras mães e assim soubesse que não era a única a ter aquele problema, mas que outras mães em diferentes situações também não sabiam como proceder.

Pra minha surpresa, depois de um mês em uma consulta de rotina ambas me procuraram no Pronto Socorro. A mãe e a avó de Flora. A mãe estava com uma expressão mais rosada, cabelo arrumado e sorridente. Disse-me que tinha arrumado um emprego, o marido havia ido embora e que tomava pouca medicação. Flora estava bem e bem cuidada pela avó na sua ausência. E se foram.

Algo me tranquilizou profundamente quando vi mãe, avó e filha saírem daquele Pronto Socorro naquele dia.

Sorridente, me dei conta que, felizmente, e enfim, nenhuma das três, estavam mais sozinhas.



Mãe que brincava de casinha

As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brincar, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade. (VYGOTSKY, 1991, p. 144)

Sabe aqueles dias em que, se você pudesse, acrescentaria alguns minutos a mais para que assim pudesse dar conta de tudo? Pois bem.

Precisava ir à sala de enfermagem sentar em frente a um computador e fazer uma extensa pesquisa de preços de brinquedos para a nova Brinquedoteca no novo prédio do Pronto Socorro Infantil. A missão era construir o projeto político pedagógico já com o protocolo de esterilização dos brinquedos. Brinquedos esses, escolhidos como que por um cirurgião escolhe a agulha e a linha que devem ser usadas numa sutura para não deixar marcas, ou então como por joalheiro que sabe discernir com exatidão uma pedra preciosa de uma falsa. Foi assim que escolhi cada brinquedo, cada livro e cada objeto que usaríamos.



Eu dividia a sala de enfermagem com Pocahontas que me ajudava nessas tarefas e tinha ainda o auxílio de Willon, a enfermeira chefe, sempre solícita a desemperrar o processo burocrático - uma gestora que se preocupava com um atendimento humanizado naquele Pronto Socorro.

Nesses dias eu dividia meus horários entre atender as crianças, fazer a lista, receber os brinquedos, organizar as oficinas com foco no acolhimento para os novos funcionários e visitar as obras do novo prédio para ver se as instalações da nova brinquedoteca correspondiam ao projeto inicial. São muitos detalhes e nada podia escapar.

Naquele dia eu estava atordoada. A brinquedoteca tem que sair porque a reforma do Pronto Socorro Central tem que continuar. Foi retirada a sala de inalação que ficava em frente à brinquedoteca e em seu lugar instalou-se a emergência, ou seja, eu era vizinha da torre de babel num Pronto Socorro inteiro virado de pernas pro ar.

Logo de manhazinha quando saí da sala de isolamento percebi que uma correria acontecia “mas o que é isto?” Me perguntei. De repente uma nuvem de poeira, isso mesmo! Uma nuvem de poeira invadiu a pediatria.

“Corre! Corre!” Ouvia-se ao longe.

“Tira as crianças!” Gritavam os médicos.

“O que está acontecendo?”.

“Que breu é esse?”.

“Isso é uma pediatria ou uma fábrica de tijolos!”.



“É a praga do Egito!” Disparei e fui falar com um dos serviçais de Faraó.

“O que é isso?” perguntei a um dos trabalhadores enquanto o pó na garganta azedava minha língua e me fazia tossir “Desliga essa maquina moço, olha só esta nuvem de poeira, tem criança internada, a maioria com problemas respiratórios cof, cof, cof!”.

“E avisa que já já vamos usar a britadeira”, foi a resposta.

Mais uma das pragas da reforma.

“Espera um pouco que não é bem assim não, moço. Sei que esta fazendo seu trabalho, mas o senhor sabia que tem maquina que corta cerâmica sem fazer poeira?”

“A senhora sabia que é mais caro?”.

Pronto, entendi.

Fomos eu e Willon para a superintendência.

Quanto à poeira conseguimos solução, quanto à praga do barulho, protetor auricular. Detalhe, só para funcionários egípcios, quantos às mães e aos papais hebreus, ouvidos sem proteção e bem abertos.



“Borboleta!” Me chamou Dr. Ian, “você já foi à emergência?”

“Ainda não, o que aconteceu?”.

“Tem um caso estranho”.

“O que?”, curiosa.

“Uma criança de oito meses com suspeita de meningite”

“Fizeram punção? Como está o licor?”.

“Água da rocha”.

O que significava que o licor da espinha estava normal.

A emergência improvisada estava horrível, um clima hostil pairava como nuvens carregadas dançando no céu. Os acompanhantes estavam irritados com o barulho, a poeira, e a equipe também. Enfim, todo mundo irritado. Claro, não era pra menos, chora mãe, chora criança, e vamos reclamar. O dia estava parecendo mais uma tarde bem escura a espera de um dilúvio, sem arca prá salvar ninguém.

Fui pra emergência e lá estava um bebê de oito meses, aparentemente nutrido, bem cuidado e uma adolescente ao seu lado. Eu apenas olhei, não tinha espaço prá ficar ao lado e um biombo nos separava. Fui pra minha sala buscar alguns brinquedos, levar outros prá lavar, afinal aquela poeira deixara aquela capa fina e marrom sobre tudo. Quando tomei o rumo de volta vi, à pequena distância, Dr. Ian conversando com a mãe enquanto ela chorava. Meus pensamentos dispararam

como uma matraca tec-tec-tec e suspirei forte imaginando mais um óbito. À distância ainda vi quando ela sentou-se e tentava enxugar as lágrimas.

“E aí, o que aconteceu?” Perguntei ao Ian, a uma pequena distância da mãe.

“Não é meningite. Provavelmente um traumatismo. Aparentemente a criança sofreu uma queda, mas não acho que seja isso. Preciso da sua ajuda” me disse. “A mãe não fala muito. Repete apenas que ele caiu da cama há dois dias e que estava tudo normal. Dê uma sondada”, me pediu. “Vê o que você acha”.

“Pensei que você fosse irmã dele”, foi a primeira coisa que lhe disse.

Ela secou os olhos com a mão e me falou “pois é, fiquei grávida muito cedo. Com dezesseis anos”

“O pai também é novinho?”

“Ele é mais velho. Tem vinte.”

“Vocês dois são novos. É ele quem te ajuda a cuidar no neném?”

“Ajuda, mas não tem paciência!”.

“E você tem paciência?”, perguntei rindo.

“Tenho. Tem que ter não é? Você é médica?” me perguntou, mas antes que eu respondesse, ela simplesmente continuou



“Pois é, você entende essa língua? Cada palavra estranha, punção, meninge, parece uma língua de outro planeta”.

“Agora eu entendo, mas houve um tempo que não”, respondi.

“O pior é que eles acham que a gente entende tudo o que eles falam”.

Eu tive que concordar.

“Posso entrar na Brinquedoteca?”, me pediu mudando de tom.

“Pode. Fique a vontade” e me surpreendi. Em poucos minutos ela brincava como se tivesse sete anos, pegava as bonecas, as casinhas, inventava situações, montava, desmontava, jogava. Sentava sobre o tapete colorido, dispunha os objetos desejados e arquitetava sozinha, ocasiões e circunstâncias. Passou muito tempo desde a sua chegada, mas aparentemente ela incansável não cogitava a possibilidade de voltar ao leito para ver o filho ou largar no chão as bonecas que ela ajeitava em seus braços.

“Acho que você deve ficar um pouco com o seu bebê” tentei ser sutil, mas era uma atitude que ela deveria ter tomado há tempos.

“Ele tá dormindo. O médico disse que está em coma”, e me disse aquilo como se dissesse “ele está chupando sorvete na calçada acompanhado de um adulto”.

“Você sabe o que é estar em coma?”.



“Dormindo” respondeu “é bom que não sente nada”.

Realmente ela não fazia a menor idéia do estado do filho e continuou brincando, mudando as roupas das bonecas, vestindo-as para festa, dispondo-as no tapete, penteando seus cabelos e inventando diálogos. Depois se sentou, abriu uma mala de madeira que, aberta, se transforma num minúsculo apartamento cheio de detalhes, e não se cansava de brincar. Passeava pela cozinha, inventava estórias e as enfeitava como uma criança que não brincava há anos.

“Bom, vou comer alguma coisa”, disse de repente. “Volto já”.

“Você só precisa avisar a enfermeira”, concordei.

“Querem que a gente fique grudada na criança?” disse-me um pouco agressiva “Pra mim isso é preguiça de cuidar dos pacientes. A obrigação é delas!”

Então lhe expliquei que não funcionava daquele jeito “você é a mãe e tem que acompanhar todos os procedimentos que precisa ser feito com o bebê”

“Eu acho um saco. Você vai saber quando tiver filhos”.

“Qual?” Pensei “eu tenho filhos e sei muito bem o que é cuidar deles quando estão doentes ou não”.





“Está bem”, me disse meio cansada daquela conversa, mas concordando “vou avisar a enfermeira e já volto”.

Mas tarde eu soube que ela não avisou e demorou a ponto de ligarem para o serviço social a fim de localizá-la sem sucesso.

Depois de algumas horas chegou a avó do bebê, uma senhora de meia idade, boa aparência e que ao receber a notícia de que a filha não estava na companhia do neto começou a chorar. “É uma irresponsável” dizia “como pode sair e deixar o filho sozinho?” e parecia estressada como uma bola cheia de água pedindo, por favor “Alguém me enfie um alfinete!”.

Àquela altura o pó era bem menor, mas minhas narinas ainda secas coçavam. Os pais desconfortáveis pediam maior agilidade no atendimento e as crianças tossiam.

Depois de aproximadamente umas cinco horas a mãe reapareceu.

“Sem sermão”, foi a primeira coisa que pediu à mãe, avó do bebê “fui dar uma volta!”.

“Em casa a gente conversa” sentenciou a avó.

“Você viu a Brinquedoteca, é linda!” desconversou “tem um apartamento igual ao que eu vou ter. Vem ver”.

A avó balançou a cabeça com reprovação, mas a curiosidade foi maior, esticou os olhos, apreciou e depois disse:



“Mas é para crianças” e voltando-se pra mim pediu confirmação “não é?”

“É pra todos que gostam de brincar, afinal brincar com os filhos faz parte, não faz?” foi o que eu respondi.

Mas a mãe já não me ouvia porque entretida com as bonecas brincava. Não perguntou do filho, nem se quer foi olhá-lo e exalava das narinas um cheiro forte de maconha. Comecei a achar que algo muito estranho estava acontecendo porque de alguma forma havia uma cumplicidade escondida entre aquela avó e sua filha. Algo entre os pequenos olhares que trocavam, ou entre o pensamento da mãe entre uma ou outra reposta que dava às perguntas dos médicos. Para todas as hipóteses que eram levantadas ela tinha uma resposta certa e talvez fosse justamente isto o que me incomodava mais que aquele pó onipresente nos corredores daquele Pronto Socorro.

O tempo passou e ela continuava brincando sem se importar com o tempo. Pegou uma boneca da prateleira, um bebezinho, arrumou o único fio de cabelo de sua cabeça, trocou a roupinha vestindo-a com despreocupação, arrumou sua caminha e colocou-a prá dormir “agora você vai dormir” e cobriu-a com um lençol. Em poucos minutos voltou a repetir toda ação, em seguida virou-se para o lado, pegou um boneco e continuou a brincar “dorme!” às vezes repetia à boneca “dorme!” pegou-a pelos braços em determinado momento, deu uma pequena sacudida e deitou-a novamente “fica quieta! Para com essa choradeira e dorme logo!”, e recolocou a boneca na pequena caminha. Até aquele momento aquela mãe já havia inventado todo o tipo de situação com aqueles brinquedos, mas nenhuma havia me chamado atenção como aquela.





“Posso brincar?” pedi sem rodeios.

“Pode. Você é a babá. Já falei prá parar de chorar” voltando-se para a boneca e sua fisionomia era agressiva “faz esse chorão dormir. Só assim tenho paz” .

“Calma mãezinha tem que ter paciência!”

“Eu sei, mas sabe que não tenho isso, então contratei você”.

Eu arrumei a boneca e comecei a cantar uma canção de ninar enquanto leve embalava a boneca.

Alecrim, alecrim dourado

Que nasceu no campo
Sem ser semeado(...)

Foi meu amor

Que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim(...)

Alecrim, alecrim miúdo

Que nasceu no campo
Perfumando tudo(...)

Foi meu amor

Que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim (...)



Alecrim, alecrim aos molhos

Por causa de ti

Choram os meus olhos (...)

Foi meu amor

Que me disse assim

Que a flor do campo é o alecrim (...)

Enquanto eu cantava sentia a mãe cada vez mais desconfortável e inquieta, ficava mais sentada que de pé. Em dado momento levantou-se e percebi que estava meio tonta e sentou-se novamente, cheguei a pensar que ela estava alcoolizada, pareceria que ia desmaiar, mas ao invés disto começou a chorar.

Foi meu amor

Que me disse assim

Que a flor do campo é o alecrim (...)

“Eu não queria machucar ele” disse de repente com os olhos envergonhados voltados para pequena janela da brinquedoteca.

Tinha sol lá fora e como não havia vento o ar pesado que descia sobre a cidade parecia soprar também para dentro da brinquedoteca como o bafo de uma bomba explodida a quilômetros de distância.

Eu me inclinei mais um pouco e, pedindo em minha ação, que ela poderia dividir comigo o que quer que fosse. Ela olhou para os lados talvez a fim de encontrar a mãe, mas a avó do bebê o acompanhava na emergência de modo que ela voltou os olhos para a janela e continuou:



“Eu estava doidona, tinha cheirado. Aquela choradeira...” largou a boneca de lado, ajeitou-se no tapete e chorou “parecia uma fanfarra na minha cabeça, eu pedia pra ele parar de chorar, mas nada, aí é que ele chorava” e olhou para a boneca como se ali estivesse o filho e não um bebê de borracha e silicone. Suas mãos estavam tensas como quando cerramos o punho para um murro e a face vermelha “foi aí que eu peguei ele no colo e comecei a sacudir e ele nada de parar de chorar” olhou pra mim de soslaio como se houvesse se esquecido de algo e me disse gemendo “nem pensei em cantar. Talvez desse certo, mas eu me irritei e dei uma sacudida nervosa. Ele parou de chorar e não acordou mais”.

“Isso aconteceu que dia?”

“Ontem à noite”.

“Sei”.

“Pois é” suspirou enxugando o rosto com as costas das mãos.

“E seu marido?”.

“Ele tava pior que eu, “cheirado”.

“Entendo”.

“Se eu contar pro médico ele vai tomar ele de mim, não vai?”.

“Não sei, a única coisa que tenho certeza é que precisamos falar. Ele bateu a cabeça em algum lugar?”

“Eu acho que foi o pescoço, fez até um barulho, mas não lembro direito.

“Sua mãe sabe?”.

“Sabe”.

Eu respirei meio atordoada afinal a brincadeira tinha acabado. Chamei a avó do bebê e lhe informei que a filha havia me contado tudo.

“Tudo?”.

“Tudo”.

Ela me pediu que não contasse aos médicos, implorou meu segredo porque temia que sua filha fosse presa, mas eu sabia que não poderia omitir aquilo, aquela informação era talvez naquele momento, decisiva para salvar a criança. O neto dela. Ninguém sabia o porquê do coma, mas eu tinha que informá-los.

Deixei a avó no quarto acariciando o rosto do neto e chamei doutor Ian. Ele me escutou enquanto me olhava com seus olhos grandes e arregalados, o que o diferenciava de alguns médicos era sua sensibilidade, sua escuta. Quando disse a ele a hipótese da síndrome do bebê sacudido, ele levou em consideração, além de sempre buscar soluções plausíveis para esses casos. Pediu novos exames, requisitou a presença de um neurologista, endossou a suspeita de lesão, reforçou o pedido de remoção com urgência. A mãezinha do bebê foi encaminhada para o serviço social e a avó acompanhou seu neto na remoção.



Quanto a mim terminei meu dia com a sensação de tarefa cumprida e com sede de ampliar meus horizontes. Não bastava mais beber das fontes que meu curso acadêmico me oferecia. Se me perguntarem se a água é boa, certamente responderei, “Sim é boa.” Água que, Vygotsky, Bakhtin, Winnicott, Walter Benjamin (...) dentre outros me ofereciam. Mas precisava mergulhar em outras fontes, uma espécie de bebedeira científica, que em pequenos goles desceriam pela minha garganta junto com a minha sede, minha matéria prima, apontava à cada dia para um novo caminho na medicina, ou talvez uma outra medicina, uma espécie de novos saberes com novos sabores.



As xícaras

Hoje estou preparando a festa para o dia das mães.

Novamente nosso amigo e parceiro Ulhoa colaborou doando 150 xícaras em cerâmica branca e todo material necessário para a realização deste evento, fantasias, tintas, cartões, flores. Trata-se de um empresário da região que se envolve em grandes e pequenas causas, e essa não foi a primeira e nem a última. Cito-o pois acredito em pessoas que se importam com o outro. Posso descreve-lo da seguinte maneira: um grande homem, com um coração que dá o tom a sua beleza externa, simples assim.

Pois bem, como ainda estamos em reforma, as crianças não podem vir para a brinquedoteca, então eu coloco brinquedos em sacos transparentes e levo para os leitos. Dependendo da patologia conto histórias, brinco com dedoches, canto enquanto o Caçador de rãs me acompanha com seu violão, ou outra coisa.

Hoje estou brincando de bungee jump. A pediatria foi transferida pro andar de cima. A sala de enfermagem e o nosso atendimento continua no andar de baixo onde,





com a ajuda de Pocahontas e Willon, ainda cuido para que a nova brinquedoteca - quando inaugurada - esteja pronta para receber as crianças com muita música, brinquedos e atividades. Então pulo para lá e ajudo a definir cores, textura, livros e prateleiras e subo voando para dar atenção às crianças que me esperam nos leitos. Pulo e despacho, auxílio, recebo e subo com um jogo de xadrez debaixo dos braços. Sou capaz de sentir na cintura o elástico me prendendo as pernas e a barriga não permitindo que, na descida, eu iiiiiiiioooooóóóóó bumpt me espatife no chão. Não é à toa que Pocahontas e Wilon estavam prontas para ajudar. Posso afirmar que sem a cooperação delas, seria difícil as coisas andarem com a qualidade que andavam. Se você andar em direção ao poço você chegará ao poço. Elas decididamente faziam parte daquela direção, me ajudavam a alinhar os pés e seguir a bússola. Eram minhas parceiras.

O telefone tocou.

Eu atendi.

Era Dra. Atena da liga da justiça, requisitando minha presença na pediatria.

“Tenho um caso estranho aqui, suspeita de meningite” foi dizendo eu ainda passando pelo batente da porta.

“Já colheram licor?” foi minha pergunta imediata.



“Sim. Não deu nada, mas isso às sete horas. Chegou com febre, dor de cabeça e dor nas costas. A criatura não reage a nada, não tomou café, não almoçou e o que mais está me preocupando é que ela só dorme. Se não reagir vamos ter que puncionar novamente, vem dar uma olhada!”

“Já estou indo”.

Eu estava pintando as xícaras, para ser mais exato, eu estava pintando pezinhos nas xícaras com o dorso da mão e a ponta dos dedos. O resultado era um pezinho colorido de bebê estampado na xícara branca. Guardei-as numa caixa e fui ao encontro da criança.

Ela estava na sala de isolamento esperando os resultados de seus exames chegarem, afinal, suspeita de meningite é sempre preocupante.

Quando entrei no quarto a cena era desoladora. O silêncio presente do cômodo parecia um grito. A mãe estava estirada numa poltrona com os braços soltos, a boca semi-aberta dormindo profundamente enquanto a criança de costas para ela aparentava fazer o mesmo. Eu não tinha muito tempo, mas isso sempre foi um mero detalhe, a doutora já estava se preparando pra uma nova punção de lícor e eu queria fazer o possível para poupá-la daquele procedimento extremamente invasivo.

Acordei a mãe que um pouco atordoada pelo sono ficou espantada me olhando.





“E aí, como está essa mocinha?” disse quebrando o gelo.

“Só dorme!” respondeu a mãe como se fosse um defeito da criança enquanto coçava os olhos inchados e sonolentos.

“Você já brincou com ela, estimulou a alimentação?”

“Ela nem acorda, mal se mexe” me disse abrindo os dois braços em direção opostas e contorcendo-se toda enquanto soltava um sonoro aaarrrrhhgggg pela boca aberta “Essa menina dá apenas uns rum-rum, e não sai disso”. Terminou ao mesmo tempo em que os braços voltavam para o colo e a cabeça pendia em repouso a fim de continuar o sono.

“Posso tentar?”

“Claro”, mas pra ela não fazia diferença.

Coloquei meus dedoches, o corpo no polegar e as duas mãos em cada indicador e comecei cutucá-la gentilmente. Suas mãos nos meus indicadores dão movimentação livre ao boneco e foi com elas que comecei a cutucá-la.

“Acorda dorminhoca, acoooorda!”

Ela abriu apenas um dos olhos e olhou pelo vão do berço.

“Olá. Sou o doutor Cassiolino. E você, quem é?”. Ela se virou pro meu lado devagar e me olhou com os olhinhos bem miúdos e as sobrancelhas desconfiadas como se eu lhe tivesse oferecido uma maçã envenenada.

“Eu sou a Branca de Neve” disse baixinho.

“Está mais pra Bela Adormecida” respondi. “De qualquer forma, temos uma princesinha aqui” disse Cassiolino. Ela imediatamente sentou-se na cama e começou a interagir com o dedoches. Ou, melhor dizendo, com o dr. Cassiolino.



“Gosta de desenhar?”.

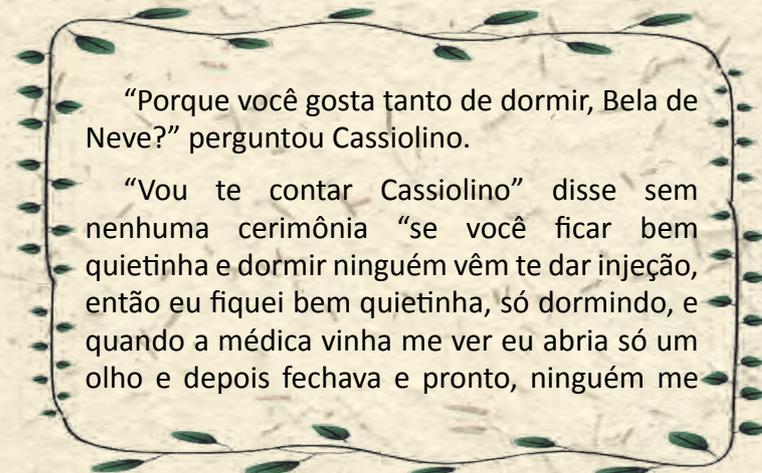
“Sim” disse toda animada.

“Bom, vou ali e já volto”

Peguei apetrechos para desenho e começamos a desenhar. Ela, a Bela-Branca-de-Neve-Adormecida e Cassiolino se divertiam enquanto doutora Atena olhava tudo à distância sem interromper. Chegou a janta e ela se sentou no berço toda prosa.

“Vamos!” Chamei a mãe pra ação “vamos lá mãezinha, é com você” incluindo-a na farrá. E brincamos de comer; ela, a mãe e Cassiolino. Depois da refeição, que por sinal ela comeu tudo, continuei, mas agora envolvendo a mãe diretamente nas atividades, nada de dormir.

O trabalho ainda não estava completo, aquela criança dormia muito, talvez por influência da mãe, talvez por costume de dormir muito tarde, eu não sabia a resposta, mas o fato é que não poderia perder a chance de tentar descobrir.



“Porque você gosta tanto de dormir, Bela de Neve?” perguntou Cassiolino.

“Vou te contar Cassiolino” disse sem nenhuma cerimônia “se você ficar bem quietinha e dormir ninguém vêm te dar injeção, então eu fiquei bem quietinha, só dormindo, e quando a médica vinha me ver eu abria só um olho e depois fechava e pronto, ninguém me





dava injeção, eu sou esperta!”

“Oh você não sabe o quanto!” e Cassiolino arregalou os olhos surpresos “mas agora você está sentindo alguma coisa?”

“Não”.

“Fome?”.

“já comi”.

“Dor de cabeça”.

“Não”.

“Então vamos chamar minha amiga, a Dra Atena prá examinar você, prometo que não doerá nada” ela deu um súbito espasmo para trás e arregalou os olhos pra mim “vamos? Só um pouquinho?” insistiu o dedochê. Neve-Adormecida custou um pouquinho para tranquilizar o próprio corpo, aquietar o peito e aceitar a proposta de Cassiolino que costuma ser divertido, mas inteligentemente persuasivo.

“Deixa filha” disse a mãe, mas talvez muito cansada parecia desejar apenas nossa ausência para dormir mais. Não havia real interesse na filha ou em seu estado, mas como disse, Cassiolino é inteligentemente persuasivo e em pouco tempo Dra. Atena entrou, examinou, deu alta e eu voltei para as minhas xícaras.



Quando se fala em colher líquido é colher líquido cefalorraquiano, ou seja, um fluido que banha a medula espinhal, ou aquilo que chamamos corriqueiramente como simplesmente espinha. Este líquido de aparência clara age, entre outras coisas, como amortecedor e suprimento de nutrientes do tecido nervoso. A análise clínica deste licor confirmará ou diagnosticará a meningite.

Naquela manhã Branca-Adormecida-de-Bela-Neve havia sido colocada numa maca, deitada de lado com o pescoço dobrado numa flexão completa até a sua cabeça e seus joelhos quase se encontrarem como se fosse um feto tentando se aninhar naquela maca. Uma roupa apropriada estava cobrindo sua nudez.

O doutor com suas mãos devidamente lavadas colocou suas luvas e, com a área preparada com técnica asséptica, injetou em suas costas uma seringa com um ml de lidocaína por via subcutânea. Pegou em seguida uma outra agulha espinhal, essa maior e introduziu entre a terceira, quarta ou quinta vértebras lombares de Bela. Depois de introduzida a agulha ele havia avançado-a lentamente para dentro das costas brancas de Neve observando passo a passo. Geralmente este procedimento é acompanhado de muitos gritos, algumas crianças esperneiam, choram de dor, pavor e por isso são seguradas por dois ou três enfermeiros, mas segundo a equipe de enfermagem que acompanhou o procedimento, Bela não gritou e nem esperneou, apenas deixou saltar dos olhos algumas lágrimas que ela mesma enxugou com a mesma rapidez que caíram. Assim que a agulha estava inserida na sua espinha, naquilo que é a continuação alongada do seu sistema nervoso central, o doutor então havia deixado o líquido fluir para dentro da seringa. Colhera aproximadamente um ml





de licor para três tubos. Sabemos que todo esforço deve ser tomado para a não realização de uma nova coleta, mas é fato que alguns médicos retornam ao procedimento por estarem nervosos, não terem muita prática ou pela movimentação exagerada do paciente.

O paciente depois da punção deve submeter-se a um período de repouso relativo e hidratação forçada e com Bela-de-Neve não fora diferente.

Lembro ao leitor que quando fui chamada pela doutora Atena ouvi sua voz ainda passando pelo batente da porta “tenho um caso estranho aqui, suspeita de meningite”

“Já colheram licor?” foi minha pergunta imediata

“Sim. Não deu nada, mas isso às sete horas. A criatura não reage a nada, não tomou café, não almoçou e o que mais está me preocupando é que ela só dorme. Se não reagir vamos ter que puncionar novamente, vem dar uma olhada”

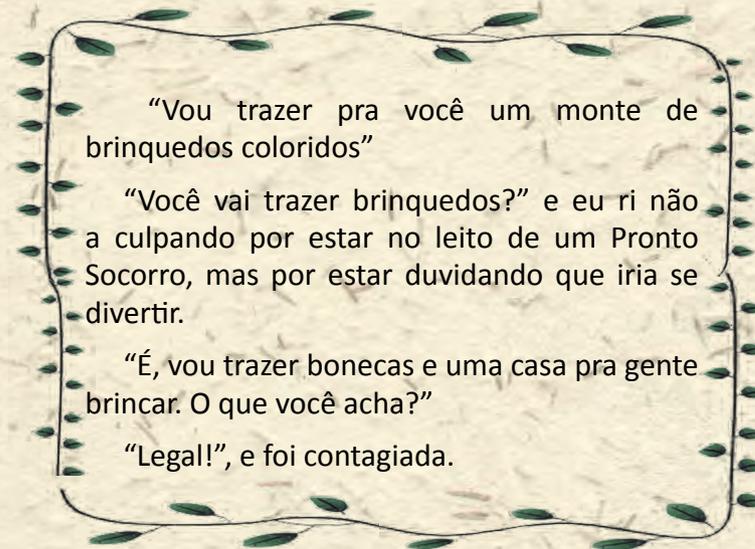
Entrei no quarto e a mãe dormia de boca aberta babando na cadeira.

Muitas vezes o acompanhante cansado não se dá conta de que apenas um pequeno interesse dele pelo estado do paciente o poupará a novos procedimentos invasivos. A mãe, naquele dia, caminhou direto pro Castelo da Bela adormecida e se juntou a ela, talvez até sonhasse despertando-a, “acorda menina bonita, é hora de brincar”. Mas naquele final de tarde, Dr Cassionilo foi o Peter Pan da história e levou a criança e sua mãe em pequenos vôos à Terra do Nunca; soprou pó mágico e voaram de mão dadas em volta do navio do Gancho - com todos bem acordados com o sonoro tic-tac do crocodilo.



O guarda-roupa

Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão? E, se lhe pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente? (Mateus 7-7-9.)



“Vou trazer pra você um monte de brinquedos coloridos”

“Você vai trazer brinquedos?” e eu ri não a culpando por estar no leito de um Pronto Socorro, mas por estar duvidando que iria se divertir.

“É, vou trazer bonecas e uma casa pra gente brincar. O que você acha?”

“Legal!”, e foi contagiada.



Ela tinha os cabelos enroladinhos parecendo um anjinho dos cartões de natal. Fui buscar os brinquedos e aproveitei pra conversar com a médica que a atendeu “olha, Borboleta” ela me disse “segundo o pai, aquele senhor que está sentado ali, ela foi encontrada desorientada dentro do guarda roupa. Não falava coisa com coisa”.

“Boa tarde” disse ao senhor de aspecto tranquilo e com uma carinha de avô mais para Professor Kirke que Mago Gandalf “o senhor está acompanhando Lúcia?”.

“Sim” respondeu “eu sou o pai dela”.

“Ela costuma brincar dentro do guarda-roupa?”.

“Às vezes, mas hoje ela esta muito agitada” me respondeu “trouxe pra ver se vocês dão alguma coisa pra ela se acalmar”

“Ah sim! Vamos fazer tudo que podemos, pode ficar tranquilo” já estava de saída, mas retrocedi alguns passos “e a mãe?”.

“Está trabalhando, vai vir pra cá”.

“Ok”.

Busquei bonecas e a mala que se transforma no belíssimo apartamento, e que as crianças adoram. Na sala de observação, onde a menina estava, uma enfermeira a acompanhava e o pai sentado em frente da porta esperava.

“Bom, vamos brincar” propus.

“Conta uma história” ela propôs.

“Ok”



Mas ela inteligentemente me pediu que contasse estórias escolhidas por ela. Eu contei algumas, mas se os temas mudavam de uma estória para a outra, todas elas tinham uma fada ou um elfo, ou um elfo marido de uma fada, pura invenção nossa.

“Abre essa mala eu quero ver o que tem dentro?” Me pediu.

Abri a mala, e os olhinhos de Lúcia encheram-se de surpresa, ia me dizendo tudo o que via como se narrasse uma corrida de saúvas num circo de pulgas.

“Olha só tem mesinha, cadeira, tem banheiro, tem guarda-roupa. O que tem dentro?”

“As roupinhas das bonecas!”

Ela abriu e começamos a tirar para fora aquilo que a interessava. Colocamos saia, calça, calcinha, sapatinhos nas bonecas e ela deslumbrada já brincava sem mim, aliás, a minha presença não era mais muito notada. Tirava as roupas das bonecas e recolocava segundos depois inventando novas composições e arrumando seus cabelos, reformulando as posições dos móveis na casa, mudando de cara, tudo isso regado a situações que ela verbalizava com destreza. Às vezes diálogos inteiros saiam de sua boca com inteligência e conhecimento do mundo adulto, ou do que se passava dentro da sua casa, que se chegasse aos ouvidos dos pais talvez os espantasse.

Eu havia pegado folhas e pincéis coloridos e desenhava borboletas perto dela observando sua brincadeira.

“Pára de chorar, sua chorona”.





Era ela falando com alguma boneca.

O tom imperativo com que ela falava às bonecas me chamava a atenção. Lúcia gritava para uma delas que respondia “vou contar pra mãe”, “vou brigar com você!”, “fica quieta e não se mexe!”

Eu continuava desenhando e pintando as borboletas, circundava em azul uma asa e pontilhava com os pincéis pontos coloridos sobre o interior delas, mas minha atenção estava totalmente voltada para aquela cena. Para Lúcia, era possível que aquela brincadeira, como fazia a longos minutos, fosse simplesmente retirada da fantasia, às vezes uma mistura de fantasia e cotidiano, às vezes puro imaginário ambientado em castelos impossíveis. Como fizera antes a riqueza de detalhes era impressionante. Seu rostinho parecia exprimir com clareza todo o sentimento que subia da brincadeira como uma fumaça indígena cheia de significados e eu observava.

Aquela menina havia sido encontrada pelo pai desacordada dentro do guarda-roupa. O que uma criança fazia dentro de um guarda-roupa não é uma pergunta difícil de responder, uma fantasia esta sempre guardada dentro de um guarda-roupa, é um bom esconderijo, pode servir como cabana, casa ou até mesmo campo de batalha. Se uma mãe quer esconder alguma coisa das vistas de uma criança, ela sabe que o guarda-roupa pode ser um esconderijo perfeito, se querem procurar fotos antigas, roupas para brincar, panos para vestir... Voilà, ou como dizia um amigo por nome Ariano Vualá.

Aquele homenzinho com cara de Professor Kirke não parecia tão descuidado, mas uma criança é uma criança, Lúcia conseguiria desaparecer de suas vistas num piscar de



olhos. Ele parecia realmente preocupado com a filha “ela está agitada hoje” é uma frase comum dos pais, ainda mais um pai com cara e velocidade de vovô.

Lúcia distraída não se dava conta da presença do pai e brincava. Provavelmente, ao contrário dos irmãos Pevensie, que descobriram pela porta de um guarda-roupa a maravilhosa Nárnia, ela não possuía irmãos, afinal, poucos filhos únicos não têm aquela qualidade de se distrair rapidamente sozinhos sem a necessidade de um parceiro. Crianças criadas sozinhas são peritas em brincadeiras desse tipo, desenhar, ler ou falar com insetos. Mesmo que o brinquedo seja feito para um grupo de apreciadores há neles uma facilidade para adaptá-lo rapidamente para um ser único. Lúcia tinha essa facilidade, a timidez pode ser um caminho para o isolamento, mas não no caso daquela menina que não tinha nada de tímida. A seu bel prazer dava vida às bonecas e as retirava com a mesma facilidade, jogando-as num canto e iniciando com outra uma situação tão empolgante quanto a que acabara de ter. Castelo, cozinha, parque, namorado, sorvete, mãe, cama, monstro, estava todo mundo reunido na brinquedoteca.

Depois de muito tempo ouvi um “pára”

“Já disse pra parar”, de repente grita para uma boneca. Como eu já havia arrumado um jeito de introduzir minhas borboletas na brincadeira tratei logo de usar a personagem “é isso mesmo”, concordou uma borboleta amarela que sobrevoava o espaço. Lúcia familiarizada comigo e com as borboletas foi logo ratificando o descontentamento com a boneca que a meu ver, mesmo não tendo culpa de nada, seria trocada rapidinho por não obedecê-la. “Disse para parar, o papai ta brincado com você” e me pareceu trocar com uma das borboletas pintadas na folha de papel um “onde já se





viu?” com os olhinhos arregalados. Pegou a boneca pela mão esquerda e com o dedo indicador na mão oposta sancionou a reprimenda. Imediatamente a boneca criou vida “pára” pareceu dizer para o dedo indicador dela que ainda estava apontado para a sua cara “não gosto de brincar com você. Para de mexer em mim”.

Pegou a boneca, enrolou num papel toalha e colocou dentro do guarda-roupa “só vou sair daqui quando minha mãe chegar. Vou contar tudo pra ela” e voltou pra outras bonecas sem mais tocar no assunto e imediatamente inventando novas situações.

Quando Lúcia havia chegado com o pai ao Pronto Socorro apenas de calcinha enrolada num cobertor Dra. Florzinha havia me agarrado pelos braços, me guiado até o canto de uma sala e me dito em tom de confessor “há sinais de bolinação na região vaginal da menina”. A preocupação do pai sentado a poucos metros de distância da filha era visível, sua testa suada, suas mãos inquietas, seu desassossego, sua pressa em liberarmos Lúcia “trouxe pra ver se vocês dão alguma coisa pra ela se acalmar” havia me dito.

Lúcia parecia alheia a tudo aquilo brincando com as bonecas. Fora encontrada desacordada dentro do guarda-roupa, mas imagino que fugir dos olhos paternos era justamente uma intenção e não a consequência de uma brincadeira.

O que fazia essa menina dentro desse guarda-roupa, não saberia dizer. Seu quarto talvez não fosse tão grande, caso tivesse um. Uma penteadeira talvez, uma cama infantil sem muito alinhô ou enfeites. Não é possível que dividisse o quarto com algum irmão. É possível que algum ursinho velho repousasse sobre a colcha, mas tudo isto é pura sugestão.



De qualquer forma, tento imaginar o guarda-roupa, que provavelmente ela não tinha. Certo que corria para o quarto da mãe e sendo assim refugiava-se entre as roupas dos pais. Se não era a primeira vez, como fiquei sabendo pela mãe mais tarde, de certo que Lúcia havia encontrado sua Nárnia no interior daquele guarda-roupa devido ao tempo prolongado a que se submetia trancada lá dentro. É certo que tenha encontrado seus amigos, uma roupa falante, um par de meias tagarelas, ou uma saia rodada e divertida. Um fauno é algo bem apropriado para se encontrar numa situação dessas e talvez tenha sido rainha, princesa ou simplesmente uma Lúcia desbravando o mar num navio enorme sobre um oceano ainda desconhecido. Talvez tenha conhecido Aslan, o amável leão, personagem de C.S.Lewis. O que mais faria uma menina de seis anos, aproximadamente três ou quatro horas trancada dentro de um guarda-roupa? Vestia as roupas da mãe? Experimentava seus sapatos, se maquiava? Pensava? Imaginava o País de Alice ou havia inventado a sua própria máquina do tempo e não importava quanto tempo ela passasse dentro do guarda-roupa sairia no mesmo tempo-espaço em que entrara nele? Via o mundo de Nárnia se abrindo por entre aquelas roupas? Sentia o vento gelado vindo de suas terras gélidas ou apenas chorava? Perdera o medo do escuro e ganhara com isso menos liberdade?

Gosto de imaginar que Aslan tenha visitado Lúcia dentro daquele refúgio. Em “As Crônicas de Nárnia”, Aslan, o leão que se entregou à morte no lugar de Edmundo, uma criança gananciosa que traiu os irmãos pelas falsas promessas da feiticeira Branca, seria a melhor companhia para Lúcia. Todos os traidores pertencem à feiticeira Branca, mas mesmo Aslan não sendo um traidor poupou a vida de Edmundo por amor àquele menino. Aslan tem todas as qualidades de um





bom amigo, é verdadeiro, amoroso e, como o próprio Jesus entregou-se à morte por amor. Talvez Lúcia tenha atravessado aquele guarda-roupa e conhecido o acampamento de Aslan, ninguém saberia, mas talvez fosse lá onde ela se sentia protegida como Lúcia Pevensie se sentia.

Era aquele guarda-roupa sua caverna onde ela desenhava a giz em suas portas, em seus cantos ou por todo seu interior a opressão que sentia, todo o medo que seu sangue traduzia em velocidade pelo seu corpo? Silhuetas de seres humanos, palitos rabiscados na madeira, eles traduziriam seus pensamentos? Seria traduzível como uma escrita Maia ou como uma pintura rupestre? Ou era aquele guarda-roupa não um portal para Aslan, mas um portal para o céu? Se entrássemos lá daqui mil anos conseguiríamos traduzir o que se passava lá dentro? Tudo desenhado nas paredes, uma Capela Sistina do pavor, uma ilustração detalhada e invisível. Encontraríamos, como nas cavernas, não os animais contornados do homem pré-histórico, mas os pesados e negros corvos de Vicent Van Gogh? O altar de Lúcia? Seu castelo fortificado? Aquele guarda-roupa poderia ser muita coisa, mas o fato é que eu realmente não sei o que Lúcia fazia lá dentro. Essas situações nos dão tão clara sensação de impotência quando queremos nos posicionar. Covardia parece não mais traduzir o ato nem trauma parece traduzir suas consequências. Então ficamos assim, imaginando o que se passava dentro daquele móvel, e quando aprendera a se refugiar, e como chegara àquela situação ou como já tanto sofrera lá dentro sozinha.

Quando sua mãe chegou, uma mulher jovem, cabelos presos e meio esvoaçados, entrou nervosa e dava pra enxergarmos em seus olhos o que ela já sabia.



Deixei os brinquedos com Lúcia que não se cansava de brincar, sua capacidade de se reinventar sozinha agora não me surpreendia. Feitos os procedimentos clínicos, foram comprovadas as suspeitas, e pela manhã seguinte sua transferência saiu para um hospital de referência nesses casos.

Lucia me deixou sozinha com todos aqueles brinquedos, mas eu não tinha a menor vontade de brincar. Carecia me reinventar!

Era preciso, antes de tudo, e por tudo, era preciso me reinventar.





Jonas fez novas escolhas, se mudou pra uma cidade litorânea e se tornou um pescador. Ele sempre foi fascinado pelo mar. Tanto eu como Jonas conhecemos a história bíblica de um outro Jonas. O que ambos tem em comum? A teima.

Jonas era como um golfinho que pairava sobre as águas com grande destreza e se exibia frente à imensidão do mar a quem se rendesse de paixão. Até que um mergulho fatal o deixou tetraplégico.

Nas seis horas de viagem que nos separava eu me pus a lembrar sua história. O claramente conhecido personagem fora enviado a Nínive, mas resolveu por conta própria, seguir outro destino e ir para Tárzis, não imaginava, porém que aquele navio que o esperava passaria por grandes apuros por conta de sua decisão e presença ali. A tempestade que caía sobre eles fora tão violenta que os marinheiros começaram a atirar as cargas ao mar a fim de aliviar o peso da embarcação. Jonas era o motivo da tempestade e com o seu próprio consentimento fora lançado ao mar, fora engolido por um



grande peixe, ficara três dias e três noites em sua barriga e o resto da história imagino que você leitor já saiba. O fato é que grande semelhança existe entre este Jonas e o Jonas, agora tetraplégico, que esperava minha visita a algumas horas de distância deitado imóvel no leito de uma UTI, respirando com a ajuda de um BIPAP. Será que esse Jonas sairá da barriga do peixe? Afinal ele também fizera suas escolhas, sem obter bons êxitos, cheio de talentos, dotado de uma capacidade voraz de aprendizagem, fora tragado por inúmeras redes lançadas em solo a fim de capturar sua juventude, sua inteligência, sua amabilidade e lançá-lo fora dos propósitos que o levariam a um Jonas de sucesso.

“Eu não queria ir àquele barco aquele dia”, ele me conta, “era primeiro de Janeiro, imagina? Tínhamos passado a noite festejando o Ano Novo e eu estava cansado pela manhã. Meu então patrão estava dando uma festa no barco, mas eu estava dormindo. Uma ex-namorada foi me visitar e levou com ela o filho que tivemos juntos. A festa era de primeira mas eu não queria ir”.

Quando cheguei ao hospital em que ele se encontrava consegui apenas vê-lo por uma pequena janela, com as pontas dos pés erguidas olhei-o a uma pequena distância, vi seus olhos lacrimejarem, olhei os aparelhos à sua volta, tentei detectar sua saturação, sua pressão, ou qualquer outra coisa que me dessem sinais do seu estado. Olhei o Bipap, que tem como principal objetivo fornecer adequada troca gasosa e reduzir o trabalho da respiração em pacientes com insuficiência respiratória; notei, claro, que estava traqueostomizado, não emitia som e quando nossos olhos se despediram seus lábios balbuciaram “eu te amo”, os meus romperam-se em trêmulas fâscas que me queimaram o rosto precedendo a lágrima.



Enquanto descia as escadas me lembrei que há muito tempo atrás estávamos quase em família completa numa cidadezinha localizada no interior de São Paulo chamada Fartura. Fartura fica situada às margens dos reservatórios da represa de Chavantes e é conhecida pelo calendário festivo e pelo turismo. Nós estávamos todos perto da água enquanto Jonas e outros amigos pulavam para o rio de uma ponte alta, mergulhando logo abaixo do salto e saindo a alguns metros de distância. Meu sobrinho junto com o primo, que à época ainda não tinham completado 10 anos, sem que ninguém se apercebesse caíram na água e balançando as mãos pediam socorro. Foi uma correria, um desespero, mas ninguém em terra fora mais rápido que Jonas, “eu nem pensei”, diz hoje quando se lembra da própria ação. Os avistara antes mesmo que déssemos conta. Retirou-os da água agarrando-os pela barriga e o peito apoiando as costas dos garotos. Agora aquele mesmo homem havia saltado sem que ninguém lhe interrompesse o pulo, sem que ele mesmo não medisse a altura do tombo, a profundidade da água, o peso do corpo, as mãos, o pescoço, o medo.

No Hospital eu esperava o médico neurocirurgião responsável pelo caso de Jonas a fim de conversarmos, já que só poderia entrar no quarto para conversar com ele à noite. Quando o médico chegou, nos cumprimentados, mas antes que algum movimento meu denunciasse qualquer pergunta, ops! Um déjà vu, ele se aproximou de mim com a mesma amabilidade e envolvimento que um professor de cursos televisivos se aproxima e é amável com seus alunos sentados a quilômetros de distância e me explicou:

“Bom, ele sofreu fratura raquimedular C4, C6 e C7. Está respirando por ventilação mecânica, está com úlcera de pressão e enfim... Tetraplégico. Não há muito que fazer, você





terá que providenciar uma nova estrutura domiciliar para atender as novas necessidades dele” e encerrou com uma frase clichê “sinto muito”.

Há 15 anos eu diria a mim mesmo “C4, C6 e C7? Úlcera de pressão?”. Mas não era mais o caso.

Como não pude entrar no quarto naquela tarde enquanto a noite caía eu me preparava para visitá-lo. Subi as escadas e fiquei esperando numa anti-sala a enfermeira me chamar, depois de poucos minutos liberaram a entrada. Quando me aproximei de Jonas suas lágrimas aqueceram suas faces e eu as sequei, misturadas às minhas. Ele tentava falar, mas a traqueo não permitia, ao contrário, inibia o som de sua voz, assim eu lhe expliquei que faria uma pequena e rápida pressão com o dedo na traqueo para ouvir sua fala e que só assim poderia ouvi-lo, e o fiz. Ele disse apenas “não foi culpa de Deus” e começou a chorar. Segurei sua mão e silenciosamente oramos.

Fiquei uma hora com ele, me despedi expliquei que partiria pela manhã porque tinha uma tarefa árdua, conseguir um hospital público para removê-lo para mais perto, mas que não tivesse medo, ele não ficaria sem a presença de alguém da família porque sua sobrinha, minha filha, chegaria pela manhã, sendo assim lhe dei um beijo e saí. Meus pensamentos, além das minhas forças ou minhas limitações, agora tinham que partir, conseguir ambulância, UTI com médico e enfermeira para as seis horas de viagem e vaga em um Hospital. “A vaga”.

Hoje quando olho pra ele às vezes penso na tartaruga, as tartarugas marinhas existem a milhões de anos como sabemos e conseguiram sobreviver a todas as mudanças possíveis pelas quais nosso planeta passou, ou seja, elas são resistentes. Pesam em média 150 kilos. Segundo estudos,



suas vértebras diminuíram e as que sobraram se fundiram às costelas formando a carapaça resistente que conhecemos. A carapaça. Quando Jonas acordou no dia primeiro de Janeiro não imaginaria jamais que haveria uma dessas esperando por ele no fundo do mar. Sua teima em não ir à festa no barco fora vencida pela insistência da ex-namorada, mas não ter ouvido a si próprio naquela manhã mudara completamente sua história. Buscava alimento cutucando com a cabeça na fenda dos corais, ou aquela tartaruga simplesmente triturava um pequeno molusco quando fora alvejada por uma pedrada pesada vinda de cima? A cabeça de Jonas. Pode ser ironia, mas aquela tartaruga parecia não haver chegado àquele exato lugar naquele momento, mas esperava Jonas desde sempre ali, parada, quieta, à espera de seu frágil peçoço. Ali se instalara, ali se alimentara todo esse tempo, crescera, se tornara forte e sua carapaça embora leve se fortalecera quase que de propósito a fim de esperá-lo “ele estava de mal humor” me contou sua ex namorada, “chegamos no barco e ele mal tocou na comida, não tomou nada, chegou, retirou a camisa e simplesmente pulou”.

Eu havia enfrentado seis horas de viagem de volta, mas chegando à minha cidade fui direto ao Pronto Socorro Central para saber como deveria proceder a fim de conseguir o que precisava: uma vaga no Hospital da cidade onde morava. Imediatamente fui informada que precisaria de um relatório contendo todas as informações sobre o caso e levar para a nova coordenação do Pronto Socorro, e assim fiz.

Ao ver o relatório a médica, coordenadora, me informou que não seria possível ceder A Vaga, pois precisaria de um neurocirurgião e no hospital não havia. Eu expliquei o que o médico já havia me dito “ele não precisará de um neurocirurgião, ele vai precisar de um neurologista, um





fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, fisiatra e cirurgião plástico” e todas essas especialidades o Hospital da cidade tem. Percebi que ela se irritou um pouco, mas eu não entendi muito o motivo, afinal, um acompanhante estar interado dos procedimentos pelos quais o paciente passará é motivo de conforto e não de mal estar. Mas a negativa foi certa. Para melhorar o incomodo que deixara, recebi calada a resposta clichê:

“Sinto muito” olhou o relatório de esgueira apenas para dar a impressão que verificara todas as possibilidades e me disse estendendo o relatório e me dando as costas “não será possível ceder a vaga, ele precisará de um neurocirurgião para acompanhá-lo”.

“Mas o procedimento cirúrgico já foi feito” argumentei

Visivelmente irritada foi decisiva. A frase eu já conhecia.

“Sinto muito”.

Se aquele Pronto Socorro era um cérebro, certamente aquela médica era um neurônio descorticalizado. Não enxerguei nela a menor vontade, desejo, disponibilidade. Fazendo jus ao seu treinamento militar foi seca, não olhou na minha cara enfiada no seu jaleco branco e sua cara reta e engomada me fizera sentir uma prisioneira de Ernesto Geisel. A notícia já havia se espalhado e a solidariedade viam de todos meus amigos, eu conhecia a todos.



Por alguns momentos dentro da minha cabeça, rodando à procura de uma ideia, reparei que aquele lugar inteiro parecia um cérebro cujos neurônios empacados pareciam tirar sarro da natureza cuja simplicidade corriqueira do dia a dia inevitavelmente caminha para a evolução.

Aguardei alguns minutos e a secretária de gabinete da superintendência da saúde me atendeu. Sim, eu não havia desistido e batia à porta de quem podia me dar esperança. A secretária de gabinete ao me atender foi direto ao assunto. Perguntou o que havia acontecido e quando terminei, ela olhou-me sincera e disse.

“Vamos ajudar”

Pegou o telefone e ligou para a médica, a mesma que a pouco havia me negado a ambulância. Conversaram por telefone por alguns minutos e quando desligou olhou-me segura e disse “bom, ela disse que não temos uma das especialidades que julga necessária para transferi-lo pro Hospital da cidade, mas se você conseguir o Hospital nós disponibilizaremos ambulância UTI, médico e enfermeira”.

“Iup!” As coisas começavam a caminhar. Mas que Hospital me cederia A Vaga?

Fui pra casa e comecei a ligar pra todos os Hospitais da região já que o da minha cidade não seria possível. Já era tarde quando recebi uma ligação de Willon, enfermeira e amiga, disse que havia conversado com Campos, médico do Hospital local onde trabalhava o mesmo Hospital que me fora negado pelo neurônio descorticalizado, e que eu deveria procurá-lo pela manhã.





Separei o relatório que o neurologista havia me dado e fui cheia de esperança falar com Campos à procura da “A Vaga”. Eu me desarmeí, estava cansada, saía como flashes rápidos, pequeninos raios acesos de seus olhos uma esperança que me fortalecia, mas não me tranquilizava. “A Vaga”, como já disse, é uma pessoa, ela decide seu futuro como alguém que tem vida própria, vontade, desejo, ela apaziguará seu coração ou te colocará à rua novamente à procura de sossego. Jonas, sequer imaginava que a “A Vaga” às vezes se esconde, se embrenha atrás de um rosto fechado, se empoleira como uma galinha acima dos galhos retorcidos e variados da burocracia, por entre tantos outros galhos secos e descascados que às vezes, como um lagarto, a “A Vaga” desaparece como num mimetismo.

“Você trouxe algum relatório?”

Eu estava com ele nas mãos e dei a ele. Ele leu demoradamente.

“E aí?” perguntei ansiosa. Ele riu.

“Vou conversar com o médico que o atendeu. Vou pedir para fazerem a ligação, você me dá um minutinho?” me disse. Eu não deixei que ele saísse daquela sala, saquei o celular e telefonei para o médico ali mesmo na sua frente “você veio preparada” ele disse rindo novamente. Depois de alguns minutos desligou o celular.

“Tem vaga. Pode trazê-lo”.

Minha vontade foi de dar um grande abraço em Campos, naquele momento descobri que existe Super Herói, sim esse mesmo das estórias em quadrinhos, aqueles que exercitam a ética, que lutam por justiça, por fazerem o bem; existem alguns heróis espalhados nos hospitais, atrás de seus óculos



e seus jalecos e estão prontos a oferecer não só atendimento mas afeto e alento às pessoas que nunca viram. Oferecem bem mais do que a medicina pode ofertar. Mas sufocando as emoções, apenas consegui dizer muito obrigado.

De volta ao setor de ambulância com a carta do médico em mãos não tive problemas em agendar a data para o dia seguinte. Depois de alguns minutos a coordenadora me atendeu, sim eu ainda precisava que aquele neurônio descorticalizado me fornecesse um médico e uma enfermeira para acompanhar Jonas na ambulância UTI.

Ela lera o papel que me liberaria a ambulância. Em pé, como fizera da última vez, e sequer me convidou para entrar ou me sentar.

“Então você conseguiu a “A Vaga?” e o tom era de desprezo.

“Sim, Dr. Campos não enxergou obstáculo, afinal o Hospital comporta tudo o que ele precisa” e lhe entreguei a carta com A Vaga cedida e agendada. Ela, eu não sabia, ainda podia me ferir e não hesitou.

“A ambulância está agendada, mas há um *porém*” Eu odeio “poréns” empregados nessas ocasiões: “, eu não tenho uma equipe para mandar com a ambulância”. E continuou: “provavelmente daqui trinta dias a gente consiga uma para enviar”.

“Trinta Dias?!”

“É só aguardar” continuou como se riscasse a ponta de uma espada no pescoço de um espadachim desarmado “a secretária entra em contato com você”. Virou-se em direção à porta e apenas voltou-se porque achou, por algum motivo, que a espada que enfiara em mim ainda não alcançara órgão





vital “Você tem a alternativa de contratar uma equipe. É mais rápido, mas não sairá barato”.

Eu caminhei dali até a sala de enfermagem onde me encontrei com Pocahontas, minha amiga e uma excepcional profissional, que já havia escalado a equipe para acompanhar a ambulância. Quase desabei. Pensei como é engraçado o modo como o “Não” parece ser para nós muito mais sinônimo de “Poder” que o “Sim”. Ora, tanto o “Não” quanto o “Sim” tanto a disponibilidade em ajudar quando a recusa seriam atitudes advindas da mesma pessoa e não impostas por mim logo, fosse qual fosse a atitude daquela mulher, ainda estaríamos sob a sua autoridade, então é engraçado como o “Não” prevalece como forma de autoridade quando o “Sim” significaria a mesma coisa. Parece que o “Não” adoça a língua de algumas pessoas.

A notícia se espalhou rápido e antes que eu sáísse do corredor tive a notícia de que um médico cederia sua folga. A coordenadora se irritou novamente “esse PS parece mais a casa da Madre Tereza” disse como se isso não fosse atitude elogável.

Passaram-se cinco dias e numa sexta-feira Jonas fora transferido, dera entrada no Hospital da cidade às duas horas da madrugada e daquele momento em diante eu teria condições de acompanhar sua recuperação de perto. Eu estava novamente como acompanhante e desta vez de Jonas, o meu irmão.

Primeiro sábado, apesar da familiaridade com o ambiente hospitalar, eu não tinha familiaridade nenhuma com a situação dele, tudo era novo. Eu - munida de livros para propiciar leitura se ele quisesse e um dominó - estava pronta para enfrentar os longos dias. Na verdade, eram tantos



exames que mal dava tempo para fazermos outras coisas, mas as brincadeiras e o otimismo não podiam cessar, era urgente encorajá-lo. Naquele dia, ao entardecer ele teve febre muito alta, eu recebi uma compressa e uma bacia com água fria para banhar seu corpo que ardia, ele teve dificuldades respiratórias, eu procurava fazer tudo o que me havia sido orientado, mas cheguei a conclusão naquele mesmo dia que, se eu quisesse ajudá-lo precisaria me debruçar sobre o assunto. Mergulhei na leitura.

Tivemos nos dias seguintes a visita de Campos, que com o tempo revelou-se uma espécie muito boa em seu nicho, talvez como golfinhos capazes de, no mar, empregar habilidades e compreender uma linguagem muito avançada, cada ida de Campos àquele quarto fazia toda a diferença.

Logo nos primeiros dias me apresentou o neurologista. Eis aí uma ótima história.

O neurologista acompanharia Jonas. A princípio foi claro sobre a situação dele, mas não me trouxe nenhuma informação nova. Jonas sentia falta do mar, às vezes fechava os olhos mar a dentro e dizia sentir a brisa no rosto, o ar fresco dos dias de sol onde mesmo dentro do convés, na cozinha improvisada do barco preparando camarões frescos para o jantar, conseguia sentir. Alguns minutos se passavam e seus lábios sorriam. Às vezes era um sonho, sonhava que estava em alto mar e novamente acordava suado, tentando sentir a brisa molhada, a água fria, o peixe vivo na mão ou o tranco da rede. Como seus banhos eram todos nos leitos com bacia, jarra, compressa sem a corrente de água sobre a cabeça, Jonas insistia em tomar banho no chuveiro, o sol entrava pela janela, aquecia o quarto e ele desejava sentir a água vinda de cima e fria.





No primeiro dia que lhe foi liberado o banho no chuveiro ficou muito excitado como se seu sangue tivesse recebido uma seringa de caramelo até as tampas. No banho, as coisas não saíram como esperávamos, a água pouco lhe bateu nos cabelos ralos e ele iiióóóóóopt, desmaiou. E assim se seguiu, todas as vezes que colocávamos seu corpo ereto debaixo do chuveiro ele desmaiava. Perguntei à clinica geral se ela tinha hipótese do que estava acontecendo com Jonas e fui informada que provavelmente era uma hipotensão postural ou ortostática, ou seja, uma queda súbita de pressão sanguínea quando um indivíduo assume posição ereta.

Esses desmaios continuavam a cada tentativa de banho, e sempre acompanhada com a mesma afirmação e o que a princípio era uma suspeita passou rápido de suspeita à única possibilidade de verdade. Numa tarde ensolarada ele pediu novamente pra tentar ir tomar banho no chuveiro, como ele mesmo parecia uma tartaruga com milhões de anos insistindo em pular na corrente oceânica da costa leste da Austrália a equipe resolveu atender seu pedido. Ao colocá-lo na cadeira de banho já despido, ele novamente desmaiou mesmo com suas pernas levantadas bem acima do chão, suas necessidades fisiológicas vieram todas de uma só vez, uma situação horrível, eu não sabia o que fazer. Assustada, pedi à enfermeira que aferisse a pressão dele, precisava saber quanto estava e pra minha surpresa e da equipe clínica daquele plantão, a pressão estava em quatorze por nove, ou seja, não se tratava de hipotensão postural. Ora se não era hipotensão então o que poderia ser?

Assim que o neurologista chegou, fui até ele numa tentativa de que me desenvolvesse outra resposta sobre o caso. Aproximei-me do balcão, cumprimentei-o com um



“bom dia” e pedi um minuto de sua atenção. Ele, sem olhar pra mim, respondeu friamente sem retirar seus olhos dos papéis que separados à sua frente pareciam lhe interessar muito mais.

“Pode falar”.

Relatei o que havia acontecido e antes de informá-lo justamente sobre a aferição da pressão ele interrompeu-me.

“Eu já expliquei o que acontece” ainda sem olhar pra mim.

“Qual foi a parte que você não entendeu? Isso chama-se hipotensão postural” e, com um movimento sutil do corpo sinalizou como se acendesse na minha cara o farol de Jidá dizendo “cai fora!”.

Minha vontade foi de pular naquele colarinho e despentear com as unhas aquele cabelo embalsamado de gel e lhe responder “não é hipotensão postural, pois aferimos a pressão e ela esta quatorze por nove”, mas tive que engolir a vontade e educadamente dizer tudo sem as tais sacudidelas.

Ele finalmente olhou pra mim e disse “mais tarde vou vê-lo”.

Não tive naquele momento alternativa se não concordar.

Passou todo o período da tarde e ele não apareceu, quando perguntei à enfermeira fui informada de que ele já havia feito todas as visitas, e que só visitaria Jonas pela manhã seguinte, o que não aconteceu novamente.

Cheguei em casa à noite e mesmo exausta com toda aquela situação fui para internet começar uma nova busca. Lembrei-me de quando procurava sem muito saber o que as respostas para a doença do meu filho num dicionário médico.





Comecei a busca, cliquei “artigos sobre cirurgia de artrodese e complicações” e vieram mais ou menos dez artigos, li todos e entre eles um que me chamou atenção. Tratava-se de uma tese de um neurologista da universidade de Brasília. O artigo dizia que em alguns casos, muito raros, pacientes apresentarão os mesmos sintomas de Jonas, por conta da perca de uma das artérias carótidas. As artérias carótidas são vasos sanguíneos que levam sangue arterial do coração para o cérebro. Cada indivíduo tem duas artérias carótidas. Elas têm sua origem no tórax, arco aórtico, passam através do pescoço, uma de cada lado, até alcançar o crânio.

Imprimi aquela página e levei para o Hospital. Não tinha a intenção de confrontá-lo e sim de acrescentar no livro de possibilidades uma hipótese a mais. Coincidentemente encontrei-o no elevador. Lembrei-me de que em uma de suas histórias Jonas havia me contado sobre um peixe chamado peixe-pedra, é uma espécie perigosa porque parece inofensivo, mas possui um veneno nocivo ao homem, sinceramente eu olhava para aquele neurologista e não conseguia enxergar outra coisa. Ele era o próprio peixe-pedra em seu jaleco branco, gravata passada, pasta e muito gel. No elevador o silêncio cortante decepcionou minha língua e só tive coragem de interrompê-lo na saída.

“Bom dia”

“Bom dia”

“Doutor” forjando entusiasmo “queria falar com o Sr.” Ele me disse que não poderia naquele momento parar para uma conversa e que talvez só fosse possível mais tarde mas, mesmo ele não parando, continuei andando ao seu lado, procurava estender o silêncio a fim de lhe mostrar o



artigo, em vão, ele nem sequer parou ou reparou no que eu tinha em minhas mãos. Então rompi o silêncio e lhe detalhei rapidamente sobre o que se tratava. Ele parou. Enfim. Ufa.

“Você é médica?!” Me perguntou com dois olhos esticados para fora e ele mesmo respondeu “não! O que você faz? Qual a sua especialidade?”.

Assustei-me devido à sua reação espantosamente fora de propósito e hoje penso que talvez por isso lhe tenha devolvido resposta tão calma.

“Sou pedagoga em saúde”, mas eu poderia ter dito que era “Rainha da Inglaterra” e ele não teria notado.

“Eu sou médico!” concluiu e me deixou plantada com o papel na mão e a equipe de enfermagem olhando pra mim. Saí dali e voltei para o quarto de Jonas que me perguntou como havia sido a conversa. Não respondi claro. Mas eu não iria desistir.

Depois do almoço Campos entrou no quanto sorridente e brincando. Chamei-o para fora, sentamos numa sala de espera perto do elevador e lhe expliquei que havia lido alguns artigos que apontavam para novas direções o motivo de tantos desmaios de Jonas. “hipotensão postural” não me convencia mais “não quero ser pretenciosa” lhe disse “mas talvez fosse interessante um Doppler de pescoço”. Chamei assim um exame, na verdade, denominado Doppler de Carótidas e Vertebrais, é um exame nada invasivo e com duração em média ou inferior a 30 minutos. O paciente irá permanecer deitado e serão examinadas suas carótidas na região do pescoço. “Não quero passar por cima da autoridade do neurologista, mas acho que podemos fazer isso” lhe disse ainda.





Ele chamou o neurologista e saíram ambos de dentro da sala com o pedido aceito.

O exame foi feito e... “eureka!” constatou a perda de uma das carótidas. Na cirurgia de artrodese um dos parafusos havia pressionado o vaso sanguíneo. Na sala, Campos e o ultrassonografista riam.

“Parabéns pelo diagnóstico, *Doutora* riu Campos, mas o seu olhar ao invés de me cumprimentar ironizava o desassossego quase infantil do neurologista postado no batente da porta “precisamos conversar”, Campos lhe disse e saiu.

Quanto a mim, ainda na sala, não me contive, pulei no bonde sutil e irônico de Campos e lavei a alma “nessa aula eu estava presente e você faltou, *doutor*” lhe disse e eu não me referia à perda de uma aula de um mestre catedrático.

E saí.

Às vezes, olhando determinadas situações como essas, o modo como diariamente pessoas tratam e são tratadas, penso que o Éden não cumpriu o seu papel. Suponhamos que aquele Jardim fosse para ser talvez um espaço de quarentena, um pré-vestibular para o mundo. A história nos conta que todas as tardes o Criador vinha conversar com o casal. Sobre o que conversavam? Mesmo que o criador desejasse, por assim dizer, despachar funções, inspirar-lhes suas próprias descobertas, acho que também gostava de conversar sobre suas ideias, suas ideias para o homem, seus propósitos, o próximo passo. Por causa da desobediência eles foram expulsos do jardim, e, como sabemos, não puderam voltar nunca mais. Foram expulsos do lugar da aprendizagem.



Suponhamos que o “fruto” do bem e do mal fosse algo para o qual eles simplesmente ainda não estavam preparados. Seria esse fruto apenas o próximo passo? Uma porta? Mas o fato é que eles não tiveram tempo. Não tiveram talvez estações suficientes para aprender sobre o que lhes esperavam para fora do Éden. Ter filhos e cuidá-los sob a supervisão do Criador talvez fosse um bom negócio em vista do que se tornou em terra estranha. Aprenderia como cuidá-los, corrigi-los, guiá-los. Talvez ensinasse um pouco mais sobre o amor, sobre as relações humanas que julgamos complicadas e às vezes não toleramos. Talvez tenha Eva se convencido de que não precisava mais aprender. A vaidade talvez não seja apenas um dos maiores erros do homem, mas também um dos primeiros.





Seguindo em frente

Quando o Batalhão de Operações Especiais (Bope) da Polícia Militar do Rio de Janeiro começou, na manhã de uma sexta-feira, 26 de novembro 2010, a histórica incursão no Complexo do Alemão, na Zona Norte da cidade, olhos e lentes do Brasil, e de todo o mundo, voltaram-se para a região. Ultrapassando a perspectiva do combate ao tráfico, da disputa de poder entre o Estado e um poder paralelo, a Superintendência de Promoção de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, desencadeou planos de ações emergenciais para proporcionar acolhimento aos moradores da região. Uma das iniciativas foi a Tenda de Brincação, para acolhermos as crianças que passavam por um momento de total vulnerabilidade e precisavam de apoio, instrumentos, atividades que as tirassem do foco da tamanha violência.

Foram 20 dias de oficina de brincação, oferecida à comunidade numa tenda instalada na Clínica da Família Zilda Arns. O espaço ofereceu atividades lúdicas expressivas e com intensidade acima do esperado. A princípio, a tenda foi aberta às crianças, mas no decorrer dos dias, todos - mães,



pais, avós e cuidadores - também se tornaram presença constante. Todos queriam fugir do estado de choque em que se encontravam e entrar na tenda para brincar. Foi comum ver mães e filhos brincando juntos no tapete colorido, com massinha de modelar colorida. Foi emocionante ver os olhos das mães cheios de lágrimas, por admirarem o sono tranquilo de seus filhos sobre o tapete colorido, momento raro, quase em extinção em uma atmosfera tão assustadora. Famílias inteiras cantavam juntas, ao som do violão, desenhando, brincando de roda e ouvindo o fantoche-cachorro a quem deram o apelido de Rex Bille. Também foi bom ver meninos e meninas dando linha à paz que tanto desejavam, fazendo e empinado pipas brancas, descendo do morro crianças que nunca antes haviam descido e subindo de volta, com o coração mais leve, deixando na tenda a bagagem que haviam trazido. Foi marcante perceber como as crianças se apropriaram aos poucos do espaço. Como disse um dos repórteres a nos visitar, “não havia muito ali, havia lápis, papéis, massa colorida para modelar, livro de pano, mas o que acontecia naquele espaço era algo surpreendente”.

Com aqueles materiais, os moradores da comunidade encontravam a oportunidade de relatar suas vivências. Desenhavam suas experiências, externavam medos e anseios e expressavam o cotidiano violento em que vivem. Tudo de maneira espontânea. Eu, em poucas horas, me tornei a Xuxa do Alemão! Qualquer um que quisesse me encontrar bastava me procurar por esse nome. Em pouco tempo, o público tornou-se muito maior que o esperado. Quando o espaço dentro da tenda ficou pequeno, e as pessoas se preparavam para se amontoar de forma desordenada, a ocupação do espaço externo trouxe novamente equilíbrio e conforto à iniciativa.



Atividades coletivas de pintura solucionaram a questão de forma prática e igualmente divertida e eficaz. A criatividade foi a nossa principal aliada, nosso guia, numa espécie de lei irrevogável dentro da tenda. Todas as atividades eram desencadeadas a partir das necessidades que encontrávamos, todas as brincadeiras eram iniciadas a partir das demandas que nos batiam à porta. Muito bom ouvir da boca deles, com espantosa propriedade, a satisfação pelo *Projeto* como se referiam à tenda de Brincação. “Como é gostoso brincar!”, diziam. Se mostraram, algumas vezes, muito preocupados com o possível fim do *Projeto*. “Vai acabar?” me perguntavam, preocupados. “Aqui tudo acaba...”.

O “Projeto”, como dizia as crianças, deu tão certo que a Clínica da Família Zilda Arns terá um Espaço Lúdico ou brinquedoteca. A concepção está em formação, em processo quase finalizado de contratação de profissionais na área, capacitação de grupo de trabalho da unidade, adequação e construção do espaço. Além de desenvolver atividades lúdicas, a brinquedoteca servirá como ponto de observação da atenção integral à saúde. Será, antes de tudo, uma porta de acolhimento da comunidade na Unidade de Saúde.

Desejo profundamente que a busca pela alegria e pela paz dessas crianças não se cale e que elas as busquem com afinco desvairado e louco até encontrarem o que desejam. As atividades no Complexo do Alemão nos provaram, mais uma vez, que não se separa a criança do brincar, que não se pode transformá-la numa espécie de telespectador-zumbi, impregná-la com a preguiça que reina no sofá e exala do controle remoto, nem lambuzá-la com a violência dos jogos eletrônicos ou com a violência real, do lado de fora da porta. Uma espécie de reencontro aconteceu na Tenda da



Crônicas de uma Dr^a Borboleta



Brincação entre o brincar e as crianças, isso nos provou que é preciso compreender, que conhece-los – os pequenos - é inevitavelmente uma busca, por isso, tudo foi tão mágico, tão profundo e transformador. Mais uma vez se provou que é preciso reinventar o caminho do cuidado, da equidade, da promoção da saúde, da paz. Eu diria, enfim, que só pode fazer sentido a atitude de que “(Re) inventar a saúde pelo afeto”. Isso é toda a história, as histórias daqui organizadas; mas também é *uma outra história* a ser (re)começada, posto que já tanta coisa nova sendo vivida e é preciso parar para contá-las também.

Borboletar é coisa de voo. Mas também de espalhar pólen. Histórias que sejam de fazer brotar (brincar) novas ações...



Referências

SIMMEL, George. Filosofia do amor. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, Lev Semenovich.. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.





Cléo Lima nasceu na cidade de Barueri, onde realizou seus estudos até a licenciatura e bacharelado em Pedagogia. Brincante e especialista na concepção de Brinquedotecas em hospitais e na Atenção Primária idealizou e coordenou a brinquedoteca do pronto socorro infantil municipal da cidade de Barueri, local onde foi palhaça, brincante e aprendiz durante oito anos. Trabalha como Pedagoga em Saúde na Superintendência da Promoção de Saúde da Secretaria de Saúde da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Atuou como Produtora Pedagógica no programa Palavra Cantada da rádio América, em São Paulo; onde preparava e desenvolvia oficinas com as crianças que apresentavam o programa. Mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro em 2009, ingressando em 2010 na Secretaria Municipal de Saúde, trabalhando na coordenação de educação em saúde.

Desenvolveu o Projeto Brincança/Espaço Lúdico nas Clínicas da Família Zilda Arns e Felipe Cardoso, na histórica operação em 2010 no Complexo do Alemão na Zona Norte do Rio de Janeiro.



Criou o Coral Liga dos Cantantes na Clínica da Família Zilda Arns, grupo esse que se apresentou para o Príncipe Harry de Gales, evidenciando a potência da produção das artes no cuidado a saúde. Desenvolveu atividades lúdicas expressivas na Clínica da Família Olímpia Esteves atendendo alunos e parentes diretos e indiretos das vítimas da tragédia da Escola Municipal Tasso da Silveira.

Atua junto às diversas frentes de trabalhos com a prática do brincar, a palhaçaria, escuta de crianças e adolescentes. Faz parte do grupo de trabalho no Plano Municipal pela Primeira Infância - RJ (PNPI) e da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI). Integrou a coordenação do Coletivo Experimentalismo Brabo, atuando em Território de exclusão social. Está vinculada à linha de pesquisa Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde, nos sinais que vem da rua, sob orientação de Emerson Elias Merhy.

Realiza fóruns com crianças e adolescentes em favelas e rua abordando os direitos humanos na cidade do Rio de Janeiro, militante na luta pela igualdade racial e direitos humanos.

Contato: cleolima.brinc@gmail.com



Dra. Borboleta aos olhos de Camila!





Publicações da Editora Rede UNIDA

Séries

Clássicos da Saúde Coletiva

Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde

Série Arte Popular, Cultura e Poesia

Série Interlocuções: Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde

Série Atenção Básico e Educação na Saúde

Série Saúde Coletiva e Cooperação Internacional

Série Vivências em Educação na Saúde

Periódicos

Revista Saúde em Redes

Revista Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia

editora



redeunida

www.redeunida.org.br